THEOPHILO BRAGA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL

EDITORA

LISBOA

MIRAGENS SECULARES

THEOPHILO BRAGA

MIRAGENS SECULARES

LISBOA
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL, EDITORA
96, Rua do Arsenal, 96

1884

O homem moderno, pelas novas concepções que fórma do universo, pela acção que exerce sobre o meio cosmico e pela maior consciencia que adquire da propria individualidade, está de tal fórma separado do homem antigo, que, sentimentos mais profundos e mais altruistas o levam a crear o Ideal para uma outra Poesia. Não é já possivel estacionar na imitação de productos tradicionaes elaborados sobre mythos inconscientes na Arte antiga, porque necessidades mais subjectivas nos obri-

gam a deduzir d'essas tradições particulares os themas geraes e os correspondentes typos estheticos que exprimam as aspirações da liberdade. O que as civilisações antigas fizeram, adaptando as tradições nacionaes ás fórmas empiricas fixadas pela Arte, devemos continual-o de um modo consciente, disciplinando os sentimentos pelas noções e concepções positivas.

O lyrismo antigo saíu do modo de sentir pessoal, generalisando-se á expressão da passividade collectiva peculiar de épocas em que uma exclusiva existencia activa era dirigida pela *synthese affectiva,* realisada pelas Religiões. Hoje o lyrismo tem outro destino: á medida que as sciencias nos vão demonstrando a nossa invencivel submissão ás leis cosmicas, os impetos do sentimento indisciplinado da multidão que reage contra o desconhecido não devem ser supplantados pela de-

monstração impassivel da lei physica ou biologica; as ideias suggeridas por este estado da consciencia, não podendo ser objecto da Sciencia nem da Philosophia, acham a sua expressão natural e completa na Poesia.

A epopêa antiga era o desenvolvimento anthropomorphico dos mythos espontaneos, modificados pelo tempo em lendas vulgares, e elaborados com um intuito nacional; os mythos eram as personificações dos phenomenos da natureza. Hoje os phenomenos não são individualisados, mas descriptos e subordinados ao seu condicionalismo; portanto, a fórma do mytho primitivo está fóra do nosso estado de consciencia scientifica, e o que ha de poetico n'essa fórma só póde ser applicado como imagem ao relêvo pittoresco e vulgarisação das ideias abstractas. O mytho moderno ha de ser consciente, e por isso o seu fim é tornar-se uma *synthese especu-*

lativa; achar o mytho que melhor possa exprimir uma verdade historica, scientifica ou philosophica, eis o principal processo para a epopêa nova, correspondente ao periodo universalista para que tendem as Litteraturas, como previu Goëthe.

A concepção da ideia de Humanidade, que é a expressão admiravel da solidariedade humana, tende a tornar-se o ideal de todos os espiritos e a grande realidade de todas as obras de Arte. Foi a Historia, onde o homem adquire a consciencia de si como ente social e perfectivel, que trouxe ao nosso seculo a ideia fecunda de Humanidade. Nas epopêas primitivas, nas maravilhas geniaes de todas as litteraturas antigas, não se encontra essa noção, que só o decurso dos seculos e o concurso das civilisações fizeram sentir. Deve ser esta a caracteristica da Arte moderna; o pensamento perde o que tinha de pessoal e egoista procurando representar

todos os esforços empregados para definir um dia esta realidade ideal.

Tentando esta vereda nova da poesia, a Historia é o campo largo onde podemos ir fortalecer em nós essa consciencia da collectividade abstracta mas predominante no estado moral de hoje. A simples comprehensão da Historia é o thema fundamental de uma vasta epopêa; a Historia — *a lucta da liberdade contra a fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

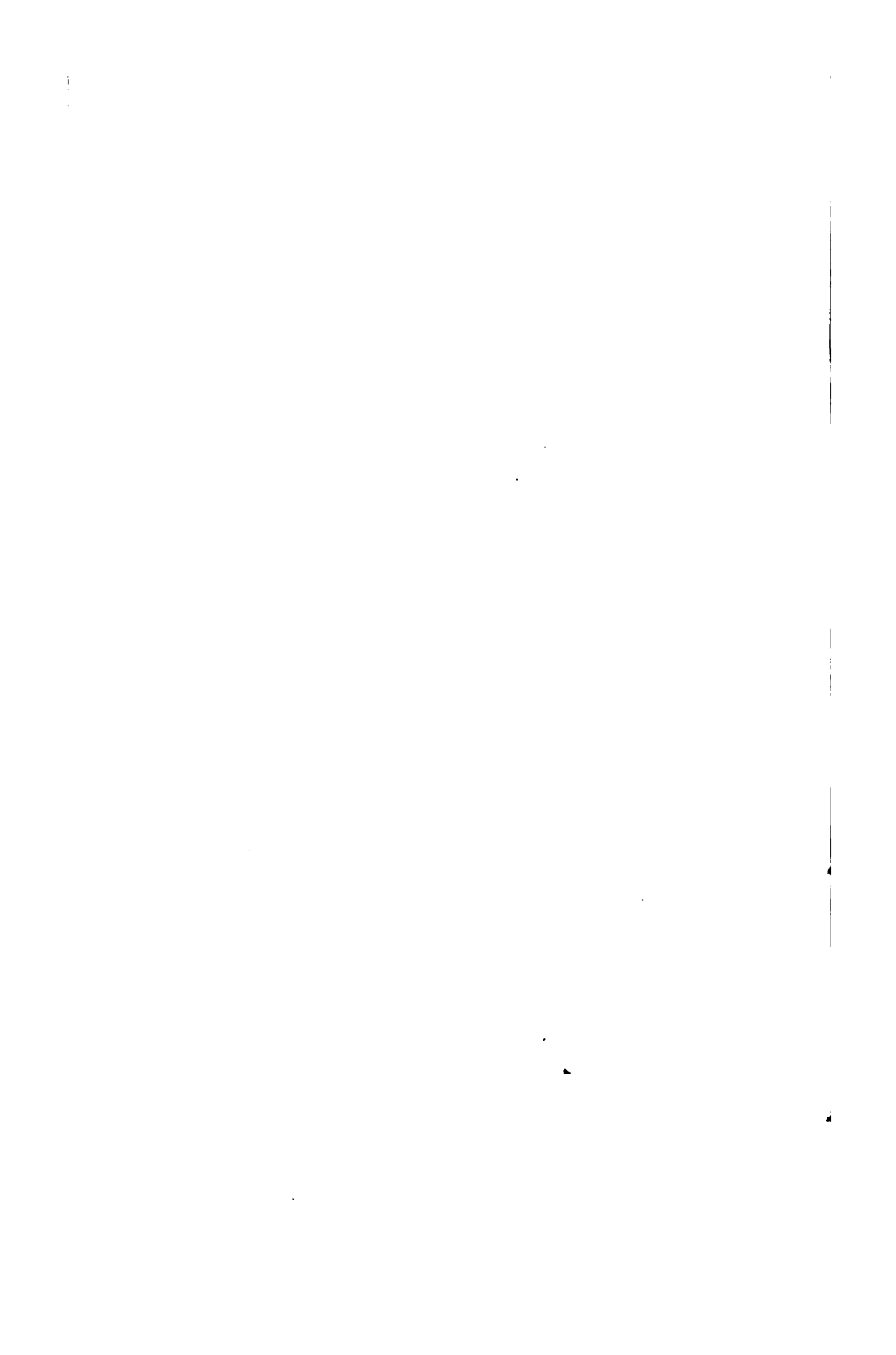
A Fatalidade, ou o conjuncto das forças naturaes que o homem teve de vencer; os instinctos, e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

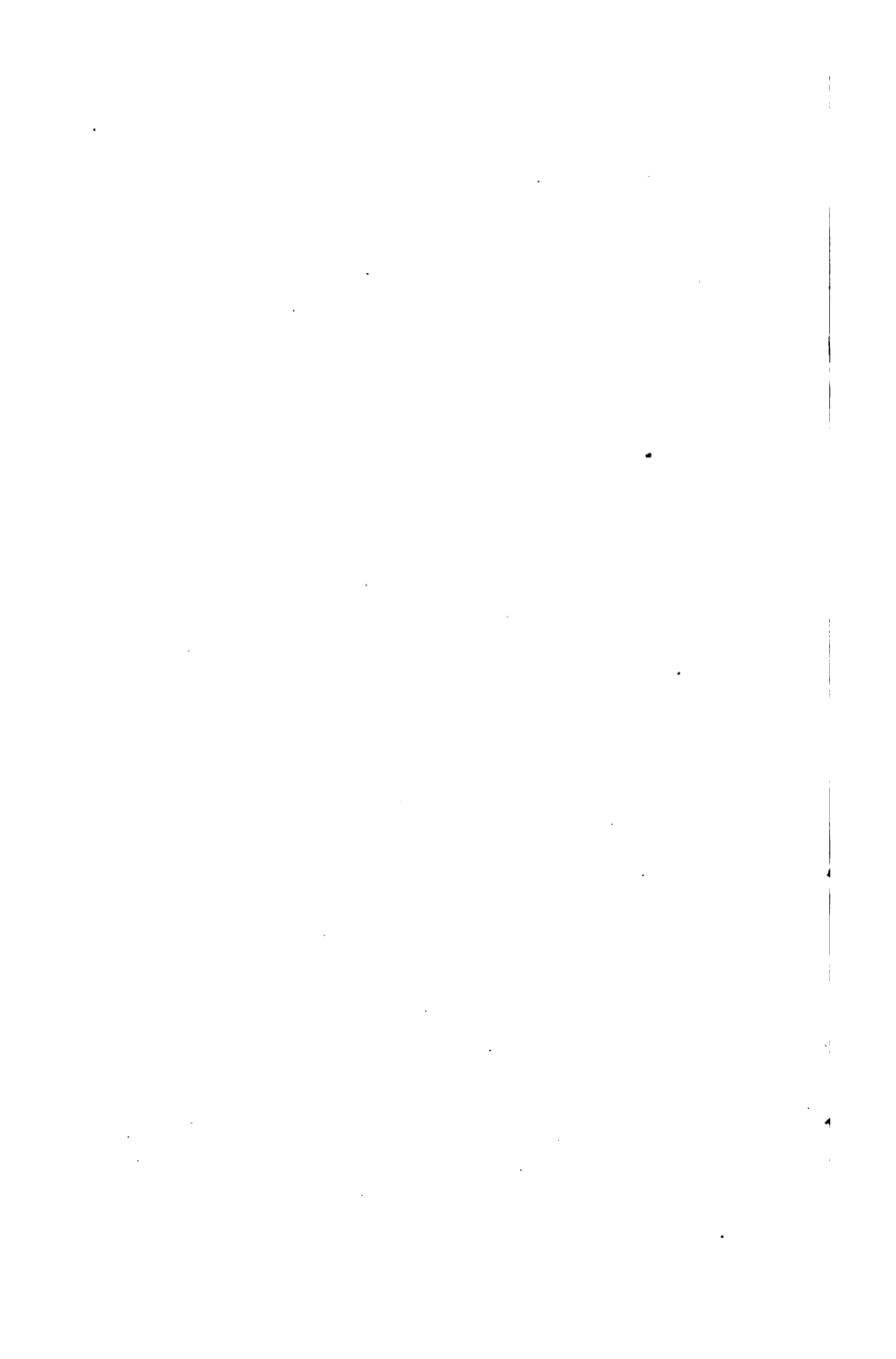
A Lucta, ou o conjuncto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilisação.

A LIBERDADE, ou o momento em que o sentimento e a rasão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reunirem o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica.

As epopêas antigas foram productos organicos, que já se não podem repetir, porque passou o estado psychologico e social que as inspirou; as epopêas litterarias foram sempre uma falsa e servil imitação das obras seculares, e como falsas perderam o perstigio. Mas a concepção épica não póde estar extincta, principalmente quando se chegou a determinar o mais vasto e mais bello de todos os ideaes. Existe o espirito da epopêa nova, falta ainda dar-lhe fórma; que se accumulem os esforços. Augusto Comte foi o primeiro que presentiu a necessidade da grande

Epopêa da Humanidade, e que a esboçou em parte na commemoração historica pelo culto sociolátrico; elle indicava o genio italiano como o que devia crear a epopêa de hoje, do mesmo modo que Dante fundou o poema da Edade Media.

Incapazes de acompanharmos os progressos da sciencia, procuremos nós os portuguezes, ao menos, reflectil-os na idealisação poetica da Humanidade, de que somos orgão inolvidavel como iniciadores da éra pacifica do trabalho pela actividade das navegações e descobertas maritimas, que vieram universalisar as civilisações mediterraneas. Fóra da acção do conflicto europeu, acompanhamol-a pelas emoções; emquanto outros luctam, preparemos o canto que succede á victoria.

PARTE I

CYCLO DA FATALIDADE

A TRADIÇÃO

Como a taça do velho rei de Thule
Que dá vigor aos apagados annos,
E, ao exhalar o alento derradeiro,
Se atira ao revoltoso mar profundo:
Tambem as gerações, uma após uma,
Levadas na voragem das edades,
Arrojam sobre o pélago frem ente
Do tempo immensuravel que as absorve,
Taça dourada—a Tradição, por onde
Da vida o travo, o goso e a dor provaram.

É largo oceano o Tempo: ondas sobre ondas
Parecem n'elle as gerações passando,
Como o curso fatal dos grandes rios
Que vão perder-se no insondado estuario.
Ah, não é só a vida o que se finda!
Esgotam-se as copiosas catadupas,
As torrentes caudaes, os fundos mares.

D'esses rios e mares que mais resta
Além da móle de areiaes immensos,
Feitos d'arestas soltas, diamantinas,
Confundindo os detritos de outros sêres,
Sêres extranhos, que evocou a terra,
A mãe fecunda que devora os filhos?
De tantas gerações, baixeis submersos,
Das civilisações mudas, vetustas
Alguma cousa resta,—e persistente
Como esses areiaes diamantinos,
Mysteriosa como esse informe esboço
Que a natureza sem cessar amolda:
Tal é a infinda tradição das éras,
Lotus pairando sobre o largo oceano.
Bem vinda a Tradição! Oh forma errante
Que andas de cyclo em cyclo sempre em busca
De quem um novo espirito te insufle;
Como alma do passado que transmigra,

Vens ao homem trazer-lhe mais coragem,
Dar mais ardor ao seu combate longo.
Doce guia, tu mostras-lhe os abysmos
Lá d'onde egual ao bruto elle se erguera,
Tu lhe ensinaste a conservar o fogo,
A fabricar a clava e o montante,
A cidade lacustre.
E, transmittindo
As conquistas do Prometheu vencido,
Os recursos de Tvasthar e de Hephàestos
Que egualaram os Deuses em sua obra,
Da lucta veiu-nos a Arte! Herança do homem,
Oh Tradição augusta, a consciencia
Tu nos deste da inexgotavel força,
Pois que accumulas todos os despojos,
De cada arranco guardas o queixume,
De cada passo a intrepida experiencia.

Como aquelle que vae atravessando
Doentio deserto interminavel,
De dia sob as calmas oppressivas,
De noite sob um céo gelido e opáco,
Busca as pegadas que o atalho avivam,
E a luz polar que a cerração obumbra:
Bem hajas, Tradição! senha sagrada
Que as tribus do universo entre si trocam,
Conhecendo-se irmãs alfim um dia,

Desmembradas nas migrações longinquas,
Nos conflictos mortaes das fortes raças.
Intolerantes dogmas sanguinarios
Embebem de odios a familia humana;
Algum culto ha do que outro mais divino?
Não tem por germen primordial o mytho,
Quando a mente buscou dar forma um dia
Aos sonhos do Ideal que a inebriavam?
Tu nos guardaste as bases da concordia.
Tu conservas, oh Tradição augusta,
Os radicaes primévos da linguagem,
Essas notas unisonas por onde
Conhece cada povo o intimo esforço,
Que lhe fixou a relação das cousas.
Contra aversões de raça, que separam,
E o furor de invasões e de destroços,
Na marcha desegual do pensamento,
A mesma aspiração identificas:
Historia é o nome do fraterno abraço.
O sacrosanto verbo de hierophantes,
A linguagem dos hymnos sonorosos,
As estrophes vehementes da poesia
Perderam o terror do augurio santo,
E dos povos malditos e escravos
São a expressão do sentimento livre.
Oh Tradição! por isso és sempre amada.
O rude, o servo, o misero te entregam
Do seu direito e crença a garantia.

Reducto inabalavel onde o povo
Sabe luctar, vencer, tornar-se forte,
Perpetuando ao bravo o exemplo, a vida;
Arthur, o Cid, Antar e Barba-roxa
Vivem envoltos na penumbra eterna
D'onde os evocas, sempre á lucta promptos.
Quando a força brutal esmaga as raças,
Pelo espirito as tornas invenciveis,
Soltando as vozes dos coraes gigantes,
As vozes dos oppressos, que respiram
Nas vastas epopéas da revolta.

Oh Tradição! o que é que tu fizeste
De antigos Deuses? Transformaste-os todos;
Em vez de aterradores simulacros
Fizeste d'elles os Heroes que morrem
No combate da vida—a liberdade.
Ao som fascinador dos vagos cantos
Soubeste conduzir a mente do homem
Do torpôr animal, em que era immersa,
Ás contemplações altas, deslumbrantes,
A pôr a força racional em obra;
Tu foste a Lyra quando á Lei deu forma!
Sem ti o homem fôra extranho ao homem
No páramo dos tempos; solitario,
Quem lhe diria d'onde tinha vindo?
Das raças audaciosas, que fundaram

As civilisações com o seu sangue,
E se extinguiram,—como grandes rios
Deixam os limos d'onde brota a vida,
És o rasto perenne, alveo immenso
Por onde turbulentas deslisaram.
Trouxeste-nos os Vedas e o Avesta,
As concepções primeiras do universo;
Trouxeste-nos os éstos das batalhas
Do apaixonado Râma e grande Bâratha,
As façanhas de Rustem e de Achilles,
De Sigurd, de Roland, de Vainamónem,
Ensinando esse ardor por onde as raças,
Como os rijos metaes, se o fogo os liga,
Se tornam fortes, duras e altivas.

Oh Tradição! oh alma das edades,
Povoando as florestas seculares,
O castello em ruina, e assentada
Ao luar, de tugurio humilde á porta,
Embalando a innocencia das crianças,
És como o aroma das regiões ignotas.
Da materia algum átomo se perde?
Nenhum! Tudo se evolve e se transforma
Desde a attracção universal á vida.
És da energia a eterna persistencia.
Durante longos séculos—escuras
Forças do mal viciaram teu perstigio,

Como impedindo ao pensamento o vôo.
Recebendo o vigor de cada edade,
Lotus que encerra os germens do futuro,
Fecundam-te auras de aspirações novas,
Conciliou-te a Sciencia, achou-te o intuito,
Elo espontaneo da concordia humana.

OS SECULOS MUDOS

I

Prima Deorum Tellus

Oh Terra! Mãe primeira, uberrima placenta,
Quanto sente e se move a teus seios se alenta;
Antigas religiões, revelação do instincto,
Bem fizeram de ti o symbolo distincto
Da vital energia e da fecundidade,
Sublime encarnação de uma ideal divindade.
Nas convulsões do globo, eras a Mãe do abysmo,
Anah; a Virgem forte, Artémis. No hetairismo,
Que deu á sociedade a união espontanea,
Eras a Virgem-Mãe, Cybele, Isis, Urania;
Em ti se concentrava o humano sentimento,
Estimulo inicial do vago pensamento
Que se elevou do kteis á força criadora,
E absorto no teu seio em extasis te adora!

Atergátis, Belit, Juno, Rhêa ou Astarte,
Aphrodite ou Maria, a mesma em toda a parte,
Hera ou Venus,—sincero o coração não erra,
Vois sois consagrações da Mãe fecunda—a Terra.

A Sciencia em ti viu uma de infindas formas
Por onde vae seguindo a Materia essas normas
Da eterna oscilação nos varios movimentos,
Enchendo o espaço ethereo em seus agrupamentos.
Ao rasgar o teu seio, achou na profundeza
Que eras a grande biblia aonde a natureza
Do Homem o passado aí deixou escripto,
Vestigios de quem pensa impressos no granito.
Sim, és a grande biblia, a de augusta verdade,
Onde inconcussa lei, lei da fatalidade,
Não deixou falsear as impressões primeiras.
Oh Terra! sejas tu das vibrações ligeiras
Da materia, que importa? o equilibrio mais fraco,
Centelha que se apaga e fica um globo opaco;
Sejas tu a faisca esparsa pelo espaço,
Como chispa de um sol, frio, morto estilhaço,
Ao vacuo arremessado em potente ludibrio,
Que importa? como os sóes achaste o equilibrio.
Tua existencia foi convulsão permanente
Emquanto o teu calor se não tornou latente,
Emquanto não começa o intenso dualismo
D'actos chimicos contra o cego cataclysmo.

Eis começa a fazer-se a ordem: elementos
Desagregados vão aos impulsos violentos
Obedecendo á força ignota—a affinidade;
Como habil architecto actúa a densidade;
É lenta em seu mister, mas as forças subjuga;
Cordilheiras contorna á terra em cada ruga,
As camadas assenta em baixo como andares,
E abre o estuario extenso para os mares.

Eis que um novo athleta entrou tambem na lucta.
Que maravilhas faz com força diminuta!
Que prodigios n'aquella acção quasi insensivel!
Elle liga á materia a força incoercivel,
A forma organisada ou a cellula viva.
E seguindo fecundo a obra evolutiva,
Não conhece limite em sua occulta sciencia,
Da vida hade elevar-se ainda á consciencia.
O Tempo! o Tempo, o Tempo, o Tempo nunca exhausto,
É este o demiurgo, o Prometheu, o Fausto,
Que vagaroso fez o tellurico berço
D'onde o homem surgiu, no animal immerso.

Eras, Terra, o baixel perdido pelo espaço,
Reflectindo do sol em ti um brilho escasso,
Na ronda sideral levada inconsciente;
Geraste no teu flanco um sêr intelligente,

E na concentração da tua face escura
Produz-se a luz da ideia, a luz mais alta e pura,
A força, a vibração do altivo pensamento
Que as constellações junge ás leis do movimento.

E como, oh Terra, como alfim te preparaste
Para ao seio criar o filho que geraste,
O filho debil, fraco, em cuja incerta vida
Tens mais luz estellar que a que tinhas perdida!
Como o organismo chega á sua puberdade,
Attingiste tambem a quaternaria edade,
Veiu-te revestir camada miocene;
No tellurico flanco agitação perenne!
Os continentes já se achavam limitados,
Por correntes caudaes e mares azulados.
Sobre Africa estuava um revoltoso oceano,
Areias do Sahará eram-lhe o fundo plano;
Quão longe estava ainda esse abalo instantaneo
Que entre Africa e Europa abre o Mediterraneo!
A Athlantida occupava o espaço que entre as ilhas
Canarias e Açor mede milhas e milhas.
As bacias do Caspio e do lago de Aral
Enche esse mar que cobre os esteppes do Ural,
Grande braço de mar, que chega até ao Volga,
E nas faldas do Caucaso altaneiro folga.
Sob um manto de gelo a Europa quasi inteira,
Escandinavia, Irlanda, Escossia; e a geleira

Dos Alpes se alastrou por sobre o Piemonte,
E fecha a Lombardia em frigido horisonte.
Do Rhodano a geleira unia-se á do Jura;
Os valles dos Balkans, em sua profundura
Carpathos, Pyreneos, e celsos Apeninos,
Estão cheios de gelo. Os brilhos diamantinos
Da luz crepuscular em reflexos deslumbra,
E a vida se elabora em tépida penumbra;
Como escudo defende a folha as cryptogâmicas,
Das aguas ao vae-vem balançam-se as agamicas,
E lickens, algas, vão entretecendo liames
Que da vida sustem os primeiros tentames.
O feto verde-negro, ainda arborescente,
Com avidez absorve a humidade quente,
O lepidéndron cresce, e cresce gigantesco!

Varre a face da terra um vento aspero e fresco,
As aguas séca, agita, e do horisonte afasta
Os nimbos que o vapor no horisonte empasta;
Varre o vento do alto os vastos continentes,
Arrebata em tropel folhagens e sementes,
O primeiro signal da migração dos sêres!
A vida se desdobra em festivaes prazeres;
Sobre a putrefação para ninguem immunda,
O germen se organisa e o germen se fecunda;
A morte a produzir mysteriosa a vida!
Do hulhifero terreno a crusta denegrida

Formou-a a submersão das florestas dos fetos;
Dos monstros gigantêos, plesiosauros repletos,
As cycádeas gentís, abrigo e alimento,
Das camadas do cré foram o sedimento.
Á sombra do palmar vaguêa o elephante,
Disputa-lhe a amplidão rhinocéro pujante,
E tremendos reptis da terra tomam posse.
Recamam-se, entretanto, os lagos de agua doce
Com flores ideaes, avelludadas, raras,
Nymphêas aos milhões e aos milhões as charas;
O mundo vegetal, como n'um sonho bello,
Para a vida animal busca encantado élo.

Quando o homem se ergueu sobre a face da terra,
E do primate bruto audacissimo aberra,
Não era a terra, não, sonhado eden do mytho!
Ia um combate atroz — da existencia o conflicto.
Antes de apparecer o Homem já distincto,
De todo o pachyderme estava quasi extincto;
A hyena, o pangolin, onça e rhinoceronte
Nas longas migrações buscam outro horisonte,
O veado, o tapir, d'essas neves eternas
Fogem, com elles vae o urso das cavernas.
A vida era o luctar contra a fatalidade,
Tinha o logar ao sol maior ferocidade,
Mas do bruto vencia aquelle mais ladino!
Teve o Homem consciencia então do seu destino.

Quando o homem saiu do anthropoide bruto,
Na vital concorrencia achou-se o mais astuto,
Não deixa o odio mais que uma cousa se esqueça.
—Mal! torna-te o meu bem!—a divisa foi essa,
Que dirigiu o braço ao homem primitivo.
E o Homem foi quebrando os grilhões de cativo
Que o jungiam ainda á bestialidade,
Quando o nexo encontrou da sociabilidade.
Oh Terra! já não és no vasto firmamento
Bago incerto de areia—hoje ergue o pensamento
Sobre ti da Sciencia excelsa e grande torre,
D'onde o raciocinio os espaços percorre;
E das constellações recondita cadencia
Em ti vem reflectir, porque tens a Consciencia.

II

Os Trogloditas

1.

Vem das bordas do mar, da humida caverna,
Homens saindo em bando; a fome é que os governa!
Cobertos de cabello e de pelles, armados
Trazem facas de pedra, os seixos são machados
Que vibram pelo ár, contra as feras sendentas,
Como o malho de Thor, nas procellas violentas.
Era a tribu sagaz dos fortes Adamitas,
Negrejando em tropel, em retumbantes gritas;

Chamada vem ao som do buzio surdescente
Ao alarve festim da caça antecedente,
Acode cada um em saltos ou de rojos,
Repartindo entre si das feras os despojos.
Hyenas, javalis, ursos, rhinocerontes,
Sobre a praia onde estão, ali formaram montes,
Montes de d'onde escorre o sangue, que serpeia
Negro, tábido, e vae tingindo a branca areia,
Até purpurear das aguas a espuma.
A carne palpitante, ainda quente fuma!
E vê-se reluzir nas inertes maxilas
Os dentes! Ás mulheres, miseras ancillas,
Fascina-as a alvura, e lançam-lhes olhares
Como quem já cobiça os lépidos collares.

Apenas se ergue o sol das aguas sobre o dorso,
Surge o chefe da tribu, o typo do esforço;
Guerreiros o saúdam! Junto d'elles passa,
Lançando ávido olhar sobre os montes de caça.
Troglos era o seu nome; e Troglos, em criança
Por nome lhe foi dado em signal da pujança
Com que alcançava o urso occulto na balseira,
E o matava ás mãos, mettendo-lhe a joelheira.
Costumava banhar-se em tepidas entranhas;
Fizeram-no temer por fim outras façanhas,
E sobre a tribu teve um singular perstigio,
E a chefe se elevou sem inveja ou litigio!

Depois que Troglos fez dos animaes a conta,
Alça a faca de silex; cada qual aprompta
Sua lasca, e começa a tirar-lhes as pelles.
Cobre-se o areial! Dardeja o sol sobre elles,
E sobre o mosqueado e flexivel tapete,
Teve começo então o canibal banquete.
Um mais faminto que habil, grossa posta arranca,
Outro veloz esbruga aquella ossada branca;
Troglos a parte fez a cada um, conforme
A audacia, a valentia, e indifferença enorme
Perante a morte e a dor! No festival banquete
Reparte a cada um segundo lhe compete.
As ossadas depois ficaram bem despidas!
As mulheres então vêm de medo tranzidas,
Com martellos de pedra e com pobres aprestos,
De sangrento manjar aproveitar os restos.
Como o homem não tem a insaciavel gula;
Vão com geito extrahindo aos ossos a medula,
E por ventura foi pelo repasto leve
Que as graças a mulher muito mais cedo obteve,
E o farto pello hirsuto ao corpo lhe cahira,
Domando com astucia a obcecada ira.
Em quanto a tribu jaz, dando risos alvares,
Mulheres vão formando alvissimos collares
Do alvéolo arrancando os esmaltados dentes.
Troglos acordou os que estavam dormentes,
Da forte digestão n'esse colapso absortos;
Disse:—«O melhor quinhão offertemos aos mortos;

«Aos mortos o melhor da abundante caçada!
«Jazem na escuridão da subterrea morada;
«Não podem lá correr, nem vibrar fortes dardos
«Contra o bufalo em bando, ou contra os leopardos.
«Já não podem luctar de frente com o touro.
«Compete-nos a nós livral-os do desdouro!
«Deram-nos elles sós, abrigo nas borrascas,
«Ensinando a tirar de uma pancada as lascas,
«Escolhendo a cortante e dura pederneira.
«Descobriram tambem a mais certa maneira
«Com que um monstro feroz ante os pés se debelle,
«E contra as brumas más nos agasalha a pelle.
«Deve-se aos mortos tudo; elles foram errantes
«Por frios hybernaes, por calmas offegantes,
«Fugindo aos animaes, coitados, á procura
«Da mais funda caverna escura e mal segura.
«Oh quem foi que nos deu o primeiro agasalho?
«Quem nos iniciou n'esta lei do trabalho,
«Em lucta contra a fome, e sempre, sempre em lucta,
«N'uma liga que vence a natureza bruta?
«Os tumulos dos paes serão a santa ára
«Ante a qual se conserve união fraterna e cara.»

Então se alevantou um immenso alarido,
A nenia funeral, costume transmittido,
Ao som da qual começa uma lugubre dansa;
Pára só o que cáe, porque aí ninguem cança.

A dansa é um combate em honra dos antigos,
Simulando assaltar os paternaes jazigos;
E o que fica de pé, na ultima corêa
Aos mortos é que offerta a ára enorme chêa.

Quando a tribu acordou do lasso e longo somno,
Como se atira o cão a um brado do dono,
A tribu se alevanta, a tribu cérca attenta
A Troglos que acenou, e esta falla accrescenta:

«Sessenta vezes já o Caçador eterno
«Que voga sem cansar pelo espaço superno,
«Tem empalidecido em froixa senectude,
«Tornando a adquirir fulgor e juventude:
«Ha outro tanto tempo, Adamitas, governo!
«Como succede sempre ao Caçador eterno,
«Ataca-me a velhice! ataca, bem conheço,
«Mas como elle no mar não me rejuveneço.
«É tempo de subir á rocha alcantilada,
«E lançar-me d'ali na voragem do nada;
«Ah não virá a morte a colher-me qual folha.
«É preciso que a tribu o novo chefe escolha;
«Seja o banquete de hoje a minha despedida.
«Mancebos! cada um com força destemida
«Se arroje pelo mundo e uma acção intente
«Onde mostre o ardil, e a audacia do valente;

«O que á tribu trouxer segurança e socego,
«Esse é o chefe, e obtem das vontades o emprego.
«De seus irmãos será senhor de vida e morte;
«É pae e defensor, é lei, porque é mais forte.»

2.

A rude imprecação ouviram os mais moços;
As mulheres estão em vivos alvoroços
A alental-os para o heroico desafio.
Em sentido diverso, ah, cada um partiu,
Ungido dos leões com as lubricas banhas,
Com as facas de pedra e as clavas tamanhas!
Emquanto o arco estreito ao alto mostra a lua,
Até que já redonda em páramos fluctua,
Como a bola de neve em alcantil alpino,
Hade a tribu esperar esse bando ferino
Dos mancebos que vão correr grande aventura.
Eil-os se perdem já das brenhas na espessura,
Pelas cavernas dentro, e pincaros alpestres,
Por duros matagaes, labyrintos silvestres.
Os fracos e senís, mulheres e crianças
Ficaram aguardando em trémulas esperanças.
Ali Troglos então á tribu repetia
O feito que lhe déra essa supremacia:
Elle era novo ainda, ousado entre os ousados,
Perseguiam a tribu os leões desgarrados;
Todos os dias vinha um leão mais ardiloso;
Sempre matava alguem! ninguem por corajoso

A pista lhe seguiu vertiginosa, incerta.
O Chefe, o mais antigo, andava sempre álerta;
Baldado tudo, até, que uma jura medonha
Fez:—«Matar o leão, ou morrer de vergonha!»
O leão esperou, e frente a frente o ataca,
Ao lacerar-lhe o ventre, ah quebra-se-lhe a faca,
Depois de luctar cae e o monstro o dilacera.
Tambem Troglos pensava em perseguir a féra,
Mas emprehende entregal-a á tribu ainda viva!
Procura a direcção da pégada nociva;
Abriu um grande fosso e o cobriu de ramos,
E ás bordas lhe amarrou dois magnificos gamos.
Ao vir da noite logo ouviu um grande estrondo,
Precipite correu ao boqueirão redondo:
Lá dentro escuta o urro enorme do destroço;
Era o leão sangrento em convulsões no fosso.
A tribu admirou o novo estratagema;
E a Troglos deu-lhe logo o mando e o diadema,
Considerando o ardil egual á valentia;
Assim é que alcançou alta soberania.
Da pelle do leão, que a todos era espanto,
Fez para si da pelle o magestoso manto.

3.

Eram passados quasi os dias para a aposta;
Não assoma ninguem pelos visos da encosta.
Espera-se com ancia o final da aventura!
Apparece por fim, de terrea catadura,

Esse filho de Kusch! É dura a sua casta,
Traz um cedro esgalhado e apoz si o arrasta.
Saudaram-no febris! elle o cedro arremessa
Bem distante de si, e a fallar começa:

—Trepei a monte enorme e pedragoso e bronco,
Minha hacha lá cortou esse esgalhado tronco;
É a primeira vez que o homem com machado
Corta o cedro, que era a custo desraigado.
Mas não basta saber cortar a dura trave,
Sem que a raiz no chão com lentidão se excave;
Lá do alto do monte as neves vem descendo
A pouco e pouco o val horrificas enchendo,
Nas cavernas nos fecha e morreremos todos.
Importa ir enterrar essas traves nos lodos
Que nas margens estão do verdejante lago;
Das féras e do gelo ao temeroso estrago
Ali se fundará o asylo mais seguro.
Se se realisar o aviso do futuro
Eu o chefe serei d'essa nova Cidade!

A tribu o saudou com pávida anciedade.

Outro dia apparece um moço,—o Nembrodita;
Soltou a multidão alegre, immensa grita.
Arrastava apoz si uma grande panthera!

—Eu luctei frente a frente e a sós com a féra;
Sobre mim se atirou, seguro-a com o braço,
As maxillas lhe esgalho e quebro o espinhaço.
(E atirou a féra á multidão fremente)
Só deve alçar-se Chefe o que fôr mais valente.
(E ao mostrar nas mãos as fundas mordeduras)
Dos chefes ficarão como as investiduras.

Entre o filho de Kusch e o bravo Nembrodita
A tribu fica incerta, e temerosa hesita.
No mesmo dia chega um outro aventureiro,
Trouxe comsigo em chamma, um celeste luzeiro,
Nenhuma mão por mais ousada agora o toca,
E morde mais do que do escorpião a bôcca.
Da maravilha pasma a tribu, e do que via;
Eis mysterioso falla esse filho d'Ayria:

—Entrei, entrei a medo em fechada floresta,
Voraz fogo do céo lá por dentro a infesta;
Aproximei-me e disse: Heide agarrar o fogo!
E para aquella empreza audaz me arrojo logo.
Vi o fogo a lavrar por sobre o arvoredo;
De como se alimenta alcancei o segredo!
Vi-o tambem pastar pelas campinas razas,
Foi então que apanhei as coruscantes brazas.

Conheci que esse lume afugentava as féras,
Desfazia da noite as medonhas chimeras,
Fazia entrar do sol a luz pelas cavernas,
Sem os frios sentir das rajadas hybernas.
D'aquelle novo sol achei o artificio.
Se fôr Chefe, inauguro o augusto sacrificio,
De conservar no lar o Fogo sempre acceso.
De todo outro trabalho hade ficar illeso
Quem mantiver no lar o Fogo sempre vivo,
Aos anciãos não mais da existencia os privo.
Onde houver fogo acceso hade ser o seu brilho
Como laço de amor entre pae, mãe e filho!»

Assombra a multidão o que vira e ouvia,
Quer já proclamar chefe esse filho d'Ayria;
Troglos, como prudente, os impetos conteve,
Para a tribu fallou n'uma linguagem breve:

—Não são passados inda os limitados prasos;
Outros moços virão contar-nos os seus casos;
É crivel que virão descobrir novo trilho.—

De Turan surge prompto o laborioso filho!
Trazia um homem morto ás costas; sobre a terra
Exânime o deixou; a multidão se aterra
Á espera de ouvir narrativas estranhas:

—Montes, vales corri, transpuz altas montanhas;
Guiado pela luz de uma estrella inconstante,
Fui andando até dar n'um pincaro distante,
No tenebroso algar de um escalvado cerro;
Uma raça medonha ali trabalha o ferro;
Elle verga-se ao malho emquanto incandescente,
Tão forte como o raio ao homem faz potente.
Cheguei-me a essa raça; eram homens pequenos,
Entendem-se entre si por ignotos acenos.
Ensinam-me a vergar aquelle metal duro,
E já quando instruido a regressar procuro,
Correram sobre mim; extenuado offego,
A morte querem dar-me, e peior, tornar-me cego,
Para não descobrir o recondito asylo!
Outros cegos ali em um grupo tranquillo
Cantam do malho ao som cantilenas soturnas.
Recorri ao ardil para sair das furnas:
Pude esmagar em terra o homem que me guarda,
Apoderei-me ali da tremenda alabarda,
Commigo eis os tropheos como da audacia a prova,
Existe uma outra raça altiva, forte e nova.
Ella vem sobre nós, roubemos-lhe o segredo
Que invencivel a torna, e não teremos medo!—

Assombrada ficou a tribu ouvindo aquillo.
Onde ir buscar agora um ignorado asylo?

Da terra já não é a unica senhora;
Bastava-lhe o luctar, combater a cada hora
Contra o forte jaguar, e contra o rhinocero,
Hoje no homem tem um monstro inda mais fero.
O corpo do homem morto atesta as grandes iras
Que hãode a ferro vingar os rigidos Cabiras.

A tribu, no terror, estava impaciente
De proclamar seu chefe o que era mais valente.
Mas Troglos lhe fallou:

«Vibrará minha clava
«A mão a mais arteira ou a que for mais brava;
«Ao sitio onde o meu corpo inerte se despenha
«Acclame-se por fim quem procural-a venha!»

Mas emquanto ali estão hesitando na escolha,
Sentem passos além, para lá tudo olha.
Era o filho de Kêmi, e falla sem alarde:

—Minha empreza acabei; eu vim talvez já tarde;
De bufalos seguindo as rapidas manadas,
Apoz elles fui dar em verdes esplanadas,
Por onde vae correndo um rio aprazivel
Que fórma um bello Delta, á fera inacessivel;

As arvores de fructo, altissimas, florescem,
O nevoeiro, o granizo ali nunca apparecem;
Como em seio de mãe, é o calor suave,
Nem o rumor espanta uma canora ave!
Se chefe me acclamar a tribu, eu bem quizera
Guial-a para lá na sacra primavera,
Fugindo para sempre as sombras das cavernas,
Aos famintos chacaes e rajadas hybernas.

Fallou Troglos então com gestos compassados:

«Só me resta ir morrer. Os dias são passados
«Que se houve de correr a intrepida aventura.
«Dos que foram ninguem o regresso assegura;
«Dos que foram voltou sómente o Nembrodita,
«Mais o filho de Kusch, e de Turan que o fita;
«Eis o filho de Kêmi e o filho d'Ayria;
«A um d'elles entregae agora a soberania.
«Vou lançar-me a final do alto do fraguedo,
«E o chefe escolhido irá recolher ledo
«A clava com que altivo inda os monstros derribo,
«Meus ossos juntará nos sepulchros da tribu.»

4.

Levantou-se no ár tumultuoso alarido,
O chefe entra na selva, e lá dentro é perdido.

Tempo depois se viu negrejar n'um cabeço
Do ingreme alcantil; de lá faz o arremeço,
Com que no abysmo, em baixo, audaz se precipita.

Sôou da multidão a retumbante grita.
Proclamava-se o chefe! Um bando gritou logo:
—Gloria ao filho d'Ayria, o que nos trouxe o fogo!

Outros gritam com mais e mais enthusiasmo:
—O filho de Turan vence a todos com pasmo!
Já conhecia o fogo e trouxe-nos o ferro.

No meio do tropel, sôou mais alto berro:
—Gloria ao filho de Kusch, o de crespos cabellos,
Que nos vem defender no diluvio dos gelos;
Elle sabe ligar entre si prancha a prancha,
Construir o baixel que a vaga não desmancha.
Contra o bando de Kusch, outro bando se agita:
—Qual é o Caçador melhor que o Nembrodita?
Gloria a quem os leões derruba n'um relance,
E extingue da fome o temeroso transe.

Lucta medonha, atroz entre os bandos se trava;
Pelo filho de Kêmi inda ninguem fallava.

O bando indifferente á sangrenta refrega
Para o filho de Kêmi apressado se chega:

—Sigamol-o hoje mesmo; elle tem a constancia
De ao sitio nos levar da paz e da abundancia.
Desde hoje nunca mais haverá lei prescrita
Que obrigue áquelles dois, a Kusch e o Nembrodita.
Nunca mais se hade vêr fraternal harmonia
Dos filhos de Turan com os filhos d'Ayria.
Afasta-nos d'aqui, oh tu de Kêmi filho,
Para o paiz da paz, onde o sol tem mais brilho,
Onde se adora o sol em canticos sonoros,
Onde se erga o altar! Seremos a grey d'Horus.

Emquanto a fraternal e negra lucta dura,
Partiu a horda; embrenha-se em selvas á procura
De encantado paiz onde se perpetue.

Dos quatro chefes já cada um veloz rue
A vêr se lésto obtem da primazia a clava.
E n'um sentido opposto um a um se embrenhava;
Seguira-os tropel do férvido partido.
Sem a separação ter-se-iam destruido!

III

A Tetrápole

1.

Errante pelo mundo a tribu se desmembra,
Do berço primordial, quem é que inda se lembra?
Onde a horda chegou bem pouco se deteve,
Dia a dia o frio cresce, e vem descendo a neve;
Fugindo para o sul vem bandos de elephantes,
Rhinoceros, tapir e bufalos errantes,
Como quem prompto escapa ao pérfido inimigo;
Em outra região vão procurar abrigo.
Foje o homem tambem ás cortantes rajadas,
Relembra com saudade as furnas retiradas
D'onde cedo partiu por indomitas sanhas.
Os gelos a descer do cimo das montanhas,
Deslisam pelos valles occupando tudo,
Carreando em tropel bloco e bloco desnudo:
Dos promontorios vem escalvados do norte.
O frio intenso traz comsigo o somno e a morte!
O homem tenta em vão rasgar o seio á terra,
A caverna construe, mas a nevoa lhe cerra
Ao vacillante passo o pavido horisonte!
Accende o fogo, e alveja-lhe nitido defronte
O gelo que caminha, o gelo de repente
Que se roja e se alastra, essa enorme Serpente,

Da região boreal, a deslisar sem bulha,
As florestas encobre e os valles entulha,
Transportando comsigo os altos promontorios,
Os pincaros truncando aos montes mais notorios.
Se a frigida Serpente a alguem de leve morde
Do invencivel somno oh quem ha que o acorde?
Não ha senão fugir, romper em marchas rudes,
Procurar o calor de ignotas altitudes.

N'um instante se deu terrivel cataclysmo!
Os mares boreaes vem das fontes do abysmo;
Rompeu seu equilibrio a descenção dos gelos;
Uma onda se ergueu dos boreaes cancellos,
E para o sul desloca o seu tremendo imperio;
Transpõe o equador, submerge um hemispherio,
Para sempre alagou primévos continentes!
A Athlantida e Lemuria, e ignoradas gentes,
Do vagalhão do norte envolveu-as a fragoa,
Afundou-as então a cataracta de agua.
Da extranha convulsão mal sentem o espanto!

Que continentes já resurgem por encanto.
Instantaneos erguendo os seus lodosos cimos?
Promptos a elaborar a vida n'esses limos.
Que novas formações nos vastos estuarios
Vão ali sotopôr veios sedimentarios,

Cumulando o calcáreo em gigantescos cípos;
As forças animaes produzem novos typos.
São um seio vital as aguas, onde lento
Ora o vibrátil cílio adquire movimento;
Cavam aos grandes rios essas margens esbeltas,
Formando n'elles sempre os verdejantes Deltas,
De antigas tradições as Ilhas encantadas;
O homem progrediu entrando em taes moradas.

2.

Disseram entre si de Kusch os filhos:
«Preste
«A Serpente do inverno a nós ríspida investe,
«Do gelo nos anneis quasi a terra circunda!
«Já refugio não dá a caverna a mais funda.
«E como lhe fugir?» No alto das montanhas.
Ondas se elevam já de mil lados, tamanhas,
Negrejam fora d'agua umas Ilhas; espanta
Como inda estão de pé do golpho na garganta.

«Façamos, pois convem, com os cedros da ilha
«Uma barca segura; a sua forte quilha
«Córta a vaga que cresce, e libertar-nos hade
«Do diluvio sem fim que a terra nos invade.»

Então Kusch mandou cortar os grossos troncos,
Emquanto a cataracta atrôa com os roncos.
A onda cresce, cresce e a barca já fluctua,
Dos mortos animaes um montão grande estúa.
Mandou tambem colher os troncos arrancados
Boiando á tona d'agua, e os mais alentados
Sobre a vasa da praia ergueram uns taludes.
Sobre estacas assentam-se as cabanas rudes,
Contra o fluxo crescente acolheram-se os vivos,
Livres do assalto já dos monstros fugitivos.
No indomito terror, na liga da anciedade
Inconsciente se funda a primeira Cidade;
D'aí começou Kusch a observar os astros,
Seu nascimento, occaso e luminosos rastros,
Do esplendido sol e da pallida lua
Conta as revoluções e phases uma a uma;
Conseguiu descobrir o mez de trinta dias,
O percurso da terra, e as horas fugidias,
Marcar as estações, e nos fecundos ocios
Achar a precessão d'esses dois equinocios!

Disse então Kusch aos seus, aos mais intelligentes:
«Os Filhos de Turan fizeram-se potentes
«Pelo segredo seu de trabalhar o ferro,
«Segredo de mais força em mim, na mente encerro.

«Tem os filhos d'Ayria outro poder—o Fogo,
«Pois fazem-no descer do céo á terra logo.
«Eu possuo tambem dos astros o mysterio,
«Nossa a terra será de um ao outro hemispherio.
«Do segredo estudae as santas profundezas
«Que nos guiam da terra á busca das riquezas.»

Organisou-se ali o activo sacerdocio;
O trabalho da tribu alimenta aquelle ocio,
Que continuo contempla altos céos estrellados
Tendo ás constellações os seus cursos marcados.
Crescem cada vez mais as aguas impetuosas,
E Kusch outra vez falla ás gentes temerosas:

«A Cidade está cheia, e quasi que trasborda,
«Na barca tem de entrar de prompto uma nova horda;
«Se alguem ha que se atreva ao governo da barca,
«Para os que partem fique augusto patriarcha.

Fallou Nuah ali, bem corajoso e ledo:

«Eu tambem aprendi dos astros o segredo;
«Que importa a cerração da Serpente do Inverno,
«Se as vias sei traçar pelo espaço superno?»

E a multidão que entrou na Barca com pavor
Deu por nome a Nuah — o Peixe-Salvador.
Aonde irá surgir essa errante colonia?
Que emporio fundará? talvez Tyro ou Sidonia?

3.

Vem os filhos d'Ayria a fugir lá das bordas
Do temeroso Caspio, em turbulentas hordas,
Procurando escapar á submersão das aguas;
Em busca do calor, affrontam rudes fragoas.
Sobem d'alta montanha ao cimo, ingreme, a custo,
E fazem d'essa altura asylo e templo augusto.
Envolvia-se a terra em nevoeiro denso,
Errantes vão fugindo áquelle frio intenso,
A custo sobem já pelo escalvado flanco
Do alteroso monte; a neve torna-o branco.
Era o grande Pamir, o gigante dos Montes;
Quatro rios caudaes, são as perennes fontes
Que saem de golfão de ignoradas cavernas,
Abrindo o curso, o alvéo para as neves eternas.

Disseram entre si os que iam na vanguarda:
«O Sagrado Pamir dos frios nos resguarda!»
E á medida que vão subindo as cumiadas,
Menos rispidas são as cortantes rajadas,

Dos gelos boreaes a flexa ninguem sente,
É saudavel o ár, como suave e quente;
Florescem no alcantil d'asclépias os corymbos,
E pairam-lhe ao sopé caliginosos nimbos,
Cortados pelo raio a breves intervallos!
Retumba pelo espaço o rumor dos abalos,
No mais alto do céo destaca-se esplendente
O Sol! e cada um em terra, reverente,
Cheio de gratidão e de divina furia
Adora o Sol, prostrado ante o sublime Surya,
Manancial de bens, de vida e de alegria,
D'onde o calor e a luz vem aos filhos d'Ayria.

Acolhem-se tambem á montanha sagrada
Diversos animaes, em trepida manada,
A vacca branca, o touro audacioso, iracundo,
O elephante, o cão perspicaz e jocundo;
O homem acceitou a imposta sociedade,
E pouco a pouco os traz á domesticidade.
Do typo vertebrado o mesmo soffrimento
Revelou pelo amor primordial pensamento
Perturbado na acção violenta dos meios!
Cessam nos animaes do homem os receios.

Eis os filhos d'Ayria ajuntam-se clamando:
«Nos trabalhos sem fim da nossa fuga, quando

«A Serpente do Inverno engulir-nos queria,
«O Fogo se extinguiu, a nossa companhia,
«O Fogo, que afugenta as carniceiras feras,
«O Fogo, que desfaz as medonhas chimeras.
«O Surya divino aquenta-nos quaes brazas,
«Mas os ventos da noite, os terriveis Rakchasas,
«Penetram-nos com dor dos ossos a medula!
«Quem sabe ao céo tirar a lucida faúla?
«A Surya pedir que baixe a nós seu raio?»

Ergueu-se Paramantha, o ousado. Escutae-o:
«Eu roubarei ao céo esse sagrado Fogo;
«O rito que o produz, a supplica e o rogo
«Á tribu ensinarei como uma cousa santa.»

Duas váras cortou d'uma arvor' Paramantha,
Que vira incendiar-se ao vento na floresta;
Esfrega uma sobre outra, aquella contra esta,
E começa a luzir um ponto igneo, nitente,
E se atêa no altar subtil, incandescente.
O mysterio da luz, do Agni, teve inicio,
O segredo se expõe do augusto sacrificio,
Cada familia escuta, enternecida e leda,
Da eterna tradição a sciencia do Veda!

Paramantha explicou o assombroso rito:
«Seja em cada familia o permanente fito
«Conservar sempre acceso o Fogo! o fogo é vida!
«A vida, ás gerações vindouras transmittida.
«E como o pae e mãe, ambos geram o filho,
«Tvasthar, Aranní, em Cruz nos dão o brilho,
«Encarnação do Sol na terra—a labareda—
«Agni, o mediador, a saudação do Veda.»

Antes que a tribu ao céo sua supplica mande,
Faz ao Fogo do lar uma hecatombe grande,
Entre amplexos cantando em grato desatino
O loiro, o terno Agni, em sonoroso hymno:

«Vêde como elle brilha! Agora em volta d'elle
A familia dispersa—os medos seus repelle;
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! Oh primeiro mysterio!
Por ti o homem poz ao soffrimento imperio.
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! És tu que nos escutas
Passadas tradições das incansaveis lutas;
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! Ao céo as preces levas,
Afastando de nós os terrores das trevas;
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! alvissimo cordeiro;
Gerou-te a Virgem-Mãe e Tvasthar carpinteiro.
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! e resplandece tanto!
A brisa que o alenta é o Espirito Santo;
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! A vacca o bafejara,
Em lucida espiral a chamma se ergue n'ara.
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?

Vêde como elle brilha! Oh Christna loiro e puro,
Tu farás a união dos homens no futuro.
Sacro Fogo do lar,
Quem não te hade adorar?»

Dividem-se d'Ayria os filhos em familias;
Uns conservam o Fogo em sagradas vigilias,
Com que as forças do mal, oh tribu crente, applacas;
Uns trabalham a terra, outros guardam as vaccas.
Mas a terra por fim perdeu sua verdura;
E a tribu se lembrou da tradição escura,
De outr'ora, quando achou um logar de delicias
Esse filho de Kêmi, e as novas propicias
Veiu alegre trazer, para ser chefe eleito:

«Sigamos para lá prorompendo a direito!
«Rompamos através do árido deserto,
«Para esse paiz de prados mil cuberto,
«Onde a flor verte mel, e são doces os fructos,
«E os cerúleos céos são limpidos, enxutos;
«Onde as aves gentis têm mais canoras vozes,
«E onde os animaes não são monstros ferozes
«Que nos rebanhos dão com avidez insana!
«Por ventura hade ser ali a Sgodiana?
«Lá onde, oh loiro Sol, nunca os rios estancas,
«Onde pastam sem conta as vaccas gordas, brancas.»

Eis que os filhos d'Ayria á grata visão cédem,
E descem a montanha em busca do novo Eden;
Encontram no caminho a tribu numerosa
Que emigrava tambem, incerta, aventurosa;
Conhecem-se de instincto irmãos, e como amigos
Se abraçam para a lucta através dos perigos;
Quando entender-se vão, fallavam outra lingua!
E empregaram signaes e symbolos á mingua.
Como os filhos de Ayria, eram brancos na pelle,
Entre elles a mulher era candida e imbelle,
Conheciam do Fogo o magico segredo!
Acharam-no batendo as lascas de rochedo
Dos filhos de Turan contra as clavas de ferro.
O Fogo os protegeu no infindo desterro,
Sacrificam a elle animaes, homens vivos;
Pois essas gentes são Nembroditas altivos.

Já os filhos d'Ayria a entender-se tentam,
Da Cobra-mãe do Inverno o emblema apresentam,
Uma serpente ao ár alçaram-lhes defronte.
A tribu se prostrou sob o flanco do monte,
Como que se um vento instantaneo a derrube,
Diante do seu deus, adorando o Kerube.
Póde tudo esse deus, vence a morte e os typhos!
De antigas regiões contam por hieroglyphos
Terriveis migrações através de palmares,
Em lucta com leões e em lucta contra os mares.

E emquanto a narrativa os dois povos ajunta,
D'Ayria a tribu fez esta extranha pergunta:
«Saberá por acaso o forte Nembrodita
«Onde o filho de Kêmi e sua gente habita?
«Em que sitio da terra é esse paraiso,
«Onde ha riqueza e paz, descanço e regosijo?»

Da tribu de Nembrot respondem os mais velhos:
«Não sabemos onde é! Em vão nossos artelhos
«Nos levem a transpôr os caudalosos rios,
«Cordilheiras sem fim, desfiladeiros frios,
«D'encontro aos vendavaes e ao ríspido graniso,
«Não podemos chegar ao doce paraiso.
«Oh não podemos, não! que só vence as procellas
«Quem como Kuch tem segredos das estrellas,
«Com que sabe emendar da sua róta o erro!
«Oh não podemos não! só quem abranda o ferro,
«Dos filhos de Turan o vedado segredo,
«Esse hade triumphar dos monstros e do medo.»

Romperam os d'Ayria a gritar com afan:
«Vamos nós procurar os filhos de Turan!
«O segredo que os fez temidos se lhes roube!»
Conter a multidão seu jubilo não soube.
Os Nembroditas vão proseguindo outros rastros:
«Roubemos aos de Kuch o segredo dos astros!»

Desceram o Pamir as duas grandes raças
Unidas um instante; e temerosas traças
Cada qual em sentido opposto vae seguindo;
D'Ayria os filhos vão descendo ao Septashindu,
E os filhos de Nembrot, para oeste vão dar
Ás planicies sem fim da fertil Senaár.

4.

N'aquelle immenso val que os Sete-Rios talham,
Os Filhos de Turan ignorados trabalham;
Uns fundem os metaes, outros agricultores,
Trocavam entre si productos dos labores,
E ao fim de migrações e temerosas viagens,
A defeza os uniu da paz para as vantagens.
Uns guardam dos metaes reconditos processos,
Occultos da caverna em antros bem recéssos,
Operando do cobre e do estanho a liga,
Que não vencida torna a espada e a loriga!
Da sombra a lividez faz-lh'os rostos funéreos,
Occultos no ímo ali dos jazigos minereos;
Taes os Calybes são; a hirsuta catadura
Contrasta na feição pacifica brandura;
Sabem vociferar tenebrosos agouros,
E descobrir o assento aos vedados thesouros,
E caldear em sangue as espadas terriveis
Que tornam os heroes immortaes, invenciveis.

O que a terra trabalha e com suor semeia,
Ao homem bestial e mudo, ao Cadraveia,
Associou a si com longa confiança;
A terra, a Mãe commum, fizera esta alliança.
Ao descerem ao val do fertil Septashindu
Vão os filhos d'Ayria as ceáras destruindo;
Essas raças cahindo em condição de escravas,
O trabalho compete a ellas como ignavas;
Formam classe guerreira os Arias mais valentes,
Das armas o mister distingue os excellentes,
Que procuram vencer a dura, ignobil corja,
Que nas cavernas vive e o ferro occulto forja!

Ninguem póde alcançar o tremendo segredo;
Aos guerreiros espanta o cabírico medo,
E esgotam o poder na atroz carnificina!
Não podendo extinguir a raça peregrina,
Cansado de luctar d'Ayria exclama o filho:
«Raça dura e tenaz! comvosco compartilho
«Os mysterios da luz; mas ensinae sem erro
«Como se funde o bronze e se trabalha o ferro!»

Então, então alguns dos filhos de Turan,
Mandaram á traição seu magico Atharvan,

Revelar como o ferro e o bronze se fabríca.
Ante o negro Atharvan o Arya sacrifica;
Mas um desappareceu no escuro da caverna,
O outro a humanidade e o mundo governa!

5.

Os Nembroditas vão em perpetuos combates
Por todo o Senaár té ao Delta do Euphrates;
No Golpho encontram já cidades florescentes
Com templos e canaes, policiadas gentes;
Ali raça de Kuch altiva e forte lida!
Perguntam-lhes:

—«Sabeis da terra promettida,
«De que o filho de Kêmi encontrou o caminho?
«Vós que ousaes prevêr do céo o torvelinho,
«Que tendes definido o curso das estrellas,
«E podeis navegar por entre átras procellas
«Sabereis-nos guiar a tal paiz, por certo!

—«Entre Kêmi e nós ha o mar e o deserto,
«Esteppes, alcantis, distancias infinitas;
(Responde á nova gente a raça dos Kuschitas.)
«Sobre um Delta fechado o povo dos Horshésu
«Ignorou o diluvio, e permanece illeso.
«Ficae antes aqui; dos astros os segredos
«Revelados vos são, se esses combates tredos

«Entre Accad e Summir por vós tiverem termo.
«Os nomadas do norte, abrigam-se n'esse ermo,
«E sanguinarios vem, ao ruido das contendas,
«Ás cidades trazer desvastações tremendas;
«As mulheres, o gado, elles levam comsigo.
«Nas nossas barcas só escapamos ao perigo.»

Então Nembrot correu as diversas Cidades,
As que soffreram mais d'essas atrocidades,
A todas lhes propoz uma mutua alliança!
Respondeu Chalaneh:

«Nós temos confiança,
«Que assim não somos mais devastados á mingua;
«Embora; mas quem póde esquecer sua lingua?»

Nipur tambem responde:

—«A alliança acceitamos,
«Mas nunca, em tempo algum, nosso Deus olvidamos.»

Erech respondeu:

«N'este solo descança
«O pó das gerações; não venha essa alliança
«Arrancar-nos um dia a este chão sagrado.
«Eis o tremendo mal que temos receiado.»

Respondeu Elassar:

«Nós entramos na liga
Se o nosso juramento a todas nos obriga.»

As Cidades, Nembrot prudente confedéra,
E como o testemunho e signal da nova éra
Uma Torre se ergueu que com o céo defronta.
Cada angulo a Cidade da alliança aponta.
A Cidade que avista aquella enorme Torre
Tem certa a sua paz; sempre a liga a soccorre!
Nipur adora El, do Deus a Torre é porta;
O alicerce fundo um sepulchro o supporta,
Para honra de Erech, a cidade dos Mortos,
Que aos vivos sabe dar os perennaes confortos.
Chalaneh pretendeu conservar sua falla,
Mas quatro lados tem a Torre que as eguala;
E Elassar queria impor o juramento,
Por isso o seu pendão é que fluctua ao vento.

Assim povos em lingua e culto separados,
Por duras migrações, continuo, desvairados,
Poderam comprehender da liga o pensamento.
É da união Babel symbolo e monumento!

Os povos canibaes já não descem do norte,
Sobre Dinguir e Ur trazendo a ruina e morte,
Na Torre de Degráos achou a humanidade
A expressão ideal da solidariedade.

IV

A Ira de Deus

1.

Quem sabe descobrir nos Mythos a verdade?
Linguagem ideal da antiga humanidade
Quando ella ás emoções vibrava inconsciente!
O véo sacerdotal cobre o que era patente
Na candida nudez da concepção primeira,
Tornando essa expressão frivola ou embusteira.
Quando outr'ora na Média em vastos, ferteis planos,
Se encontram com Chaldeus prófugos Turanianos,
E ao mando de Nembrot, essas raças dispersas
Dos Chamitas, se vão ligar aos duros Persas;
Esses povos rivaes, em outros deuses crentes,
Com aversão de raça, e linguas differentes,
Fundaram entre si, para a mutua defeza,
Irmandade, immanente em sua natureza!
A confederação de uma a outra Cidade!
A Torre de Babel representa—a unidade

Que o homem presentiu em sua consciencia,
Que o dogma obscureceu, e que illumina a Sciencia.
Mas uma sombra immensa envolveu o passado;
Do homem Religiões tinham-se apoderado,
Como um polypo interno, em ramos absorventes,
Fizeram da união a confusão das gentes,
Do abraço de irmãos feroz rivalidade!

Quem sabe descobrir nos Mythos a verdade?

Babel se transformou nas mãos do sacerdocio,
Symbolo de aversão, em monumento obnoxio,
De quem se não entende e o rancor separa;
A Cidade é que uniu os povos; foi a ára
Que as raças outra vez com maldição desmembra.
Dos dogmas de terror quem é que se não lembra?
Da terra as convulsões, os tremendos diluvios,
Os pestilenciaes, deleterios effluvios,
A lucta desigual com os gigantes brutos,
Um mal, que estes maior, do homem os redutos
Entra como de assalto e a validez lhe tira!
O susto deu-lhe um nome: era de Deus a Ira.
Entre si os irmãos tornaram-se inimigos,
Trucidam-se ante o altar, e profundam jazigos
Como quem tem horror da alegre claridade;
É o nome de Deus a voz da mortandade;

A razão a hallucina em vertigem sangrenta,
Cada raça procura alçar-se mais cruenta;
São em nome de Deus as canibaes cruzadas,
Da via ascencional perderam-se as pégadas,
Do longiquo provir as veredas se somem,
A Ira de Deus torna o homem lobo do homem!

2.

No vasto Septashindu os Aryas famulentos
Haviam assentado os seus acampamentos;
A abundancia e a paz, o numero lhes dobra!
Conhecem dos metaes lavor secreto, a obra
Com que podem vencer da fera a crueldade,
Reduzil-a ao trabalho, á domesticidade!
Embora o ocio lento o Arya altivo enerve,
O pobre Cadraveya escravisado o serve,
O Vrátya rasga a terra, e em cada verde combro
O rebanho que pasce augmenta com assombro.
Como uma só familia alastra-se a planura
Com alegres casaes, onde reina a doçura.
Conserva-se no lar o Fogo scintillante,
Qual benção perennal, que liga fecundante,
Que liga em torno a si o pae, a mãe, os filhos,
As vacas, e os bois e os candidos novilhos.
A tribu por costume antigo estabelece,
Que uma unica mulher cada homem tivesse;
Que fossem das irmãs os filhos protectores,
Pois que aos rebanhos dão os assiduos labores.

Sempre ao cahir da noite, em serena vigilia,
Repetem-se em commum, na intima familia
Cantos tradicionaes, hymnos que Agni acceita;
Soam grandes coraes nos tempos da colheita,
O Arya annualmente a união celebra.
Eis que um dia esta paz para sempre se quebra!
Mas qual seria pois, o movel, o motivo
Que esse povo de irmãos o desune aversivo?

A tribu contemplava o deslumbrante Fogo;
Cada um canta o hymno o mais vetusto, o rogo
Que possue mais poder sobre esse Deus benigno.
«É Agni, dizem uns, encarnação, o signo
«De Devas sobre a terra, a oração o alenta!
«Elle é o Mediador que as preces apresenta.»
E no santo enthusiasmo Agni deus se proclama.
Outros no seu fervor cantaram:

«Essa chamma
«Que brilha no altar, e ante os olhos fulgura,
«É a fonte da vida, o espirito, Ahura!
«A essencia de Deus esparsa em toda a parte!»

Os cantores então luctaram com mais arte;
Enthusiasmo febril nas frontes se divisa,
Hymno após hymno ali cada um improvisa,

A multidão escuta os hymnos melodiosos
Attenta, embevecida em extaticos gosos;
No certame sem par nenhum partido toma.
Eis que se distribue aos que cantam, o Soma!
Inebriante licor, licor do sacrificio.
Cresce a hallucinação, o furor tem inicio,
A turba com pavor essa bebida prova,
E impellida se achou para a doutrina nova.
Cantam com phrenesim, lançando ameaças sévas
Os que vêem no Fogo o luminoso Devas,
O que fulge nos céos e desce a nós da altura;
Na augusta adoração do espirito, de Ahura,
Começa o desvario de um contra o outro bando.
O ataque rompeu; aqui, ali baqueando
Vão aos golpes que vibra a extranha dissidencia
Da substancia do Fogo e da divina essencia.
A noite, a prostração susta a carnificina,
Mas prolonga-se mais essa ira divina.
O matutino alvor no horisonte assoma,
Phantastico vapor do inebriante Soma
Repentino se esvae de escandecidas mentes;
Viram-se então no campo estendidos os crentes,
Cadaveres sem conta estão pela planura;

Ficaram de vencida os que adoram Ahura!
Fôra grande o desastre; as familias que restam
Os chefes convocando, á fuga já se aprestam;

Emigram para Iran, as montanhas transpondo,
E para mais distancia os seus dogmas oppondo;
No povo, que já tem d'Asia quasi o dominio
Entra a separação, rancor e morticinio;
Não o deixa avançar sacerdotal mentira,
Perpetua-se assim de Deus tremenda Ira.

3.

Aos que sabem o curso e conta das estrellas,
Os Kuschitas tambem disseram:

—«Vós, por ellas
«Nos sabereis guiar á Terra promettida,
«Onde é brando o calor e deliciosa a vida;
«De que o filho de Kêmi outr'ora nos fallara.»
Os Sacerdotes sós, reuniram-se ante uma ára
Discutindo entre si pedido que os aterra:
«Como guiar o povo á promettida Terra?
«Se o não fazemos já discordia entre elle lavra,
«Perdemos o poder que temos na palavra;
«No desespero seu para nós não trabalha,
«E a morte em suas mãos quem é que ousado atalha?»

Então se lembrou um d'aquelles sacerdotes,
Um que tinha da argucia os invenciveis dotes:
«Embrenhemos o povo inquieto no deserto,
«Para as bandas d'Aram, onde creia estar perto

«D'essa almejada terra, a terra promettida.
«N'essa peregrinação se esvairá a vida,
«Que a geração vindoura inconsciente esqueça
«A visão que hallucina, essa fatal promessa.»

Outro disse:
«O poder sustenta-se com arte;
«No culto divinal que o povo tome parte,
«E emquanto elle esperar as festas cada anno
«Nós vamos-lhe abrandando o seu furor insano.
«O Sol do frio occaso e o Sol matutino
«Na sua successão, que symbolo divino
«Para o homem sentir a evolução da vida;
«A infancia jovial e a velhice descrida!
«O Sol da quadra hyberna, o Sol do quente estio,
«A natureza inteira a marcha reflectiu;
«É o joven heroe que morre e resuscita,
«Eterna oscillação de uma força infinita;
«A natureza chora a morte prematura,
«E com elle revive em esplendida verdura,
«Fazendo succeder á tristeza e aos prantos
«Alegrias sem fim, e os perennaes cantos!
«O povo quer chorar e rir! Faça-se-lhe isto:
«Do joven-Deus Zagreus, Athys, Mithra ou do Christo
«Com compunção se chore o triste passamento;
«Redobre-se a alegria em seu renascimento.
«As mulheres irão pelos montes chorando
«A morte de Tammuz, em sacrificio dando

«Ao deus, que os devora, os filhos de seu seio.
«O povo fica inerte em sensual enleio,
«Aguardando o porvir do vago vaticinio.
«Assim mantemos sempre o perpetuo dominio!»

Conhece o Synhedrim do alvitre o acerto;
Uns á voz do seu deus se embrenham no deserto,
De Kêmi ao paiz outros vão á fronteira,
Levam da escravidão a ferrea gargalheira,
E o culto d'esse deus que morre e resuscita
Ao vencido lhe impõe como raça maldita.
Osiris e Typhon andam em lucta agora;
Moloch incandescente os credulos devora;
É chorado Tammuz por pincaros distantes,
E ficam para sempre essas tribus errantes
Perseguidas sem dôr entre as nações da terra;
Jehovah lhe insuflou na sua ira a guerra.

4.

Os Patesi da Assyria, aquelles que fallavam
D'esse terrivel Deus, Assur, com que animavam
O povo a repellir as raças das montanhas,
Trocaram entre si estas vozes estranhas:
«Eis o nosso poder que já prestes se extingue,
«Se não houver d'Assur quem a grandeza vingue;
«Assur, o deus que guia o carro da batalha,
«Vae desapparecer do olvido na mortalha,

«Porque o povo não teme hoje as raças do norte!
«A Tetrápole o fez com sua liga forte.
«Entre elle reina a paz, cresce a nova doutrina
«Que harmonisou em Deus a força feminina;
«A Arte apparatosa espalha a allegoria,
«Vence a imaginação doida phalagogia,
«Magnificente Bel vae absorvendo tudo!
«Guarda o nosso poder hoje um unico escudo:
«Entre os deuses da ira ateêmos as tramas:
«Ana d'encontro a Bel, e Ud contra Samas.»

Os que adoram Assur, bem comprehenderam todos
Que a sua salvação se faz por esses modos:
«Assur, o deus da guerra, a guerra o glorifica,
«É a devastação oblata santa e rica;
«As cidades do sul na uberrima campina,
«De longe estão chamando as tribus á rapina,
«Que experimentem d'Assur a implacavel ira;
«Lancemos-lhe no altar riquezas de Dinguira.»

Outros clamam tambem:
—«Já o poder não finda!
«Falta-nos escolher o forte Chefe ainda;
«Proclamaremos Rei o que fôr mais valente,
«O que á carnificina é mais indifferente;
«Aquelle que se achar com mais rancor na alma,
«A esse a sagração, a corôa e a palma.

«Sobre a terra será d'Assur representante,
«Da vida disporá do povo a seu talante!»

Cada chefe que aquelle estranho alvitre escuta,
Precípite se lança á desvairada lucta,
Inventando no ardor grandes atrocidades;
Vae-se n'uma incursão do sul contra as cidades;
Sippára baqueou, e a gente que inda vive
Já transplantada foi para a crua Ninive.
Caminham em tropel innumeros rebanhos;
E os leões de bronze, e idolos tamanhos
Todos de ouro massiço, aos templos arrancados,
Por escravos sem fim aos hombros vão levados,
Vergando ao peso enorme exhaustos e de rojos!
Dynastias e reis vão n'aquelles despojos.
Ante a espada d'Assur não ha para onde emigre;
Tinge o sangue a corrente impetuosa do Tigre.

Vem depois da campanha o terrivel banquete,
N'elle se acclama o Rei, segundo Assur promette;
Tapeta-se o arraial só de pelles humanas,
Eis as truncadas mãos em grinaldas ufanas,
E os corpos em montão no campo da batalha
Fecham o grande circo em espessa muralha.
Ao que melhor contou façanha canibal
Chefe se proclamou da dynastia real;

Os Patési lhe dão inteira obediencia,
Com tanto que d'Assur mantenha a omnipotencia;
E que em nome d'Assur o sangue vivo corra,
Para a gloria do deus o mundo inteiro morra.

As velhas religiões atrophiam o Oriente
Das raças na aversão; mais tarde no Occidente
Um'outra entre os irmãos virá metter a espada;
Por ella a consciencia ha de ser anullada
E na lucta da carne e espirito, comsigo
Ha de o homem reagir como proprio inimigo.

V

Migração das Raças

1.

Os povos separou a voz da Divindade;
Vagando cada um pela amplidão deserta
Foi, na lucta da vida, á grande descoberta
Que os tornou a unir perante a Humanidade.

Dos Aryas desprendeu os mais fecundos ramos
Rivaes, como entre si o deus Ahura e Devas;
Vão rompendo através das brumas e das trevas,
Até reconquistar a luz de que gosamos.

Como se vê cahir da arvore as sementes,
E se alastram no val, dos montes nas arestas,
Que o vento arrasta ao longe, em espessas florestas
Assim vão occupando os vastos continentes;

Assim dos Aryas brota essa força espontanea
Que da extensão da terra a posse ousada toma!
Brilhante surge a Grecia, altiva se ergue Roma,
A Hespéria, a Bretanha, as Gallias e Germania.

Tal como a primavera espalha o enchame novo,
Que vae buscando o mel pela campina agreste,
Pelo curso do sol, avança leste a oeste,
Seguindo para a luz o progressivo povo.

Segue o curso do sol; e colleando os montes
Ao longo a desfillar pelos profundos vales,
Passa as ribas do mar, e contra incertos males
Acha em si mais valor, busca ideaes horisontes.

O Arya n'essa marcha em que entra no Occidente
Traz o culto do lar, traz a monogamia,
A tradição de d'onde emana alta poesia,
Do genesis da Sciencia encontrou a nascente.

2.

E como em cada ramo a floração se expande,
O povo que do berço oriental se esquece,
Comprehendendo o mundo, a si mesmo conhece,
Fructifica a invenção n'aquella raça grande:

O que é que a Grecia traz? O sentimento da Arte;
Consegue pelo Bello o accordo da vontade;
E á belleza ideal, que vence em toda a parte,
Liga a Sciencia, em que funda a unanimidade.

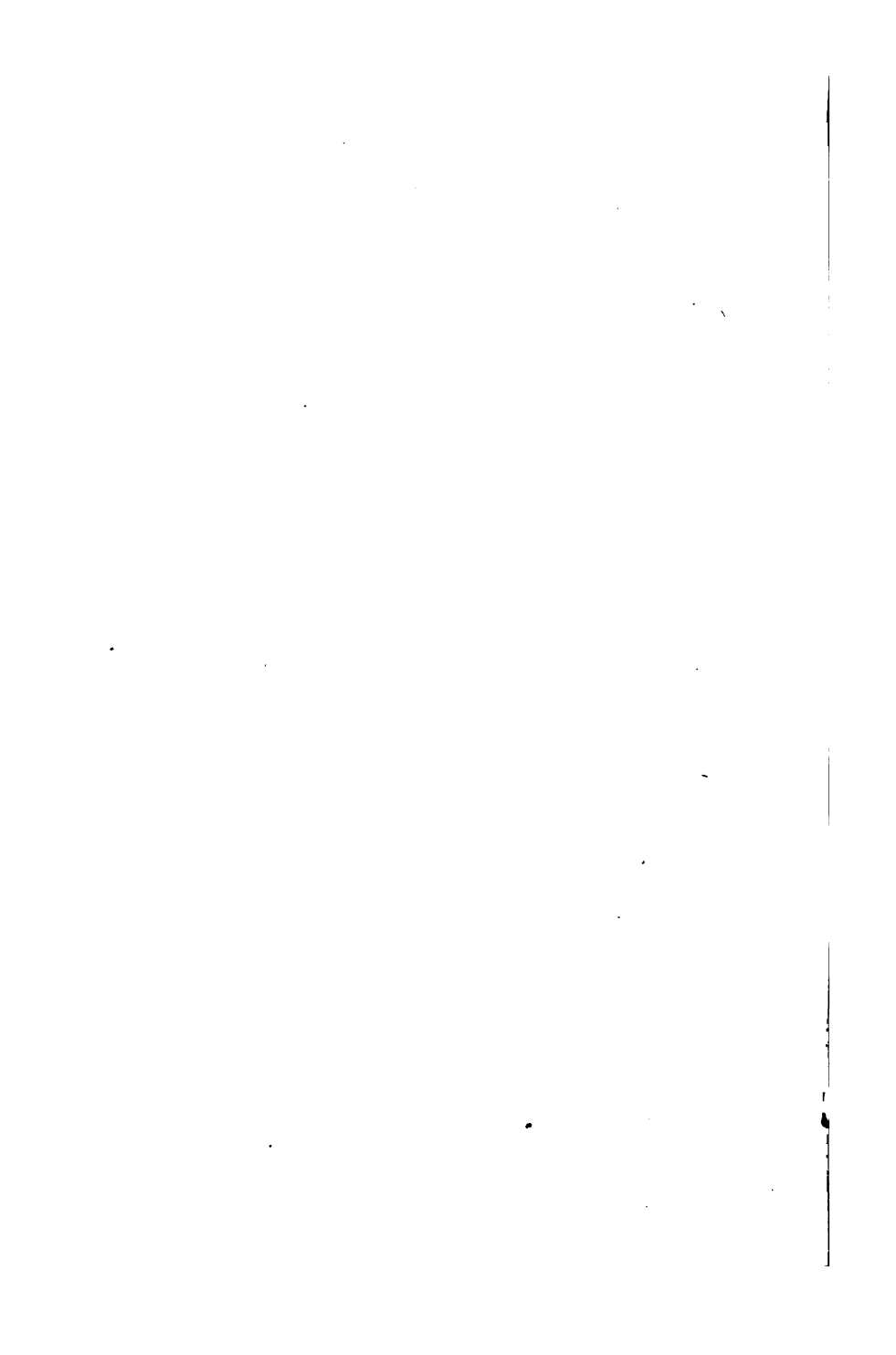
E Roma? Roma traz a noção da Justiça
Com que consegue unir as inimigas raças;
Da Lyra que era a Lei afina as cordas lassas,
E á civica virtude as palmas dá na liça.

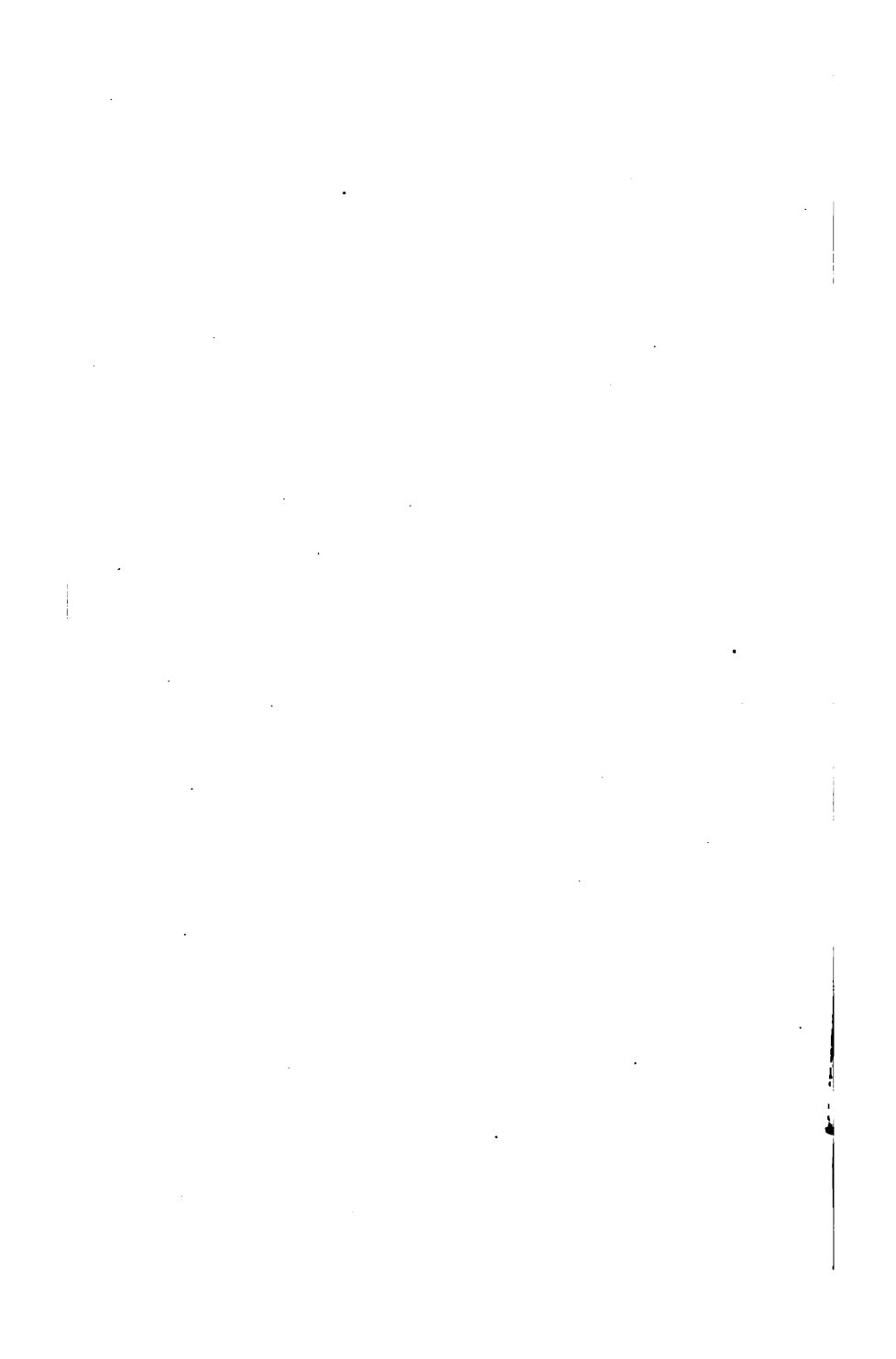
E o que traz o Celta? Amor e esperança,
A suave illusão da immortalidade,
Que inspira para a vida e morte uma alliança
No conflicto vital—fraterna heroicidade.

O que traz o Germano? Em sua violencia,
Traz comsigo um audaz, féro individualismo;
E contra a Auctoridade eis rue em cataclysmo,
D'elle os germens provêm da nova independencia.

3.

Quem é que hade afinar da Lyra as quatro cordas?
D'estas elevações, da consciencia o poema,
Que povo hade fazer a synthese suprema?
D'este oceano d'amor quem tocará as bordas?

Cada povo vibrou o grito de anciedade,
Esse grito de Ajax, dos Deuses contra a ira!
Na vastidão do tempo a Historia o repetira,
O ecco hoje se torna a voz da Humanidade.

PARTE II

CYCLO DA LUCTA

A HISTORIA

Como audaz Ixião leva de encontro
A fraga para o alto da montanha,
N'esta condemnação interminavel
De um esforço tenaz que recomeça,
—Eis o Homem, na lucta do destino!
A marcha ascencional para o futuro
É o cimo onde busca destacar-se
Dos abysmos do bruto, d'onde emerge!
E o fraguedo que do alto róla e tomba,
É a empreza truncada pela morte,
Interrompendo os fortes luctadores.

E sabe acaso o Homem porque lucta?
Elle avança, e no seu caminho encontra
Das Religiões a eterna esphinge
A propôr-lhe o enigma incogniscivel:
Do Porquê? e Para quê? E esgota
Na prematura apprehensão o esforço!
Quando elle as forças mal conhece ainda
Da natureza inteira, que conspiram
Implacaveis contra a ascendente marcha,
Vem a Finalidade e o Principio
Sempre insoluveis enublar-lhe a mente.
Elle avança outra vez; prendem-no Cultos
De contagiosa, sensual Orgia,
Ministrando a bebida inebriante
Que os sentidos exhaure e hallucina,
Lhe degrada a razão e a mutíla!
Elle avança mais firme! e ante os passos
Um fôsso enorme ou boqueirão se lhe abre,
Onde uma a uma as gerações se afundam,
Na mudez da oppressão! A Auctoridade,
Flagrante e eterno abuso, se reveste
Da fórma pessoal; faz-se a alliança
Que explora o mal—o Sacerdocio e Imperio.
O Sacerdocio, o domador das féras,
Entrega aos reis o homem quasi idiota,
E os reis levam-no em bando, massa bruta,
Ás invasões, bestiaes carnificinas

Ora em nome de Deus, ora do Imperio.
Liga estupenda, que desvia o esforço
Do que reage no vital conflicto,
Liga que alarga o boqueirão nefando
Onde uma a uma as gerações, que avançam
Na penumbra dos tempos, se afundaram!

Como é que o Homem triumphará da liga?
Contra as Religiões lançou a dúvida,
E transformou-se a duvida em Sciencia.
Já contra a Auctoridade ergue a revolta;
Na associação fraterna a disciplina.
Oh! mas para que o Homem visse claro,
D'entre o nevoeiro das absurdas crenças,
O clarão do horisonte do futuro,
Foi-lhe preciso que do obscuro fôsso
Se erguesse, onde o lançara a Auctoridade,
Lá como Ixião que arrasta o seu destino
Levando a fraga ao cume da montanha.
D'essa montanha é perspectiva a Historia.

O que se vê na Historia? Ardente lucta;
Como acontece em plano de batalha:
Um a um esquadrões vão atulhando
Os largos fóssos que o reducto guardam;
E os ultimos que vêm, por sobre o estrado

Dos corpos mortos plantam o estandarte
Além, do assalto na hora decisiva!
Lucta o Homem assim contra o destino;
As raças se succedem, vão enchendo
Esse fôsso que os Dogmas escurecem,
Que o vago arbitrio do Poder alarga;
Alfim, apoz as victimas sem conto,
O Homem hoje esse horisonte alcança
De união fraternal e de egualdade,
Como as camadas sotopóstas marcam
As edades, as convulsões da terra,
Até chegar ao humus fecundante
De uma verdura esplendida cuberto:
Assim se fórma essa Babel humana
Proclamando a unidade inconsciente,
Visão confusa na amplidão da Historia.

É tremenda a visão; no fôsso escuro
Nómada tribu e sedentaria cáem;
A cidade e a nação cáem lá dentro,
As raças progressivas lá se extinguem
N'esse conflicto do tenaz assalto
Para a vedada luz! A China pára
No esgotamento da moral abstracta;
O Egypto, o antigo instituidor da Grecia,
Á pressão theocratica succumbe.
Sumirianos e Accádicos preparam

O caminho aos Chaldeus, e por seu turno
N'essa voragem da fatal corrente
A forte Assyria para diante impellem,
Que ao claro genio hellenico fecunda.
Das gerações ao sorvedouro infindo
Avançam os Hebreus, fortalecidos
Pela synthese nova das doutrinas
Vindas do Egypto, Persia e Babylonia;
Os Phenicios lá vão de porto em porto,
Buscam riquezas do ignorado globo
Multiplicando a communhão humana,
Dando á palavra a fixidez eterna.

A lucta recomeça mais acerba;
Sobre os povos dispersos que se alastram
Pelo Occidente, os Finnicos e Ibéros,
Os Ligurios, os Siculos, Pelasgos,
E a sabia Etruria,—manda o Oriente
Hordas irrequietas, que escaparam
Ao torpôr dos hallucinantes ritos.
Do fôsso immenso onde baqueam, surgem
Vencedores Hellenos e Latinos,
Quasi hasteando no fatal reducto
O estandarte da razão humana.
Sempre o *Corsi e ricorsi!* Eis se esquecem
Do berço oriental d'onde sairam,
E triste a Humanidade se desmembra
N'essa lucta sem treguas de dois mundos.

Contra os Hellenos seus irmãos, os Persas
Já sem se conhecerem, vêm sedentos;
Cobrem a terra exercitos sem conta,
Lucta de morte se travou entre ambos.
Heroes de Marathona e Salamina
De vós pende o futuro do Occidente!
Pertenceu o triumpho á Humanidade,
Que á posse do provir prosegue ovante.
Ao triumpho succede átro perigo,
Maior, talvez, porque inda o soffre o Homem:
Do intrepido Alexandre á voz, Hellenos
Avassalam o Oriente, e da conquista
Trazem a mystagogica doença
Dos cultos sensuaes! e a miragem
Dos vagos devaneios que desvairam
O poder da razão de um povo arguto.
Scipião e Pompeo entram no Oriente,
Cae tambem sobre o Imperio essa vertigem
Do mystico torpôr que tudo afrouxa,
Que dissolve a mais intima energia,
Mais terrivel que as invasões dos Hunos,
D'Arabes e Mogóes. O Occidente
Por vago instincto reage, absorto, á toa,
Preoccupado com a posse de um sepulchro!
Sugere a exaltação o audaz Heremita
Em Godofredo; embriaguez divina,
Que arrojou as nações á immensa vala
No extático e lethal somnambulismo!

Foi a heresia que acordou o homem;
E como a abelha que fecunda as flores
Levando em si no incerto vôo o polen,
Diffundiram os Arabes a Sciencia
Nos thesouros da Grecia recolhida.
O Homem viu mais claro, viu distante;
Para além de um sepulchro viu um mundo,
Á posse d'elle, ousado, se arremessa
Por mares nunca d'antes navegados!
Era o berço oriental da Humanidade!
E quando o Turco já sepulta a Europa
Sob um tropel de escravos que devastam,
Quando a razão humana estava em transe
Quasi a ofuscar-se no perpetuo eclipse,
E das nações as lucidas conquistas
Vão ruir ante a rapida avalanche,
—Como os bravos de Salamina, outr'ora,
Erguem-lhe na Asia um dique os Portuguezes!

Foi ao voltar ao berço em que nascera
Que o Homem comprehendeu a sua origem,
E como as Religiões o desmembraram
Perpetuando aversões de povo a povo!
Foi gigantesca a lucta; alfim se extingue
O rancor do Oriente e do Occidente,
As raças são irmãs—faça-se a alliança
Na defeza commum, e a Humanidade
É do triumpho a nova consciencia.

E como no fragor da tempestade
Átras nuvens desfazem-se em torrentes,
E cortam o ár pesado mil faiscas,
Até que vem á limpidez do espaço
A branda, a matinal serenidade:
Assim se acclara o páramo da Historia.
Depois da viva lucta interminavel,
E de seculo em seculo inconsciente,
Póde o Homem vêr claro o seu esforço!
Já não é o Ixião que arrasta o bloco
Ao alto da montanha, e do alto róla;
Na suprema energia ergue-o nos hombros,
Leva-o comsigo para toda a parte,
—É a duvida, a intuição do seu destino.
Por mysterios não mais seja illudido,
Nem por sophismas do Poder cruento;
Mas fazendo do mal seu bem, converte
A duvida em Sciencia! o instrumento
Com que universalisa a liberdade,
Reconhecendo-se obra de si mesmo.

A LINGUAGEM DOS MYTHOS

I

Quando as pedras fallavam

Sobre um sólo que ardentes calmas fendem
Amolda o homem por sua mão o barro,
Nos ignorados deltas da Chaldêa;
Templos, palacios, torreões esplendem,
A sepulchral pyramide campêa.

Bem como o Prometheu que anima a argila,
Amolda o homem por sua mão o barro
Sem precisar ao céo roubar-lhe o fogo;
Communicando-lhe a vital favila,
Fal-o exprimir a imprecação e o rogo!

E combinando o cunho que lhe imprime,
Amolda o homem por sua mão o barro
Á expressão do ingenuo soffrimento;
No tijolo retem canção sublime,
E a impressão primordial do firmamento.

Com o poder que ás pedras deu a falla,
Amolda o homem por sua mão o barro,
Tira tambem do nada o Deus que adora;
Sobre o altar vérte o sangue e a razão cala,
Perdeu assim a audacia criadora!

II

Primus in orbe Deus fecit timor

Vêde-a brincar, a criança! espontaneo folguedo.
Deu-lhe para tingir a face aveludada
Com a sangrenta côr de uma baga esmagada,
Que arrancara da moita e triturou com o dedo.

Se não lembra o selvagem primitivo e ledo
Quando inventou a vã tatuagem desvairada?
Viu-se a criança então; não se conhece, e brada
Hirta de horror, sósinha, em convulsões de medo.

Que verdade em tudo isto! É lei do atavismo;
Assim a Humanidade um dia fórma o Deus
Composto das paixões e sentimentos seus.

Vendo essa obra, aterrou-a o vago symbolismo;
Quiz aplacar o nome, e do fervor no accesso
Ergue o altar onde imóla a razão e o progresso.

III

O pezadello dos tumulos

Como as letras de um Livro são as fórmas
Com que a materia eterna se desdobra;
E a consciencia mal pressente as normas
Que segue a evolução na lenta obra.

Ah, nem só a palavra é linguagem,
Tudo quanto nos orbes vive e existe
Traduz um pensamento alegre ou triste
Do turbilhão sidéreo na miragem.

Quem sabe perceber, ler o sentido
Das côres e da luz? da immensidade?
Ou descobrir no vácuo e escuridade
O segredo das gerações perdido?

Bem vinda a Poesia! eil-a, a Sybilla
Que do porvir a aspiração exprime;
Ergue o passado, e como á fria argila
Infunde vida a sua voz sublime.

Ao penetrar da morte o dogma escuro
Revelado na fronte das esphynges,
Da cidade lethal transpõe o muro
Alevantando as funebres estringes.

Como bafagens de soidões remotas
Passam cantando uma ignorada queixa,
A Poesia recompoz as notas
Que o Egypto immovel no Amenti fecha.

Assim se vivifica a estrophe immensa
Da dôr que foi, surprehendendo o grito
Contra o que ha de aterrador no mytho,
E de absoluto na final sentença.

Assim o vento do passado pulsa
Da harpa animada na dorida fibra,
Como divaga no ár a folha avulsa
Inerte Mumia esta linguagem vibra:

*

«Em náo que singra em mares não sabidos
Vae o gusano carcomendo as pranchas,
Abrindo um leito e logo a sepultura;
Assim á vida fomos impellidos;
Construindo Pyramides sempre anchas
Gastámos nosso sêr cavando a lura!

Alargando os subterreos pavimentos
Aonde iriam gerações inteiras
Esconder-se no somno interminavel,
Fizeram-nos sentir que estes momentos
Da vida eram chimeras vãs, fagueiras,
E que era só verdade o que era estavel.

Fizeram-nos pensar sempre na morte,
Ter volupia na immobilidade,
E fazer do sepulchro um sonho, um goso!
Á luz da frouxa alampada, eu, forte
Consummi-me como ella, na anciedade
De obter um leito de eternal repouso.

Esculpindo na pedra que não sente,
Immerso em trevas trabalhei constante,
Era o hypógeo baixel, eu o gusano:

O tempo corre rapido, e adiante
Se chego a conhecer que o dogma mente;
Quem dá reparação ao grande engano?

Nunca o sol enchugou os nossos prantos
Que abrandavam a pedra onde ficava
O ignoto geroglyphico gravado.
Os Padres nos domavam com seus cantos
Submettendo ao trabalho a raça ignava,
Cada qual aspirava a ser finado.

Quantos mil annos dispendeu o Egypto
N'esse lavor das sepulturas baixas,
Sem ninguem discutir da morte o mytho!
Queriamos que a esposa bella e nova
Fosse envolvida pelas mesmas faixas,
Merecendo ambos uma mesma cova.

Nós pagámos com sangue o frio asylo
Como casta servil, e obedecemos
A todos os caprichos dos tyrannos;
Esperando alcançar por graça aquillo
Que a natureza impõe, ledos morrêmos
Crentes n'esses animicos enganos!

*

Ah! que melhor que fôra o não ter alma,
E ser como a palmeira quando cresce
Que a luz procura e alastra-se no espaço!
Ser como a areia, que a revolve o vento,
Ser como a onda que se espraia insana,
Ser tudo, menos homem, cuja vida
Só o homem tem poder de enegrecel-a!
Ignorancia, fadigas e terrores
Tiveram só por balsamo o sepulchro,
O sepulchro que abafa o audaz protesto.
Mirrada Mumia, eu, victima de um rito,
Ai, ha já tres mil annos que estou fóra
Da evolução activa da materia.
Antes fôra levado na torrente
Da barca sepulchral por sobre o Nilo,
Dormindo o somno dos que não tem medo,
Perdido pelos mares sem limites,
Até ser confundido no elemento
Rudimentar da vida do universo!

*

Oh, que não ha mais nada além da morte!
Pois se houvesse, porque motivo a Mumia
Permanecera estatica e inerte?
Alimentam-se as arvores sombrias,
Que ao fellah extenuado dão alento;
Eu lhe daria sombra, aroma brando

E lhe embalava o somno do cançasso.
Seria como a acacia que tem alma,
Pois sente o que se passa no deserto
E escuta as tradições de quantos soffrem;
Como da Phrygia a alegre amendoeira,
E o pinheiro da Syria, arvores santas,
Que dão consolações, alento, e acolhem
Os que chegam exhaustos,—tal eu fôra
Se me envolvesse o turbilhão da vida!
Fiquei, resto d'um dogma, como a concha
D'época extincta, cuja vida ignota
Inda se accusa na expressão da inercia.
Mas quanto mais não vive a gota d'agua,
Breve gota de orvalho derramada
Na folha da palmeira, pela calma
Do clima tropical; eis cáe na relva
E se infiltra a buscar a solta veia
De algum regato da floresta antiga;
D'alli se eleva em vaporosa nevoa,
E o vento a leva para além dos montes
Envolta em alvo flóco. O sol brilhante
Outra vez a transforma em crystalina;
Mas longe, longe a congelada brisa
Rouba-lhe a transparencia, dá-lhe a fórma
Do prisma ideal, de aspecto caprichoso;
Quasi fóra da natureza, espera
Seculos longos para vir um dia
Atirar-se ás correntes do oceano,

Misturar-se nas vagas esplendentes,
Recomeçar o curso interminavel
Como em uma transmigração contínua.

Oh como a vida do homem se resume
N'uma gota de orvalho! Eu, Mumia triste,
Secca, mirrada, gelida e inerte,
Fiquei fóra do cyclo da existencia,
Muda como os mysterios de hierophantes,
Immovel mais que a fixidez dos dogmas.»

Como suspira o vento em folha avulsa
Assim a Mumia esta linguagem vibra;
De extincta geração a queixa pulsa
Da harpa animada na dorida fibra.

IV

O deserto de Deus

Escolheu Jehovah um povo, e fel-o
D'entre as nações da terra o seu eleito;
Deu-lhe o dominio, a lei, a benção pura.
E ficou Israel no meio das gentes
Pela excepção divina solitario,
Com esse isolamento dos malditos.

Não quiz que o sangue impuro de outras raças
Girasse nos seus filhos! odios fundos
Cortaram-lhe as fecundas allianças;
Não quiz que outras riquezas, por iniquas,
Se trocassem pelas que tem no seio,
E assim ficam estereis seus thesouros.

Lançou a maldição sobre as cidades,
Porque só elle possuiu prophetas
Para cantarem de Adonai o nome!
Mas as nações, crescendo como as ondas
De um grande mar, o immenso mar da vida,
Na enchente envolvem o escolhido Povo.

Como nuvens pesadas e escuras,
Carregaram-se de odios, nas fronteiras
Rugindo em cruas, lugubres ameaças;
Como rue a procella sobre o cedro
Que tem por pedestal o monte, e as aguas
O arrastam na indomita corrente;

Que de vezes derruba o Povo eleito;
Nos cativeiros Israel chorava
Longamente nos thronos dos prophetas;

Das tradições a arca é profanada;
Sob as terras malditas do estrangeiro
Têm sepultura os velhos patriarchas.

Mas dissera Jehovah, na voz sublime,
Que ao Povo seu daria a liberdade,
E elle a aguarda inerte sob algemas.
Revelou-se afinal na sarça ardente,
E em vez da escravidão do Egypto antigo
Deu-lhe a soltura e o tedio do deserto.

Foi livre no deserto quarenta annos
O Judeu crente! e no deserto esteril
Divagou sem descanço, errante, á mingua!
Emquanto o facho aério o conduzia,
E o suave manã lhe vinha do alto,
Fôra elle andando sem cuidar para onde.

Mas os povos da terra amaldiçoados
Subjugam com trabalho a natureza,
Fundem metal, sulcam a terra, os mares,
Levam a toda a parte os seus productos,
Dão vida ao pensamento pela escripta,
Apossam-se do mundo, e fraternisam!

O deserto é sem fim, e infindo o tedio;
Dá instinctos de féra! O Povo eleito
Decáe assim na condição do bruto.
Quando alfim surge em terra promettida,
Só não póde entrar lá o duro guia
Porque a esperança ante a rasão vacila.

Oh Povo eleito entre as malditas gentes,
Escolheu-te Jehovah, deus solitario,
Para tornar-te o eterno vagabundo.

V

A grande muralha

I

O sabio Hoang-ti, depois de um longo
Governo de justiça e de ventura,
Não quer que a morte lhe arrebate o sceptro
Sem firmar paz eterna em seu reinado.

Chama os ministros todos a conselho:

«O meu Celeste Imperio, com certeza,
Das regiões do mundo é o primeiro!
Quem proclamou moral egual á nossa?

Aonde mais immemoriaes costumes?
A nossa paz, d'estas sementes fructo,
A nossa paz os Barbaros invejam.
Invejam de meus povos a ventura,
E com que pressa não virão render-se
Do meu cutello á paternal justiça?
É por isso que os Barbaros nos cercam,
Como as ondas a um baixel ovante;
Longe, ao longe vêm para nós crescendo,
Não nos podem vencer pela prudencia,
Serve-os a força bruta, e rudes contam
Triumphar por insólitos costumes!
É dever meu erguer um dique immenso
Contra a onda sedenta que se enrola,
Fechar olhos á luz fascinadora
Com que vêm desvairar nosso juizo;
Quero manter a tradição dos évos
Pura, illeza, como o thesouro augusto
Da ventura que os povos meus distingue.
Qual de vós põe remedio a mal tamanho?»

Os Ministros fallaram de supplicios,
Sonharam guerras, propozeram mortes,
Delinearam conquistas estrondosas!
Em nada achou recursos o Monarcha.
Por fim rompe o silencio; illuminado
Pelo clarão de generosa ideia,

Então Hoang-ti, o paternal e o sabio,
Exclama:

«Achei um plano inatacavel,
O céo m'o inspirou, é o diadema
Que circumda de gloria o meu reinado.
Os seculos dirão:—Hoang-ti foi grande!
Que um amplissimo cinto de muralhas
Cerque o Celeste Imperio. Contra ellas
Quebrem-se as ondas da invasão selvagem.
É este o meu decreto; o Imperio o cumpra!»

Sublime empreza, digna em todo o sempre
Do maior dos Monarchas que ha na terra!

Do vasto Imperio os povos são chamados
A pôrem mãos á obra; honram-se os livres
Carreando os blócos da muralha espêssa;
Elevam-se os escravos dando o sangue
Para a argamassa que cimenta as pedras.
A muralha imponente altiva cresce;
Como se estende muito álem da vista!
Os cyclopicos muros nada podem;
Do Egypto as pyramides reunidas
Que ficam sendo ao pé de tal muralha?
Venham Tartaros, Scythas, venham todas

As raças mais violentas que ha na terra,
Quebrar o impeto á real fronteira,
A paz do Imperio fica inabalavel.

II

Quando um dia a muralha se achou prompta,
O velho Imperador, mais sabio ainda,
Rodeado de subditos, attentos
Saíu a visitar a obra gigante!
Regorgita de jubilo o imperio!
Que festa universal. Triste o Monarcha
Baixava ao chão aquelle olhar profundo.
Os Ministros attonitos o cercam;
E Hoang-ti não falla. Pois quem ousa
Interrogal-o então? Li-sse, o astuto,
Seu primeiro Ministro, talvez possa.
Li-sse fallou com singular disvello.
Previdente o Monarcha lhe responde:

«Segura é a muralha, com verdade!
Não poderá transpôl-a horda estrangeira;
Porém eu sei que existe inda outra força
Mais poderosa do que as duras armas,
E do que os braços que brandil-as sabem:
Chama-se a essa força — o Pensamento.
Transpõe os diques materiaes que encontra,
Revolta os povos, como o rijo vento

Quando sacode a secular floresta.
Do Pensamento o impulso desvairado
Dispersa as crenças, tradições, costumes,
Como o uragão no sáfaro deserto;
Quem sabe d'onde vem? ante o seu vôo
Baqueam thronos, glorias se dissipam.
Contra elle o que póde a grã Muralha?»

Ninguem previra aquelle mal tamanho!

O primeiro Ministro, então sorrindo,
Com o tino que o trouxe a tanta altura,
A sós fallou com o Monarcha excelso.

Estava salva a paz do vasto Imperio.

Promulgou-se n'aquelle dia mesmo
Um energico edito:—As Bibliothecas
Sem escolha serão pasto das chammas;
Ai de quem sequestrar ao fogo um livro!

E o sabio Hoang-ti, apoz um longo
Reinado de justiça e de ventura,

Pôde morrer tranquillo; a paz do imperio
Fôra o sonho constante de sua gloria.
Mais alto que a Muralha impenetravel
Ergueu-se o fumo espesso do incendio,
Que envolve a China, e fecha-lhe o horisonte
Á luz do pensamento que progride.

A FUGA D'ESCHYLO

I

Envolvido na purpura, sombrio
Sob o peso do fulgido diadema,
Estava o rei sentado no alto solio.
Rodeavam-no attentos os ministros;
Quando Hiéron, deixando sobre o peito
Pender o sceptro, diz:
—Pobre, e estrangeiro,
Deixal-o entrar! Ouçamos quem me busca.

II

Ao vêr o ancião de venerando aspecto,
Tácito entrar, os rostos se voltaram;
Que magestade augusta! a fronte altiva
Mas de quem não supplica, e seus cabellos
Brancos como a ramagem do arvoredo
Onde as geadas do inverno se accumulam,

Sorriso doloroso e indistincto
Fluctuando incerto nos seus labios tremulos;
A pallidez retinta n'essas faces,
E de antigas batalhas os vestigios,
Dos cortezãos sobre elle a vista chamam!
Cansado da jornada e da existencia,
Triste ás portas de Athenas sacudira
O pó da patria que lhe fôra ingrata!

III

O forasteiro de cabellos brancos,
Baixou depois os olhos rasos d'agua,
E um soluço quebra-lhe o silencio:

«Por sobre mim os annos tem deixado
«Correr pesado nivel; e que importa?
«Não poderam cansar-me! Sinto ainda
«Pulsar-me o peito pelo amor da gloria;
«Pela patria... oh, a patria que é madrasta,
«Por ella combati em Salamina
«Contra as hordas asiaticas; nos campos
«De Marathona; em tudo ouvia o nome
«Doce nome da patria a dar-me força,
«Gerando a inspiração ardente na alma!
«Sou eu mesmo que ouvi silvar as setas
«De Pláteas na batalha, e trago ainda
«N'esta enrugada fronte as cicatrizes!
«Dae asylo ao soldado peregrino,

«Que sem querer cahir ao golpe ignobil
«De uma traição escura, busca hoje
«Logar entre as fileiras dos teus bravos
«Para morrer, morrer no ardor da lucta!»

IV

De um terror santo Hiéron apossado:
—Oh nobre velho! (diz) que fado adverso
Te segue desde o berço á sepultura?
Guerreiro e bravo, como ainda mostram
As cicatrizes que o respeito infundem,
Como ha podido a patria desprezar-te?
Desacatar assim tua velhice?
Se os teus Penates se tornaram furias,
Oh vem, aceita o asylo d'outros lares;
A mudez de teu pranto me domina,
Soffro comtigo, ancião! Dize o teu nome?

Como estremece o pescador incauto,
Tocando o anzól o electrico gymnoto,
Assim de prompto os cortezãos se abalam,
Quando Eschylo profere ali seu nome.

V

Eschylo! o grande nome, ecco remoto,
Repercutiu n'aquelles peitos todos;
O principe dos tragicos de Athenas!

O rei estende os braços, a apertal-o;
E como ao pôr do sol o borborinho
Se escuta em derredor de uma colmêa,
É assim o rumor dos que segredam!
A seu lado põe Hiéron o poeta,
Homenagem do genio á magestade,
E diz para os que o cercam:

— Vêde, e honrae-o!
Honrae, honrae dos tragicos o principe,
Que vibra as cordas do terror sublime,
Que ao côro das Euménides assiste,
E como um deus, abala as consciencias!
A fortuna o guiou á nossa côrte.
Se eu as leis da hospitalidade quebro,
Eschylo! oh não respondas! Que destino
Te fez abandonar a patria bella?
Essa lucida Athenas, lar e gloria?
Para vir á Sicilia, extranha terra
Tão pobre do esplendor de arte e sciencia?

Tal como ao fim da tarde vae cahindo
O sol para o occidente, e do alto monte
Os tenebrosos cumulos errantes,
Cobrem subito o alcantilado cimo,
Assim pesada nuvem de tristeza
Envolve a fronte do poeta! Longo

Foi o silencio, anciado, interrompido,
Como uma vibração remota de harpa:

«Se de saber os males do proscripto
«É tanto esse desejo; e ao perseguido
«Só lhe é consolação contar seus males,
«Esses males escuta: Sobre a Scena
«Eu alcancei as palmas do triumpho,
«E com ellas as palmas do martyrio.
«Na Scena ao povo lhe libei meu sangue,
«Revelei-lhe o ideal e a verdade;
«E como Prometheu acorrentado,
«Rasguei a venda que a razão offusca!
«Revelei dos mysterios o absurdo,
«Dos sacerdotes criminoso embuste,
«Da doutrina orgiastica o delirio
«Que dissolve de um povo as energias!
«Quiz a onda furiosa submergir-me;
«Refugío-me á sombra dos altares,
«Á morte o Areopágo me condemna!
«Salvaram-me estas mesmas cicatrizes.
«De Prometheu o vulto então na mente
«Me appareceu um dia; dei-lhe fórma,
«Revesti-o da minha propria carne,
«Foram seu estertor minhas angustias!
«O povo escuta pávido, aterrado,
«As mulheres abortam; as crianças
«Desfallecem exânimes! E o povo

«Era n'essa apotheose o meu abutre.
«Athenas, que eu amava, cujas portas
«Me abrira no regresso triumphante,
«Que me dera a corôa immarcessivel,
«Que me aclamára entre estrondosos cantos,
«Athenas, tudo esquece, e me prefere
«... Prefere-me um rival! Uma criança...
«Eu a vi, ao voltar de Salamina,
«Da mocidade atheniense á frente,
«Cantando a gloria do immortal triumpho.
«Tambem esqueço a terra...»
A falla córta
Um vágado, um soluço; era a lembrança
De uma saudade que não mais se extingue.

VI

Eschylo, então, vencer procura a angustia,
E na revelação de um genio immenso,
Que sente em si a intuição da vida,
Com serena e segura voz prosegue:

«Um rival! um rival, isso que importa?
«É vasto o mundo, e dá logar a todos;
«Talento algum a nenhum outro eguala,
«Todas as vocações têm seu destino.
«Amo o rival que me prefere Athenas,
«É Sóphocles, é novo, uma criança!
«Lei eterna da vida é sempre a morte,

«Condição immanente do progresso;
«Estulto é todo o odio contra os novos,
«Elles são de outra edade a flor e o fructo,
«Nós ficamos o humus fecundante!»

Hiéron, assombrado da grandeza
Do portentoso espirito, prorompe:

—Que mais gloria ha no mundo para dar-te?
Tens tudo quanto a mente ambiciona!
As miragens de um horisonte novo,
Aos genios do futuro has revelado;
Tu do mundo moral tocaste as ribas!
Tambem nos transes duros do combate,
Em Marathona e Salamina entrando,
Quando, as hordas ignaras vindas d'Asia
Pela avidez da Persia, repellias,
Tu salvaste os destinos do Occidente!
Salvou-se a Europa do atro cataclysmo,
E Athenas, fóco da cultura do homem!
Oh se a patria por fim te desconhece,
A humanidade te eternisa o nome,
Como um sol que os espiritos fecunda.

O SEPULCHRO DE VIRGILIO

I

Era chegado o Apostolo eloquente
Cansado, e firme n'uma fé robusta,
Da romagem longinqua do Oriente,
Por hordas sévas da região adusta:
Vinha trazer á Capital da gente
Que no orbe impéra, e com poder assusta
De armas e leis, poder egual não visto!
O Verbo novo que dictara o Christo.

Divisa o Apostolo uma fresca gruta,
Entrou, sentou-se em vago esquecimento;
Queria forças para entrar na lucta,
Esse repouso de quem cóbra alento.
Santos carmes do velho Lacio escuta,
Agitando-lhe o incerto pensamento!
É bem que te extasíes e arrebates
Com a lingua dos Juristas e dos Vates.

Sentou-se extenuado sobre as bordas
Do tumulo sagrado de Virgilio!
Transpondo mares e sedentas hordas,
Mal entende o Apostolo esse idylio
Que resôa nas invisiveis cordas
Da alma grega no etrusco domicilio;
Elle quer descobrir essa magia
Para espalhar a fé viva, que o guia.

Virgilio! A natureza era serena!
Com mansidão o mar longe estuava,
Com mansidão de quem vê que sem pena
Do promontorio os vinculos quebrava!
Atito pesaroso de uma avena
Graça de infancia á paizagem dava,
Era limpido o céo! cariz de Italia,
Quem tiver mais poesia na alma exhale-a.

Havia o quer que é de mysterioso
Que perturbava o Apostolo fervente,
A revelar-lhe, com tristeza e goso,
Que vinha tarde ás bandas do Occidente
Fallar do Verbo novo e doloroso
Da liberdade humana incipiente;
Mas será tarde, tarde por ventura
Para apontar a via ao que a procura?

Se Roma é surda em bacchanal cynismo,
Quando a ruina do Imperio toca a méta,
Se é impotente o rigido stoicismo
Para espalhar os dogmas que ora enceta;
Oh vem, Paulo, accudir ao paroxismo
De um povo exangue, que alegria affecta.
Sobre o tumulo augusto d'esse Vate
Medita nas palavras do resgate.

Repousou a cabeça turbulenta
Da campa de Virgilio sobre a lagem;
Á mente, na anciedade, representa
Que chegou tarde, tarde da romagem;
E chorou, como aquelle que se ausenta
De um amigo, seguindo a eterna viagem.
E chorou! recolheu-se a natureza
Attenta n'aquella intima tristeza:

II

«Oh alma pura, ingenua, bem nascida
Para sentir o bello e a verdade!
Para ti minha vinda foi perdida.

Ao conhecer-te, quem chorar não hade?
Vendo morrer no erro e culpa d'Eva
O melhor coração da antiguidade?

Tu foste como o guia quando leva
A luz adiante, e a todos alumia;
Só para si não vae rompendo a treva.

Presentindo essa ideal melancholia,
Que faz do novo dogma a essencia, brando,
Sunt lacrymæ rerum! proferia.

A nova ordem foste annunciando
Na voz *Saturnia regna,* não ouvida
Do povo, que ia á saturnal em bando.

Comprehendeste a lei fatal da vida;
Tu só tiveste aquelle ramo de ouro
Que dá entrada na mansão dorida

De extinctas gerações. Tremendo agouro,
Onde as paixões que as almas devoraram
Lá se levantam n'um infindo côro.

Soubeste amar, sentir: outros gosaram.
Tiveste a dôr de ideal melancholia,
Com tedio os outros já se aniquilaram.

Virgilio! ah, como Apostolo seria
O que dera á verdade essa linguagem
Profunda, humana e viva da poesia!

Se Paulo, aí tarde, da longiqua viagem
Podesse vir a tempo em tua procura,
Do Verbo novo dando-te a mensagem!

Ter eu vindo tão tarde! Desventura.
E ser já tarde, que lethal tristeza,
Para salvar essa alma ingenua e pura!»

E chorou! Recolheu-se a Natureza.

III

Longo foi o silencio, como aquelle
Que precede uma immensa tempestade,
Antes que o vendaval duro atropelle
As ondas, quando os páramos invade!
Paulo chorava por essa alma imbelle,
Com magoa e suavissima saudade;
Ás lagrimas, da compaixão alarde,
Respondeu-lhe uma voz:
«Não vieste tarde!

Não vieste tarde! E vê se poderias
Ao maximo pontifice do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não pudera esquecer a todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma de um privilegio augusto.

Cuspido á praia pelas tempestades
Vieste, Paulo, a tempo, a dar a nova
D'esse mysterio ás immoraes cidades.

Emquanto da Justiça dera prova
Roma, foi grande, soberana e forte.
Quem haverá que a outra ideia a mova?

Mas essa luz que foi sempre o seu norte,
Offusca-a hoje a purpura devassa;
Do gangrenoso Imperio soffre a morte.

Antepondo á Justiça a casual Graça,
Ao direito o favor... Paulo, entra em Roma,
Se fallas em rasão o vulgo passa;

Elle não te percebe. Ah, Paulo, doma
O ignavo povo com o doce engano,
Um absurdo em que creia, e um deus que coma.

Da bemaventurança pinta o arcano;
Mas a doutrina só será fecunda,
Passada a embriaguez em que se funda,
Quando o teu Christo se tornar Romano.»

O GLADIADOR

I

No ergástulo

Justina, a imperatriz, quer ser mais bella,
Para vencer a fria indifferença
De Marco Aurelio, absorto, que se enleva
Na abstracção da moral philosophia.
Inventa mil encantos! E, cercada
Das libertas hellenicas que a adornam,
Das seducções da hetáira ouve o segredo,
E o gesto, o olhar, a morbidez ensaia.

Das libertas é Flavia a mais astuta:

—Que importa que os philosophos e poetas,
Os artistas, os grandes oradores,
Busquem da hetáira a seducção que inspira?
Ha um poder mais forte,—é o ciume!
É do ciume que a paixão renasce.

Revelação de luz para Justina!
Mudou-se-lhe a tristeza em alegria,
Do olhar se lhe irradia a esperança;
Sente-se cheia de uma vida nova,
É o triumpho seu! A Flavia falla;
Em segredo e malicia ambas conspiram...

Baixo, a liberta a Imperatriz incita:
—Como elle é forte e corpulento o Cimbro!
Prisioneiro das guerras da Germania,
Junto ao carro triumphal dava mais gloria.
Que typo varonil, audaz, robusto,
De altivez soberana mesmo em ferros!
Nunca mais, nunca mais pude esquecel-o.

A Imperatriz a medo, e incerta:

«Eu quero,
Eu quero vêr o Cimbro da Germania;
Eu amei sempre a força e a coragem,
Posso dizer que nunca vi um homem.

A Imperatriz e a sagaz liberta
Vão ambas ao ergástulo, veladas;
A emoção e o medo as hallucinam.

Jaz o Cimbro deitado sob algemas,
Na patria scisma, e na floresta antiga,
No lar abandonado, e na vingança
Herdada de seus paes!
Flavia o desperta:

«Uma dama romana aqui vem vêr-te.
—Melhor fôra o algoz! responde o Cimbro,
Olhando indifferente; o véo espesso
Cobre o rosto a Justina, e o prisioneiro
Attento fita esse ideal contorno,
Como a panthera, quando uma ave adeja.
Seducção invencivel do mysterio!
Não ergue o Cimbro os olhos d'esse vulto;
Inebria-o o aroma dos cabellos,
O doce arfar do colo, a tez macia,
D'aquellas mãos a alvura deslumbrante.

Na extranha commoção volve á liberta:

—Dize-lhe, dize que o seu véo levante!
Oh quanto ha de ser bella essa Walkirie,
A Virgem forte de encantados sonhos?
«Se a dama o véo levanta, Cimbro, morres!
—Ergue-lhe o véo, e sê bem vinda oh morte.

O prisioneiro estende a mão, hesita,
Convulso abraça a mysteriosa dama,
O véo afasta, a Imperatriz conhece.
Attonito um instante fica o Cimbro;
Justina sae precípite, atterrada
Foge á attracção do feminil capricho.

II

No circo

Passaram dias. Marco Aurelio escuta
A aventura do ergástulo, sorrindo;
Renasceu o fervor, Justina vence!
Quer em contradicção pôr as doutrinas
Do sabio Imperador!
—Hade ser bello
Vêr em lucta na arena o ousado Cimbro,
N'uma festa do Circo apparatosa!

Cumpriu-lhe o Imperador esse desejo;
A multidão irrompe anciosa, alegre,
As familias patricias, senadores,
Proconsules, vem tudo, vêm sedentos
Aos combates do Circo! Marco Aurelio
O justo, o bom, entrou na Pulvinare,
E o manto branco já no ár agita.

Entrou um gladiador, robusto, altivo
Saúda a Imperatriz! Justina exulta
Ao vêl-o intrepido arrojar-se á lucta;
Um momento depois cahia em terra
Na arena, exausto borbotando em sangue.
Solevantando o corpo, o duro Cimbro,
Entre os brados da plebe desvairada,
Ergueu nos paroxismos esta ameaça,
Vaticinio fatal que o tempo aguarda:

«Raças do Norte, vinde! ah, vinde, emquanto
Na vida dissoluta das cidades
Não sois contaminadas! Tendes inda
A validez austera da virtude;
Amor, e nunca a força, vos subjuga.
Raças do Norte! que guardaes o culto
Da mulher pura, e que alliaes á audacia
Contra a morte a doçura da familia,
A vós só para a guerra vos alenta
Dos avós o barritum, cantilena
Que o sangue agita e o valor infunde!
Avançae, como a onda, ao Occidente,
A funda podridão varrei da terra,
Lançae sobre a Cidade um vulcão d'ira!
E que a face do mundo o sangue a lave.
Trazei-lhe crença, pois de tudo riem;
E áquelles que saúdam quem os mata
Ensinae a sentir o que é revolta.

Raças do Norte! Ah, vinde, como a noite
Que envolve em trevas a hediondez dos crimes.
Como o incendio os cadaveres devora,
Antecipae a maldição do tempo...»

A voz ficou suspensa; ultimo jôrro
Vem de sangue em golfadas pela bocca;
Cae o corpo com todo o inerte pezo.
A plebe hallucinada nada entende
Das estranhas palavras; mas abafa
O ruido de estrondosas gargalhadas.
É baldado o estimulo á alegria;
O combate das féras nada incita.
Vem os leões da Lybia contra os ursos
Da Rhetia e Apeninos! Mudez triste.
É que o povo sentira bem de longe
Formar-se o torvellinho que desaba,
Volvendo tudo em trevas e ruinas.
Findam do povo as gargalhadas francas,
Resta a avidez do sangue, e a sinistra
Tristeza funda que o submette á Egreja.

A VINHA DO SENHOR

I

—Vós, os que andaes luctando
A prescrutar as leis da Natureza,
Que estudaes como e quando
Os orbes seguem sua redondeza;
Que buscaes da materia os movimentos,
Das fórmas animaes o typo ignoto,
Os costumes do povo o mais remoto,
E como o homem géra os pensamentos!

Vós, os que á luz vivendo
Do Ágora, luctaes com eloquencia
As paixões revolvendo,
Abrandando-as dos hymnos á cadencia;
Que destacaes da pedra a estatua bella,
E no palco imitaes a dôr profunda,
Nos vossos templos magestade abunda,
E as vossas obras a grandeza sélla!

Mas... uma cousa existe
Que de Hipparco a seus calculos escapa;
É véo que os olhos tapa
A Aristoteles, quanto mais insiste.
Não a sabe cantar Anacreonte,
Nem Phidias sobre o marmore a imita,
É uma força que nossa alma agita,
É o azul de incognito horisonte...

Essa cousa sublime
Em vão o pensamento a abrange, e a lingua
De dizel-a se exime,
Incerta e muda, de expressão á mingua.
É como um mar a cuja borda estamos,
Mas que não tem baixel que além nos leve!
O Incognoscivel, Deus! miragem breve!
Quereis fixal-a? Nós vos ensinamos.

«Fallaes do Deus ignoto? Por ventura
De Platão daes a ultima palavra?
De Pythagoras a doutrina escura?
Da solidão e paz o ensino se abra.
Como é que chegaremos
Á ignota margem d'esse mar immenso?
Pois como nós veremos
A luz de além d'este horisonte denso?

—Oh, bem pouco é preciso: Abandonando
As palestras dos sabios!
Recebei essas leis que vão notando,
Como o riso dos labios!
Erguei olhos da terra á immensidade,
Aqui é tudo corrupção e dôres!
Deixae a multidão e os mil rumores,
Trocae a solidão pela cidade.

Vinde ás bordas da fonte do baptismo,
O espirito se eleva
D'aí, por sobre o insondado abysmo,
Á margem que nos ceva
Com dulcissimos fructos saborosos!
É lá, é lá a Vinha do Senhor!
Dá-nos a eterna vida o seu calor,
Dá-nos a sua luz infindos gosos.

Contemplação! É esse o fructo dôce,
E aquelle que o toca,
Sentir-se-ha, por mais triste que fosse,
Com alegria louca!
Um regosijo, um extasis que prostra,
Vital quebrantamento, uma dolencia,
Produz o fructo! e o pômo da Sciencia
Esse é amargo e duvidas nos mostra!»

E os que andavam luctando
A prescrutar as leis da Natureza,
A promessa escutando,
Foram sentar-se á inebriante meza!
A Grecia da Arte, o fóco da Sciencia,
Da Vinha do Senhor prova a bebida;
Do Logos profundando a transcendencia,
Cae na Contemplação, pára-lhe a vida.

II

—E vós, oh filhos d'esse Lacio antigo,
Que levaes armas pela inteira terra,
Vinde ouvir a doutrina que se encerra
No santo Verbo amigo.
As vossas Aguias, ao transpôr o oceano,
A gloria levam aos confins do mundo;
Quanto não é mais bello o Pelicano?
Rasga o seio jocundo!

Proclamaes a Justiça pela espada,
Trazendo hordas selvagens para a luz;
Mas a conquista só será guardada
Pelos braços da Cruz!
Não a Cruz dos flagicios, que na praça
Se ergue hedionda, mas sim esse madeiro
Aonde, para revelar a Graça,
Deu a vida o Cordeiro.

Qual póde mais, a Graça ou a Justiça?
Qual subjuga com mais intensidade?
Uma a mente hallucina e enfeitiça,
    Outra prende a vontade!
Dos Codigos deixae a letra morta,
Entrae na Vinha do Senhor!—a Graça
É pampano que a todos nos enlaça,
É o licôr que a mente deixa absorta.

Quem uma vez provou aquelle fructo
Não mais será tocado pelas dôres,
Nem das riquezas o desejo bruto
    Sentirá mais ardores.
Glorias do mundo, e deslumbrante fama,
E quanto em nós a vida nos provoca,
Tudo emfim que se aspira, e quanto se ama,
Pelo prazer da Graça quem não troca?»

E esse austero espirito de Roma
Que ao mundo dera bases de Justiça,
Levado pela ingenita cobiça
    Do dominio que o doma,
Entrou na Vinha do Senhor, sereno!
Provou da Graça o vinho que inebria;
O Imperio cae na funda lethargia,
Sem conhecer o subito veneno.

III

Ah, como a Vinha do Senhor é immensa!
Céo e terra com seus pampanos cobre;
Arde o amor ali em sarça densa,
Todos são lá eguaes, o rico e o pobre.
Corre um licôr balsamico, que abranda
As dôres mais cruciantes,
—Escravos! que mais póde quem vos manda?
Contra o mal sorvei tragos inebriantes.

Vinde aprender a retemperar a alma,
Na Vinha do Senhor; a suavidade
Do licôr é mais pura que o da palma,
Dá-nos o sonho alegre da Egualdade!
Quem o provar—sente-se irmão dos grandes,
Do rei, do rico e forte!
Escravo! escuta, embora misero andes,
Contra ti já não tem poder a morte.»

Dos ergástulos surgem os Escravos
Sequiosos de provar aquelle Vinho
Mais exquisito que os melifluos favos,
Qual flor que desabrocha d'entre o espinho.
Foram crédulos, mudos e attentos
Ouvir esse mysterio!
Irromperam de então os grandes ventos
Que fazem prompto desabar o Imperio.

IV

Os fracos e os tristes tambem querem
Buscar na Vinha do Senhor asylo;
Ás cidades a solidão preferem,
E o silencio tranquillo.
Hallucinadas na febril ardencia
Fecham-se as mulheres na clausura,
É um prazer sensual que se procura
Agora a Penitencia.

Do joven Deus que morre e ressuscita
A orgia sagrada se propaga,
Contagio do Oriente, a Europa agita,
A todos embriaga!
O mundo foi então um grande choro,
Esteve a terra em sombra triste immersa,
Supprime-se á Rasão o excelso fôro,
Abafa-se a perversa!

Arde em todos a santa labareda
Que o pungimento solitario atiça!
O homem perde a lucida vereda
Da Sciencia e Justiça.
Como acordar da embriaguez do Vinho?
Quem ha que a antiga orientação renove?
Revolta-se a Rasão, acha o caminho
Ao grito—*E pur si muove!*

ALMA MYSTICA

—

Sou a pomba ferida,
Levada na ribeira;
A seta despedida
Por uma mão certeira,
Fez-me tombar do puro azul do céo,
Por onde ia seguindo o amado meu.

A vida, n'um suspiro,
Se exhala; mas que dor
Me faz sentir um mais agudo tiro...
A distancia do amor!

Oh boninas da beira da torrente,
Relva do ameno prado,
Murmurios d'estas aguas:

Quando á sesta, na hora mais ardente,
Vier o meu amado,
Contae-lhe minhas magoas.

Alva plumagem tenho
Toda tinta de sangue;
Morta de amores venho,
Dolorida e exangue!
O dôce Amado soube os meus desejos,
Vem transpondo os espaços...
Cansado, pede beijos,
Co'as azitas abertas pede abraços.

A vida, n'este anceio
Se exala; mas que dôr
Me faz sentir unida áquelle seio
O não morrer de amor!

DILEXIT MULTUM

Fracta quasi navicella,
Submersa ab atra procella,
Super fluctus fertur puella.

Humeri lividi pendent,
Ocelli extincti splendent,
Uti signum vitae dent.

Forma eburnea nitet munda,
Ridet adhuc os jucunda,
Dum per oras planget unda.

Diluculum autumnalis
Lunae, qual refulget vallis,
Obumbrat aspectum mallis.

Lente, quantum, et infesta
Transivit hora funesta
Qua, se vitam abstulit moesta!

Amor crudi, reddidisti
Absque spe dolores tristi;
Mors solvet a malo isti.

Cum videt, dixit Levita:
—Nunquam anima precita
Erit in gloria benedicta.

Quis fidem collit, exoret;
Quis amorem passus, ploret,
Jam apud angelos floret.

Corpus, non fano sepultum,
Tenet palmam cor inultum,
Heu! quoniam dilexit multum.

PHRASE DE MIGUEL ANGELO

1.

Oh Dante! Oh nova aurora da Poesia,
Duro juiz da inulta liberdade!
Quando entraste dos prantos na Cidade,
Perguntaste a Virgilio, ao dôce guia:

«D'onde vem tal fragrancia e harmonia,
Vozes de amor de tanta suavidade?
Que se aclara a amplidão da escuridade
Sobre o estertor da horrida agonia?»

Viste pairando em nuvem diamantina
Voar Paulo e Francesca, triste e amante;
Quizeste ouvir que dôr é que os fulmina.

Interrogaste o Mestre n'esse instante;
Mas respondeu a bella florentina:
«*La bocca me bacció tutto tremante.*»

2.

Fria, dentro de um féretro estendida
Eu vi passar tambem, d'esta janella,
Ai! para sempre e nunca mais, aquella
Que fôra para mim ideal e vida.

Ah Vittoria Colonna, não vencida;
Vae-se da esperança a luz com ella;
Sem rumo e sem fanal d'entre a procella
Que eu fique como nave já perdida.

O espirito se abysma em vacuo immenso,
A solidão é vasta mas suffoca;
Da dôr irremediavel me convenço:

Eu pergunto que mão lethal me toca?
Vêl-a morta passar... e scismo e penso
«*Sem nunca ter beijado aquella bôca!*»

O POEMA DE CAMÕES

I

Espalham-se ao rumor de átras ameaças,
Com pompa marcial, tôrvos, crescentes,
Como ondas em tropel—enchendo as praças
Já de Philippe os esquadrões frementes:
    Assim occupam tudo!
Portugal não oppõe um só escudo.
Os arcos triumphaes ornam as ruas,
Galhardetes e alfaias purpurinas...
Quando o leão de Castella as garras crúas
Assenta sobre as aviltadas Quinas.

As fortalezas salvam com estrondo!
Pelo ár os sinos com festivos dobres,
No templo,—que espectaculo hediondo!
Dizem que o Rei, os padres e os nobres
    Consagram a conquista!

Infamia nunca vista:
Calar com ruido a voz da consciencia,
Perante o altar santificando o jugo,
Vender da Patria o nome, a independencia,
Levando-a ao cêpo do feroz verdugo!

Vê Philippe a seus pés um povo escravo;
Não bastam, não, acclamações e palmas!
Quer possuir o que despreza o bravo,
Quer uma cousa—a servidão das almas!
N'isso encontra grandeza.
Ao passar, sáe-lhe em rôjos a nobreza;
E os padres, para quem o ataúde
É sempre uma esperança de cobiça,
Juram manter na fé do povo rude
Que o dominio estrangeiro é de justiça.

Conhece o Rei no emtanto, que lhe falta
Essa cousa que a pósse lhe cimente...
O Povo? beija a espada que o assalta;
Os Poetas? glorificam o Prudente
N'um côro vil, abjecto!
Porém, para o dominio ser completo,
Jungindo á Hespanha esta Nação vendida,
Não bastam bençãos do traiçoeiro monge,
Nem protestos da raça envilecida,
Quer Philippe ainda mais...
Elle vê longe.

II

Chama o Rei o Ministro á puridade,
Manda lêr-lhe das cédulas a lista
Dos que venderam Patria e Liberdade,
Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,
Capitães e poetas, quanto ha nobre,
Um nome só, entre esses deshonrados,
O nome de Camões não se descobre.

De repente Philippe altivo ordena:
«Vão procurar Camões! Venha o Poeta!
«Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,
«E a mim torne a victoria mais completa.

«O que a Sadí não deu o rei da Persia,
«Por mim, tarde, a Camões prestado seja!
«Vença o Cantor a doentia inercia,
«Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

«Os que agora me acclamam com espanto,
«Comprehenderão um dia o assassinio!
«Mas de Camões a gloria de um só canto
«Faria eterno, eterno o meu dominio.

«Vão procurar Camões! a pósse inteira
«De Portugal n'esse animo reside;
«Se a Historia não encobre a ignobil feira,
«Que eu seja o heroe de um novo Poema! Ide.»

III

Chegam horas depois os mensageiros,
Voltam desalentados; nova triste!
Foram tarde, máo grado irem ligeiros:
Era morto Camões! Ah, não resiste
Sua alma ao vêr soldados estrangeiros
Na Patria, e o povo que aos festins assiste!...
Elle então cheio de afflição e de ira:
—*Patria! juntos morremos!*—Succumbira.

IV

Philippe escuta; ah, sente-se inimigo,
Do novo Estado julga a posse iniqua;
Vaticina o rumor vago perigo,
E exclama attento na visão longiqua:

«O que governa os Povos, bem percebe
«Que as pompas festivaes, os juramentos
«Da nobreza, e acclamações da plebe,
«São do poder bem fracos fundamentos!

«Dos esquadrões que vale a força dura?
«Do sacerdote a benção que me exalta?
«Ah, não ter corrompido essa alma pura...
«Portugal não é meu! Camões me falta.

«Morto é Camões; mas guarda-se a verdade
«No Poema d'essa austera consciencia,
«Onde a Patria respira a liberdade,
«Onde resurge a morta independencia.

«Já não posso abafar, tornar mentida
«Essa voz que resôa como ameaça,
«Grito de imprecação que acorda á vida,
«Alevantando a decahida raça.

«Minaz, dentro do magico Poema
«Ha do incendio futuro uma favilla;
«Traz a explosão com que rebenta a algema,
«Meu poder n'um só dia se aniquilla.

«Hoje a meus pés, alegre, sob o jugo,
«Sem conhecer sequer tanto desdouro,
«Portugal vende-se! acclama o seu verdugo,
«Mas eu presinto um seculo vindouro...

«Nascida em ferros, e como elles dura,
«Se a gloria do passado alguem recorda,
«Como Lazaro em funda sepultura,
«Uma outra geração febril acorda!

«Camões! Camões, heroe, cantor e bravo,
«Envilecidos animos levanta;
«Porque encerra o Poema onde os seus canta
«A força que faz livre um povo escravo.»

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate
Deu novo alento aos peitos lusitanos;
Não foi preciso um seculo!—o resgate
Fez-se n'um dia, ao fim de sessenta annos.

O RISO DE CERVANTES

Quanto vae de Sancho a Pedro.
Anexim popular.

Á luz froixa da palida vigilia,
Solitario, pensando sob o pezo
Do esteril desalento,
Na mudez indigente da familia,
No tumulto de esperanças vacillantes,
O olhar no fogo da inspiração acceso,
Arrebatado no aério pensamento,
Trabalhava Cervantes!

Que busca em sua mente? que grandeza
Lhe desvenda a arrojada phantasia?
Que allivio sonha para a atroz pobreza?
Já vem alvorecendo a luz do dia;
E á luz mortiça e breve,
Com mais fervor, que nunca teve d'antes,
Livido o rosto, fito o olhar, escreve
No seu livro Cervantes!

Ai já cansada de esperal-o, e triste,
Ergue-se a esposa; vem de manso, espreita
Pelas fendas da porta;
De repente, elle, que ás visões assiste
Do mundo ideal das creações gigantes,
Com que risadas o silencio córta
Da noite! para o lado a penna deita,
A rir, a rir Cervantes!

Riu-se a bom rir, convulsa gargalhada!
Longo scherzzo de ignotas harmonias!
Vira tudo isto a esposa desolada;
Mas d'essas concentradas ironias
Percebera bem pouco;
E para si, em ancias cruciantes,
Diz: «Coitado, coitado! elle está louco,
Louco o pobre Cervantes.»

Como quem vence um natural impulso,
Nas mãos esconde a fronte, e a dôr semelha;
Abafa o poeta a custo o rir convulso,
E diante de um Senhor crucificado,
Proferindo palavras offegantes,
Contricto se ajoelha,
O rosto todo em lagrimas banhado,
Pesaroso Cervantes:

«Perdoae-me á razão este desmancho,
Relampago infernal de atroz contraste,
Que a mente altiva invade!
Ao vêr como o casmurro e gordo Sancho
Repleto de anexins sempre abundantes,
Ri de Quixote, então Tu me lembraste
Na missão de salvar a humanidade...
Mas perdoa a Cervantes.

«Porque trouxeste por ideal ao mundo
Salvar o homem do átro cativeiro,
Dando a vida por nós sobre o madeiro;
E esse Pedro, mais pratico e profundo,
Larga-te aos sycophantes!
Toma á doutrina a parte utilitaria,
Vindo fundar em Roma a Barataria...
Mas... perdôa a Cervantes!»

Irromperam-lhe as lagrimas ferventes
Dos olhos; os soluços
Abafaram-lhe o grito do bom senso.
Aos pés do Christo prostra-se de bruços.
Eis com passos trementes,
Como se fosse á hora dos amantes,
Entra a esposa, e abraça-o: «Penso, eu penso
«Que tens o fogo da rasão, Cervantes.»

A CONFISSÃO DE CALDERON

Ajoelhado aos pés de um velho Jesuita,
Calderon sentiu n'alma a gelidez da morte
Ouvindo ao confessor esta subtil pergunta:

—Pois não te accusa, irmão, a consciencia nunca
De andares profanando os dogmas sacrosantos
Perante a multidão, e em comedia nas praças?

«Padre! lhe respondeu fervoroso o poeta:
«O rito é transitorio, a vida é acção perenne;
«Eu busco a fonte viva e eterna da verdade.

«Vêde, as Religiões falsêa-as a heresia;
«Os dogmas entre si se vão contradictando;
«Mas a Arte sómente é immutavel, bella!

«O que ha de verdadeiro e bom no Christianismo,
«É bello; — e a expressão do universal sentido
«Só póde achar na Arte a suprema linguagem.

«O dogma só por si conduz á intolerancia,
«Ao desespero e horror; a emoção do Bello
«Essa infunde a concordia, a paz e alegria.

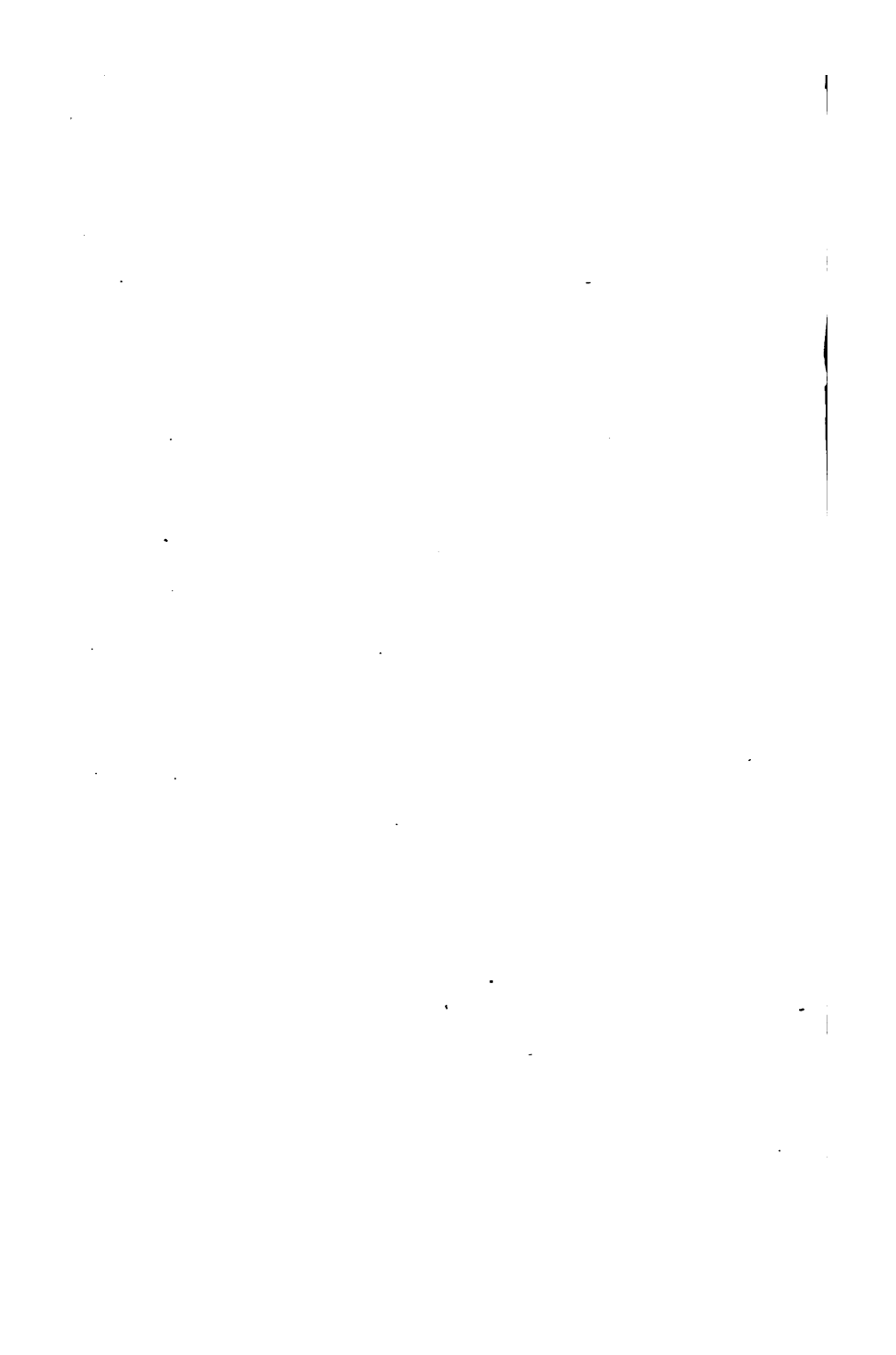
«Se o Christianismo foi que trouxe em sua essencia
«O sentimento novo e ideal da Humanidade,
«O Bello é encarnação da verdade; eis a Arte.»

A estranha confissão do Poeta inspirado
Não póde comprehendel-a o velho Jesuita;
Como entender a vida o que se crê cadaver?

Ao tocar a arca santa da Arte o Jesuita,
Que tinha morta em si de ha muito a humanidade,
Secaram-se-lhe as mãos! atroz castigo d'Oza.

Flagrante accusação do embuste e da mentira
Com que simula a fé o falso sacerdote;
Finge-se a crença! o Bello, ah, não! Bemdita a Arte.

PARTE III

CYCLO DA LIBERDADE

A PHILOSOPHIA

Por calmas e por sêdes devorado
Na desvairada caravana, exhausto,
Aquelle que atravessa por desertos,
Se ao longe avista de encantado oásis
A miragem fugaz, consoladora,
E o vulto aério de palmeiras verdes
A balouçar-se em suspirada brisa,
Supplantando a fadiga pela esperança,
Cóbra alento um instante e febril marcha.
Mas, ai! ao fim de tediosas horas,
Quando a amplidão infunde o esgotamento,
Furta-se á vista o oásis desejado.

Como o vapor que a imagem reflectira,
Essa breve illusão se esvae, e o triste
Cáe no areal que, exânime, o sepulta.

Assim caminha a incerta Humanidade;
Na grande caravana da existencia,
Sem saber para onde, vae levada
Na corrente vital, por entre dores,
Miserias, decepções, luctas e morte;
Tenta em vão descobrir d'onde partira,
Tenta fitar um horisonte infindo,
Tenta embalde alcançar o seu destino;
É então que na mente hallucinada
Polulam as miragens enganosas
Das visões subjectivas, com que a exploram,
Nuvem pulverulenta, com que a cegam,
E a sepultam na funda obscuridade!

Esta é a miragem do Eden d'onde vimos,
Esta a visão da Terra promettida,
Do Deus pessoal e de uma vida eterna,
Das recompensas do sonhado Empyreo,
Dos beijos das Walkiries, e dos gosos
Do Walhála sensual ou do Svarga.
Religião! conjuncto das miragens
Das indistinctas emoções do homem,
Que lhe incitaram seus primeiros passos,

Ao renovar-nos a ficticia esperança
Calas a decepção por meio do embuste.
Nunca, nunca dos seculos na serie
Se achou confirmação para taes sonhos;
Os alentos que infundes só serviram
Para quebrar as fortes energias,
Pela embriaguez extáctica e passiva
De uma contemplação esteril, vaga,
Em que a mente se absorve e se consomme
Como a lampada que arde n'um sepulchro.

O deserto é sem fim; e na romagem
Prosegue a Humanidade, anciosa, incerta
Como o eterno Ashavéro, para diante,
Colhendo as agonias das edades!
A miragem dos dogmas é mentira,
E aquelles que mais crêram, succumbiram
Deixando-nos a duvida, por onde
Nós transitámos de criança a homem!
A reflexão servira-nos de pólo;
E em vez de irmos por mares e desertos
Fiados na miragem seductora
Da columna de fogo ante o propheta,
Desprezámos a causa, prescrutando
A lei, a lei, que a natureza rege.
Cede á Rasão a crença, ao real o sonho,
E as illusões mentaes ao objectivo!

E como o que transpõe o mar immenso
Por entre as cerrações e as borrascas,
Por vendavaes, entre medonhas syrtes,
Segue observando a bússula, seguro;
É assim a Rasão, norte immutavel,
Viva estrella polar, que ao homem traça
No turbilhão do Cosmos o esteiro
Por onde attinge a comprehensão das cousas.

Como o que está n'um dedalo, perdido,
Acha o fio conductor e se liberta,
Tal a Rasão, ao homem desvendando
Relações complexissimas das cousas,
Liberta-o dos enigmas insoluveis
Do Porquê? e Para quê? a esphinge
Que devorou das gerações o esforço,
Lançando-as na hieratica apathia.
A Rasão comprehendendo o universo
Deduziu da infinita variedade
A unidade de uma Lei bem simples:
A persistencia eterna da Materia.
Eliminou-se a creação divina,
E a boçal conflagração dos orbes.
Como a Materia, é eterno o Movimento,
Egual, seja na orbita dos astros,
Nas vibrações imperceptiveis do átomo,
Na transmissão da cellula inconsciente,
Na irradiação esplendida da ideia!

É o universo o vasto taboleiro
Do complicado jogo a que assistimos,
Ai do que ignora a lei d'esse andamento.
Temos como parceiro o Incogniscivel,
Sempre implacavel ao mais leve engano;
Observação, conhecimento, é o lemma
Por onde a certa via se descobre.
São por isso os oráculos já mudos;
O reducto da liberdade do homem
Ergue-o um novo poder, o da Sciencia!
Reproduzindo as leis que o Cosmos regem,
Verificando-as, torna este ente debil
A synthese consciente do universo.

Depois que a vasta abobada se fecha,
Tira o architecto os simplices, as traves,
Materiaes provisorios, que serviram
Na construcção enorme alevantada;
Pois bem: agora, Sacerdocios, Dogmas,
Privilegios de Castas, Dynastias,
Ficções da auctoridade hereditaria,
Mantidas pela inercia do costume,
Pelo prestigio absurdo do passado,
Vós sois os velhos simplices que restam
Da aggregação da sociedade antiga.
É tempo de varrermos o edificio
Atrancado de tanta cousa inutil;

Tal como está, é a sociedade a tunica
Do Nessus, que o individuo adstringe e mata!
Quem pelo instincto proprio se revolta,
Ou pela reflexão audaz se eleva
A esta dissidencia austera e digna,
O sentido possue do Verbo augusto:
Philosophia!—o accordo das consciencias,
Que lá desde Aristoteles a Bâcon,
De Descartes a Kant, a Hume, a Comte
Traçou um novo sulco á Humanidade.

O BANQUETE DOS LIVRES

CANTO PRIMEIRO

I

Quando o sol desce abaixo do horisonte
Deixa ainda uma vaga claridade
Crepuscular, esparsa pelo espaço,
Que allumia e suscita o pensamento:
Assim depois tambem que á campa baixam
Aquelles que irradiaram sempre ideias,
Deixam fulgindo no horisonte humano
Como um clarão que as gerações envolve
E da existencia ao limiar as guia.
D'onde é que vieram pois tão altos sêres?
Do povo, como vem da pedra o lume.

II

O povo, a grande força, equiparado
Fôra ao bruto! e como tal talharam-no
Cimento vivo de áras e de thronos.

Elle, o creador de ingentes epopêas,
Jazeu seculos tacito e idiota;
Elle, que as Pyramides erguera,
Cathedraes rendilhadas e os castellos,
Revolve-se nas fétidas pocilgas;
Elle, que phantasiou na mente os mythos,
Foi com isso illudido pelos padres;
Elle, que fecundou da Liberdade
A flor, regando-a o sangue, nas feridas
Tingiu aos reis a purpura soberana.
E como o domador propina ás feras
O opio que adormenta a sanha e a força,
E as faz curvar ante uma froixa vára,
Tal se curva ante o ensanguentado sceptro
O povo, a quem os dogmas adormentam,
Na pobreza de espirito, embebido,
Miseravel, no sonho de outra vida!
Ai de quem despertar esse dormente;
Se abre os olhos—esvae-se o pezadello.

III

Reis e Padres! satanica alliança;
Dois Poderes, eguaes no mutuo accordo.
Dizia a Egreja: «A Terra não se move!»
E arremessando Galileo ao cárcere,
Contrapunha á Rasão a letra morta;
Á voz do genio oppõe o texto mudo,
Cuidando assim que o pensamento prende
N'uma têa de aranha, o dogma estulto.

Eis a Terra movendo-se no espaço,
E a materia oscillando no equilibrio
Que ora a condensa ou desaggrega, em fórmas
Transitorias da sempiternidade;
Affirmam da Rasão a soberania
No irrefutavel facto: *E pur si muove!*

Dizia a Realeza: «A Sociedade
Subsiste só pelo que tem de estavel,
E o Estado sou eu! é só da força
Base das leis que se deriva a ordem!
Seja o direito, então, minha vontade,
Seja a justiça uma emoção do arbitrio.»
E arrojava ás Bastilhas negras quantos
Longe annunciavam a elevação do homem,
Ou que abjurando o culto do passado
Previam mais fulgor n'outro horisonte.
E apesar dos exercitos frementes,
Dos canhões e dos pactos sanguinarios
Das truculentas dynastias, muda
Veiu a Realeza á barra da justiça;
Ruíu da iniquidade a cidadella
Por terra ao *Çá ira!* o grande grito,
O *E pur si muove* dos destinos do homem.

IV

Que poder novo ao homem arma o braço?
Que poder lhe insurgiu a consciencia?

Quando a opulenta Babylonia, outr'ora,
De Cyro pelo exercito cercada,
Se abandonava ás festas desvairadas
Dos deuses sensuaes, na louca pompa
Balthazar viu na sala do banquete
Na parede fronteira, mão extranha
Escrevendo a sentença da ruina
De um mundo torpe: *Mane, Thecel, Phares!*

Nova crise atravessa a Humanidade;
Não é a força, é a rasão que a incita.
Como um polypo immenso, que renasce,
E a energia organica devora,
Tal foi na sociedade o Despotismo;
Separa os povos credulos, levando-os
De embate uns contra os outros, empenhados
Em odios vãos de raça; e os arrebanha
Fechando-os n'um redil de indignidade!
A guerra e o fanatismo eram as bases
Da ordem social!

Crêra-se impune;
Julgava-se seguro, inabalavel!
E quando o Cesarismo deslumbrava
Pela devassidão e pompa os povos,
E eram os Reis da divindade eleitos
Dizendo receber do alto o mando,
Todo esse mundo de torpeza e crimes

Era prestes a desabar em terra,
N'um diluvio de sangue submergido.

Aqui, na Babylonia do Occidente
Não se bebia em calyces dos templos,
Nem por craneos dos martyres calados;
Commungava-se a união pelas ideias,
Era em Paris o centro do convivio.
No fraternal banquete ergueu-se a taça
Das angustias fataes da Humanidade,
Livres saudando a aurora do futuro;
Gravou-se a voz nas consciencias rectas
Sob a divisa de—*Écrasons l'infame!*

V

É nos salões d'Holbach, na franqueza
Do parque de Grand-val, onde o banquete,
Pretexto para encontro dos amigos,
Frugal se presta ás expansões sinceras;
Sem os terrores da rasão de Estado,
Da intolerancia acerrima dos Dogmas,
Ali, como os philosphos de Athenas
Nos jardins de Academus, imitando
O festim de Platão, tinham por thema
O Amor, o immenso amor da Humanidade.
Conversavam na alegre effusão d'alma,
Como os que vão de subito levados
A regiões incognitas, suspensos!

Ao pé de Diderot está Galiani,
Mais além D'Alembert, aqui Helvetius
Attento a tudo, e como que inundado
D'aquella intensa luz; Raynal estava
Mais perto de Buffon; Rousseau absorto
Enleva-se na aza da utopia;
Um sublime Cenáculo, estupendo,
Onde as linguas de fogo, que infundiram
Validez e convicção ás consciencias,
Scintillam na expressão dos pensamentos.

Faltava ali Voltaire! Onde a essa hora
O semideus da intrépida ironia?

Não deram pela falta os mais convivas;
Fallava Diderot, o audaz obreiro
Que transforma os espiritos! Sorria:

«Vêde! custou dez annos a tomada
Da Troya antiga; não bastou a força,
Foi necessario o ardil. A Rasão sempre
Como unico poder! Planêa Ulysses
O cavallo, onde occulta os mais audazes,

Dentro dos muros invenciveis d'Illion
O introduz. Tambem na fortaleza
Do Cesarismo e absurda Theocracia,
Contra os quaes já tres seculos correram
De lucta inefficaz, introduzimos
O novo estratagêma—a Encyclopedia!
Lá dentro estão da Revolução os germens,
Fermentam as ideias; mas um dia
Hão de fructificar na mente do homem,
No corolario de actos decisivos.
Quantos seculos ha que a Grecia ensina
Onde reside a verdadeira força:

O sonho do Oriente

Já farto de prazeres, esgotado,
Aborrecido e triste, o rei Dario
Lança um Edito:
—«Alguem ha que descubra
«Desconhecido goso? um prazer novo,
«Que o potente monarcha não provasse?
«O premio a esse, o meu favor e o mando.»

*

Juntam-se os Magos, Sátrapas, Videntes,
Os Sabios todos com fervor, a vêrem
Se descobrem ao Rei prazer ignoto.

Que mais procura um Rei senão o goso
Das sensações egoistas? Viver suino.
Dario esvae-se no profundo tedio,
Nada o distrae, conhece-se insensivel.

* *

Vem por fim um captivo atheniense;
Conduzem-no á presença do monarcha,
Elle sabe que existe um prazer novo;
Vem fazer a revelação extranha...
O que será?
Eis que o captivo falla:
«Ha um prazer, Senhor, que não se exhaure,
E se torna mais vívido e intenso,
E nos eleva acima do homem! Temol-o
No intimo encanto de um dever cumprido;
No goso da dedicação por outrem;
No sacrificio austero pela Patria;
E na emoção de um acto de Justiça
Que ha de ficar na voz da Humanidade.
Quem se encontrar por uma ideia grande
Possuido, agitado, e entrega a vida
Á realisação d'esse destino...
Ainda mais: E quem no ardente estudo
D'altas contemplações reconcentrado
Descortinou as leis da natureza,
E consciente a ellas se submette;
O que acha as normas da ideal Belleza
Reflectida nos sons, na côr, na imagem,

Onde a Vontade e a Rasão se accordam,
Esse conhece o indefinido enlêvo
D'uma cousa—o Prazer moral...»
Calado
Dario escuta e não comprehende nada.

* * *

Não comprehendera nada do que ouvira
O prepotente; o egoista estava fóra,
Pela absoluta e irracional vontade,
Das condições normaes da natureza.
Só lhe restava as emoções selvagens
Do sangue e da vingança.
A voz do escravo
Fel-o pensar, veiu agitar-lhe a mente
No torpor sensual obscurecida:
Um pequeno paiz, fóco do Bello,
Que irradia as scientificas verdades,
A força bruta ao seu Imperio quebra;
Pela força moral se tornou livre.
Como a fronteira viva do Occidente,
Salva os destinos da cultura humana,
Iniciando essa força inquebrantavel
Do poder espiritual da consciencia.

Dario succumbe em desalento e tedio,
E como elle o Oriente jaz inerte.
A França é hoje a herdeira d'essa força!

Então Galiani expondo a descoberta
De uma lingua sagrada do Oriente
O esquecido Zend,— estabelece
Entre as altas conquistas de Alexandre
E o poder da Sciencia um parallelo,
Comprovação da luminosa ideia:

«Parte Alexandre; o exercito avassala
Os imperios do Oriente. A Grecia em lucta
Contra a Persia, salvára da barbárie
O mundo occidental a quem um dia
Veiu a caber a hegemonia humana.
Triumphante, Alexandre, quer em tudo
Audaz manter o seu dominio; e prompto
Ao chegar a Persépolis, altivo
De Murghab á pyramide subindo,
Dá com a sepultura do monarcha
Que o vasto Imperio persa cimentára!

*

Na pedra tumular vira Alexandre
Um breve lemma, em letras mysteriosas;
Quer saber as palavras e o sentido.
Chamam-se presto os Magos, vêm os sabios
Ninguem já reconhece os caractéres,
Nem entendem a lingua sacrosanta!
Fez o tempo um mysterio impenetravel.

E o que impoz pelas armas mais dominio,
Alexandre, sentiu falhar-lhe a audacia
Contra esse lemma! É que um poder lhe falta...
E os seculos correram; e mais forte
Do que as armas e indomitas phalanges,
A intelligencia humana cria a Sciencia,
Que a luz projecta ás sombras do passado,
Alevantando as gerações extinctas
Como um termo da progressão que busca.
E o vetusto epitaphio assim dizia:
—*Eu sou o Rei da Ackménida, o alto Cyro?*—

Foram essas palavras como a chave
Que as portas abre de ignorado mundo;
O passado resurge a um novo *flat,*
Os codigos, as Leis e a Poesia.
Que buscava Alexandre nas conquistas?
Foge ao desvairamento, e cede á morte;
Mas a Sciencia, revelando ao homem
Sua origem e o nexo do passado,
Fecunda as tradições d'aonde emana
Da liberdade a affirmação consciente.

Este novo Poder nos emancipa.»

VI

Os que ouviram, estão maravilhados;
Conhecem que o perstigio vem do ignoto:

«Estabeleça-se a continuidade,
Allie-se o passado hoje ao presente,
Ante essa relação cae o mysterio.
Se disseram os Reis: *Divide e imperas!*
Transformemos em bem a extranha força:
Pela analyse a crença esvae-se em fumo.
Á genese dos Deuses remontemos,
E como o pacto social se funda,
Que o prestigio das forças inconscientes
Se esvae como ante a viração o nimbo.»

Assim fallara D'Alembert; incerto
Perguntava Rousseau:
—Mas, como, como
Nos garante a rasão a liberdade,
Quando assistimos todos á agonia
Bem profunda de Trenck, ou de Latude?

Respondia-lhe Helvetius:
—Epicteto,

Sob a pressão do ergástulo, mantinha
Intemerata e livre a consciencia.
Quem ha que ouse algemar o pensamento?

E no vasto salão estava a copia
Da cabeça ideal do Prisioneiro
Que Miguel Angelo animara; sonha
Livre entre ferros. Todos a fitaram;
D'Holbach expõe do marmor' a linguagem:

«Uma palavra diz toda a desgraça:
—Tem por si a rasão, eis o seu crime!—
O despota o conhece; busca traça
Para occultar a victima que opprime.

Ferros! vossos anneis encadeados
Venham soldal-o para sempre ao muro;
Abóbadas! calae-lhe ardentes brados,
Trevas! sumi-o no estertor do escuro.

Mas tudo é pouco! O prisioneiro pensa
No rancor do tyranno, e adormece;
A natureza é mãe: na dôr immensa
Accolhe o que nas ancias desfallece.

Então, em somno longo e descuidoso,
Aos sitios mais queridos d'outras éras
A mente vôa e aviva com repouso
Passadas illusões, doces chimeras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro,
Esquecido do pezo das algemas,
Ouve os colloquios do amor primeiro?
Do adeus final as expressões extremas?

Ali lhe transparece sobre os labios,
O arpejo ignoto de suave riso,
Sereno, como a profundez dos sabios,
Triste, como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre! o somno é liberdade
Para esse a quem nenhum consolo reste;
Qual será mais feliz? a auctoridade
Nunca logrou um somno como este.

Véla o tyranno, tendo álerta os guardas,
Entre canhões, muralhas, torres, fossos,
Lá quando o somno chega em horas tardas,
Ouve ais, vê sangue, estrepitos, destroços:

Escuta os gritos surdos da revolta
Do povo que a si mesmo faz justiça;
É negro o pesadello, o horror o escolta,
Quer despertar, remorso o enfeitiça.

Este, dormindo, já se sente escravo,
Arrastado por praças, com vergonha;
Mas quem jaz mudo sob o iniquo aggravo
Que é livre, livre ai prisioneiro, sonha.

Qual será mais feliz? um, quando dorme,
É só para sentir terror, fraqueza;
E áquelle, que succumbe ao peso enorme,
Diz-lhe ser livre, a santa natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras,
Que não conhece algemas—a vontade!
Prepotentes! quebrae ante ella as iras,
Embalem-nos os sonhos da verdade.»

Rousseau ouvira attento, e comprehendendo
As augustas palavras d'aquelle hymno,
Viu a luz nova a grande, a eterna lucta
Da Humanidade em prol do seu destino:

«Na lucta de Um de encontro aos outros todos
Quem vencerá?—O numero! Eis a força
Que traz á historia o Proletariado,
Que audaz o seu logar ao sol exige!
Elle vem como a onda, a onda viva...

— Chame-te Sudra quem servil te nota,
Deixem-te as Castas com horror sagrado;
Calquem-te, Pária, Fellah, bronco Illota,
Façam-te Escravo em Roma, ai, é baldado,
És sempre o mesmo Homem ultrajado.

A natureza deu-te a força e vida
Que não succumbe á violação proterva!
Como a prancha que arrasta onda batida,
Assim poder extranho te conserva,
Como revive a amaldiçoada erva;

Erva, cujas raizes derrocaram
De ergástulos e templos velhos muros,
Que nas ruinas seu vigor mostraram,
Cobrindo de verdura os seixos duros,
Só com ter de ár e luz uns haustos puros.

Os que te viram sob o aspecto novo,
A ti, o ignobil da vetusta edade,
Como lisonja te chamaram Povo;
E envolvidos na pávida anciedade,
Deixaram-te provar a egualdade.

Como foi que subiste a tanta altura?
Não és aquelle mesmo intonso e hirsuto,
Sem vontade ou direito; por ventura
Bebendo o choro mudo, nunca enxuto?
Vivendo equiparado sempre ao bruto?

Não és aquelle a quem o sol aquen'a
Pela graça dos reis, pois que um relance
Das Bastilhas te arroja á morte lenta?
Da crassa escravidão deixaste o alcance?
Da gleba adstricta sacudiste o transe?

Como ousaste pensar por ti um dia,
Rodeado de bonzos como andáras?
Chamaste a Providencia; a Theologia,
A escarnecer-te com beatas caras,
Respondia queimando-te nas áras.

E foi possivel germinar a ideia
Sob esse craneo duro, tantas vezes
Decepado nas praças, porque cheia
Um dia trasbordara a taça as fézes,
E ousaste resistir a mil revezes?

Explorado do berço á sepultura,
Tu, conservado estupido por plano,
Como foi que subiste a tanta altura?
Lançando da cerviz o jugo insano,
Reclamando isso que é do Sêr humano?

*

«Perguntas bem! Direi toda a verdade:
De luz, terra e trabalho, do ár e ideia,
Da santa aspiração da liberdade,
De tudo quanto o Sêr humano anceia,
Um dogma nos privou por culpa alheia.

O velho egoismo nos privou de tudo!
Fômos baixando até cahir exangue:
Rasgava-nos o peito o ferro agudo,
E quando estava já para a dor mudo
Só não poderam esgotar-lhe o sangue.

E o sangue correu sempre,—e quente arrasta
Provocando a embriaguez da liberdade,
Lavando o stigma que separa a casta,
Minando a secular fatalidade
Que fez do atroz arbitrio auctoridade.

Quando o rei paternal, d'entre o arminho
Triumphante exclamava:—Quero e posso!
Lançava ao ár o cópo cheio de vinho;
Tambem ao derrubar o alto colosso,
Nós derramámos sempre o sangue nosso.

O sangue, o sangue nosso! o vinho forte
Da garantia civica romana!
Na sua enchente rompe o dique á sorte.
Como Christo augmentou o vinho em Cana,
O sangue fez a Egualdade humana.»

E Diderot sorriu... Que significa
Esse riso? Duvída por ventura?
Comprehende que no olhar o interrogam,
E exclama:
—Eu não duvido; eu sou convicto;
Tem a força moral fundos colapsos,
De que o mal se aproveita com vantagem.
É um refluxo de onda; é o passado
Que se impõe, se o provir é indistincto.
Como vencer da força o antigo abuso?
E a fascinação dos velhos dogmas?
Como acordar no Povo a consciencia?
Seja a ideia a semente da revolta:

Parabola da semente

Reis e Padres! satânica alliança!
Deram-se as mãos para a nefanda obra
De abafarem da liberdade a esperança
Como se enrósca ao corpo vivo a cobra.

Mas quem póde vencel-os? Quem?.Olhamos
Debalde em volta; mas ninguem se atreve;
Todos duvidam, todos vacillamos...
A lição eloquente é a mais breve:

Ouvi! aprendereis como se lança
Do eterno crepe na funérea dobra
Reis e Padres, que em tetrica alliança
Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz rapido tufão pobre semente,
Cae ao acaso sobre a dura rocha;
Humida fenda em si mal a consente,
Com orvalho do céo eis desabroxa.

Dá-se a lucta do vivo contra o morto;
O grão perdido ali germina a custo;
A luz do sol na altura serve de horto,
Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra;
Mais póde o vivo do que a inerte massa;
É rija a fraga, mas a planta medra,
Ergue-se ao alto, e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;
Assim a tradição cede á ideia!
E a noção, que dissolve a negra alliança,
Da cidadella do erro o muro apeia.

VII

Era já serão alto; proseguindo
A palestra animada, impetuosa,
De repente Galiani volve em torno
Dos convivas o olhar:
—Agora explico
Porque se fez da meza Academia!
Dou pela falta agora de Voltaire;
Faltava-nos o apoio da ironia,
De um riso orientador da realidade!
Está vasio o seu logar! que acaso
O afastou? Elle, o primeiro atleta?

E quando assim fallava, o reposteiro
Do salão se correu; era Voltaire.
Entrava lento, e vinha succumbido,
Desalentado e triste, em ár de angustia,
Como a buscar refugio entre os amigos.

CANTO SEGUNDO

I

Pela tristeza immensa quebrantado,
Voltaire se assentou. Todos pretendem
Saber que estranho caso o impressiona!
Por certo, ante a injustiça ou a desgraça
Elle se achou miserrimo, impotente?

Fallou Voltaire:
—Um grande terremoto
N'um instante, hoje, subverteu Lisboa!
E esse povo, já victima calada
Do horror do queimadeiro, com que a Egreja
Extingue a erva má das heresias,
Esse povo, sem dó bestialisado
Pelos Autos de Fé—canibaes pompas!—
No momento em que aos templos concorria
A adorar com fervor o Deus da ira,
Ficou sob as abobadas submerso.

N'essa mesquinha terra, onde se erguera
O privilegio, a atroz desegualdade,
Ante a enorme catastrophe baqueam
Torreões sumptuosos e os casebres,
Pelo tremendo vórtice egualados,
Rasos com o chão, na mesma sanha envôltos.
Durou minutos o desabamento.
E quando a densa nuvem da poeira
Cobria á vista a tetrica visagem,
E o sol rútilo, ardente, trasbordava
Nos espaços de luz — contraste acerbo! —
O Tejo ao mar reflue, surge instantaneo,
Accumulando impetuosa vaga
Que a cidade alastrou; vão no refluxo
Mortos e vivos, tudo quanto arrasta,
Ao hiante golfão no alvêo aberto;
Parece que ella vem varrer os crimes
Que accumularam no infamado sólo
Por seculos, e impunes, reis e padres!
Aonde a vaga não chegou, o incendio
Lavra, devastador, mundificando
O cahos medieval, que aí subsiste
Sequestrado á corrente das ideias.
Com as vidas aos milhares, ficam
Aniquiladas já tantas riquezas,
As riquezas de um povo activo e sóbrio
Que descobrira a America e à India,
Que teve o sceptro impavido dos mares.

As bibliothecas e os archivos ardem;
E o sol entrou nos derrocados claustros,
Onde as trevas do fanatismo bronco
De longo tempo estavam conglobadas:
Povo misero! É negra a sua historia:
Do dominio hespanhol sacode o jugo,
E na effusão sublime do resgate
Livre se entrega a um imbecil Bragança,
Que o algéma á perfidia de Inglaterra,
De uma covarde segurança em paga!
Pária, ao serviço de um poder ignobil,
Carecias acaso d'este abalo,
Para surgires do torpor do bruto?
Hoje o assombro te impelle á idiotia.
Ah! falta alguma cousa no Universo!
Se existisse um Deus, ou Providencia,
Consciencia da Ordem, ou Justiça
Era a absurda catastrophe impossivel!
Se até aqui foi preciso inventar numes,
Caduca hoje a vulgar necessidade;
Busquemos a verdade na evidencia,
Procuremos a lei em vez da causa;
Nós nos achamos como os outros sêres
Ás leis fataes da natureza adscriptos,
Compete-nos, é força o conhecel-as,
Dominal-as co'a previsão da sciencia.
Eis a vereda nova e a mais segura!
O raio, que atirava o deus do Olympo,

Arrancou-o das nuvens a vontade
De Franklin; e as orbitas dos astros
Newton as circumscreve pelo espaço.
Ah! como o raio são tambem as outras
Indicações da cólera divina,
As pestes e as guerras, submettidas
A leis fataes, pelo homem descobertas.
Por que existiram Religiões? Por que ellas
Se davam por seguras medianeiras
Nos arbitrios de Deus; ellas sabiam
Segredos de esconjuro, a prece e rito
Para applacar-lhe as cóleras tremendas.
Caduca a velha hypothese ante os factos;
Só no mundo das fabulas subsiste
A ficção infantil que as adormenta.
O espirito hodierno, audaz, activo
Não contempla, examina, quer vêr tudo,
Verificar, consciente, convencido.
É esta a orientação da luz—a Sciencia,
Vedado pômo das theocracias.
Precede o terremoto de Lisboa
A ruina de um mundo! o enorme abalo
Na alma moderna repercutiu, lançando
Ao vacuo as ficções vans do theologismo,
E as ôcas, subjectivas entidades.»

Diderot, que escutara, e que assentia,
Levantou-se saudando a éra nova,
Como o gigante em meio das ruinas:

«Para além do horisonte da Sciencia,
Abre-se um vacuo obscuro, immenso, frio...
Apoderou-se a Fé d'esse vazio.

Sobre o páramo escuro, cuja essencia
É ser sempre intangivel e sem dono,
A Fé fundamentou ali seu throno;

No boqueirão febril se precipita,
Julgando illuminal-o com seus raios;
Mas só produz os mysticos desmaios.

Perpassa o tempo, e hoje te indigita
Hallucinada Fé, que o não dominas!
O vacuo engole-te, e ás visões divinas.

Vae! procura outros mundos, que esse espaço
Os teus phantasmas resurgir não deixa,
Incogniscivel—a Sciencia o fecha,
Valhacouto do idiota e do devasso.»

II

D'Alembert, com a augusta segurança
De um espirito recto, que se apoia
Na convicção da immutabilidade
Das leis da natureza,—o demiurgo,
Que lavrara o frontão da Encyclopedia,
Fallou:
—É esta a grande hora da lucta,
Da lucta decisiva; a luz attrae-nos,
E a vida esvae-se a combater as trevas.
Outr'ora, nos primeiros dias do homem,
Quando a necessidade o reunira
Para atacar os grandes monstros brutos,
O Megatherium rijo, o Masthodonte,
A fraqueza de todos fez-se força
Na instinctiva liga, que origina
Da sociedade a primordial coherencia.
Coube a victoria á intelligente liga!
Da natureza physica acabaram
Os monstros indomaveis! lentamente
Novos productos monstruosos surgem,

Hydra invencivel, que se multiplica,
E incoercivel se furta aos golpes todos.
Continuâmos a primitiva lucta
Contra estes outros monstros do passado,
Que se acoutam na consciencia do homem:
Sacerdotal Superstição obscura,
Auctoridade hereditaria,—absurdos
Aviventados por paixões egoistas,
Que o cahos social sévos prolongam!
A lucta material está findada,
Sobre a creação o homem tem dominio;
Começa a nova lucta da Consciencia,
Em que o homem se insurge, e alfim um dia
Tenha o dominio, a pósse de si mesmo.»

Então Voltaire, o athleta da ironia
Que vem da segurança do bom senso,
Viu um lado ao problema, e vaticina
Da emancipação moral a hora:

A barca de Pedro

Quando se ignorava á terra o movimento,
E o homem não sabia achar no firmamento
Pelo espaço o seu marco,
Então bastava Pedro arvorado em piloto,
O rudo pescador! mas hoje pôdre e roto
Jaz sobre a praia o barco.

No horisonte de além só vendo a tempestade,
Quando outr'ora levava a pobre Humanidade
    Na curta cabotagem,
Era sempre o seu porto a fria sepultura;
Singrando a medo fez mais triste a criatura
    Na incerta viagem.

O homem dominou da natureza a força!
No couraçado, como altiva enorme corça,
    O mar todo percorre!
Foge ante a tempestade e liga os continentes,
Cingem o mundo então electricas correntes,
    Da Rasão se soccorre.

A Sciencia alargou os términos do mundo,
O germen cellular da vida achou profundo
    No longo encadeamento;
Ensinou a transpôr de um vôo as alturas,
E dos dogmas descreve as velhas estructuras
    Como um detrito lento.

Quem, hoje, ha que obedeça á voz de um patriarcha?
É tempo de varar de Pedro a velha barca
    Quebrada no areial!

Quem póde achar firmeza ali n'aquelle esquife,
Se a terra é o baixel que nos leva ao recife
Do Oceano sideral?

III

Diderot viu mais fundo:
—Separemos
Esses Poderes gémeos da mentira;
Minando um só é incompleta a obra!
Subsistem só pelo ávido conloio.
Da Liberdade de consciencia—a Hollanda
Foi o reducto inabalavel, quando
Era o braço dos Reis o algoz dos Padres.
Compete á França abrir a nova róta:
Liberdade politica! eis o lemma
Proclamado da Grecia á Renascença,
Delido em sangue pelo despotismo.
Está creada a mutua dissidencia
Entre o ignobil que propina o opio
Do dogma escuro, e o domador de feras;
Frederico da Prussia, Catherina,
José segundo, abraçam a divisa
Da pugna acerrima: *Écrasons l'infame!*
Conflagração de dois opacos mundos!
Nós não veremos o estupendo dia
O Dia da Revolução! mas longe
Transparece o clarão da nova Ordem.

Sobre o estrume do fétido monturo
Cáem germens trazidos pelos ventos,
Revestem-no de alfombras vecejantes,
De verdura e de flores perfumadas,
Desabrochando ao sol! E o que era hediondo,
Mephitico, incapaz de ser tocado,
Deu o sêr á emanação saudavel!
São assim os detritos revoltantes
De um passado já morto, onde impudente
Se fortalece o abjecto Cesarismo.
Prepotencia dos Reis, feudal arbitrio,
Intolerancia religiosa, crimes
Do fanatismo cego, privilegios,
Que inda ultrajaes a dignidade humana,
Vós formaes esse tábido monturo,
Em que germina a grande Flor vermelha,
Revolução!—que vivifica o mundo.»

IV

Da ideia as correntes luminosas
Atravessando a velha sociedade
Catholico-feudal, que se dissolve,
Surgem como o acordar da consciencia!
O banquete de Holbach era o reflexo
D'este banquete fraternal dos livres;
Em toda a parte surdem os convivas:
Junto a Bolingbroke se accolhiam
Na Inglaterra audazes pensadores;

E na Allemanha, Kant, Herder e Lessing,
Fichte e Jacobi, Laváter, Goëthe,
São os gigantes do escalado Olympo
Que incendeiam a racional favilla.
A santa incubação é precedida
De um vago illuminismo; as almas puras,
Collaborando pelo sentimento
Na crise em que o passado se derroca,
Lançam o eterno grito da revolta,
Esse Ternario ideal da *Liberdade,*
Egualdade e *Fraternidade* humana!

CANTO TERCEIRO

I

A catastrophe enorme de Lisboa
Produzira um intenso e vago abalo
Em todas as consciencias; desvairadas
Vêem na Providencia atroz ludibrio!
Os espiritos fortes não succumbem;
Sobre o universo, ousados o olhar lançam,
A lei, em vez da causa incogniscivel,
No equilibrio das forças investigam.
E n'essa mesma hora, quando á meza
Do festim do barão d'Holbach, anciosos
Eminentes espiritos sacodem
O pezadello secular, e fitam
As lucidas miragens do futuro,
Bem longe, mas na mesma cousa absortos,
Da mesma vibração moral feridos,
Outros genios tambem se fortificam
Na duvida insoluvel, proclamando
A emancipação moral do homem.

N'essa mesma hora, Kant solitario,
Concentrado em meditação profunda,
Lançava o olhar perscrutador aos orbes,
E pela só coordenação das forças,
As forças imanentes da Materia,
Reconstruiu sem Deus o universo.
E Goëthe! fecundando a Poesia
Pela verdade unanime da Sciencia,
Lança por terra o altar, que a subordina
Ás vetustas ficções do pantheismo.

II

Lançando o olhar pelo universo immenso
Kant, em estranha meditação se abysma;
E no vôo da rasão, audaz, potente
Atravessando as sombras e os absurdos,
Vasa que deixam as edades mortas,
Observa o jogo e evolução das forças
Da elaboração cosmica infinita.
Quem viu mais claro, ou alcançou mais longe?

O Firmamento

Por esse espaço aberto o olhar se espalha:
Poeira d'astros, sóes, constellações,
Como estilhaços de feroz metralha,
Se alastram nos confusos turbilhões!

O universo é o campo da batalha;
Os planetas extinctos e já frios,
Anneis quebrados, páramos vasios,
São destroços dos férvidos baldões.

O aspecto deslumbrante, aério, lindo,
Da lucida corôa zodiacal,
D'esse combate violento, infindo,
Occulta o ésto n'uma curva ideal
Serena reluzindo!
A lucta dura ha seculos sem conta,
E em suas fórmas a Materia aponta
Vestigios do conflicto primordial.

o

Como se abarcam dois athletas fortes,
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
Ambos eguaes no embate, como cohortes
Que se esmagam no espaço que as retem,
Trocando os fundos córtes:
Cahos e Cosmos, soltos degladéam,
Assim como os irmãos quando se odeiam,
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

Rompe a continua e indomita refrega,
Ribombando na gélida amplidão;

Cahos rue, a Materia desaggrega;
No vórtice da ignota repulsão
Eis, frouxa, vã se entrega!
No cadinho que as cousas gazifica
Estrellas, sêres, tudo idemtifica,
A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até á Consciencia,
Da volição até á viva luz,
Tudo volta á recondita imanencia,
A fórma ao amorphismo se reduz;
Nem substancia ou essencia
Já distingue os esparsos elementos;
Como varrem os areiaes os ventos
O átomo intangivel se produz.

Cahos venceu! No insondado abysmo
Fluctua, como envolto em nevoa, a sós,
Na convulsão final do cataclysmo,
Restituindo á Materia apoz
Seu individualismo!
Desfaz-se tudo como a solta malha,
Mas o fio enovela-se... A batalha
Retóma outro vigor, é mais feroz.

* *

Já Cosmos o combate recomeça
Como em arena de amplidão sem fim;
Procura aonde firme estabeleça
Resistencia ou apoio, aonde alfim
    Mais forte permaneça!
Mas é tudo sem pezo, tudo instavel,
Sem dimensões o átomo insecavel,
    Incoërcivel assim!

Tudo se agita em repulsão constante,
E a dispersa massa o vacuo encheu;
Fixar o que fluctúa vacillante
Cosmos procura a traça; e percebeu
    Aí triumpho ovante!
Ao vasto nimbo de átomos primévos
Se arroja, impelle-os com impulsos sevos,
    Comprime-os um instante.

Comprime-os um instante, e o giro todo
Se perturba da rotação egual;
A translação começa. Achando o modo
De combater a repulsão lethal,
    Junge átomos a rôdo!
Como ao rolar uma avalanche alpina
Augmenta ao envolver-se em neve fina,
    Irrompe além do val;

Assim por essa translação primeira
O nucleo se formou, aonde vão
Como em um rodopío de poeira
Adherindo na incerta construcção
Massa á massa ligeira.
Cosmos crê no triumpho! Mas quem orça
O tempo quando? Substitue-o a força
Na longa evolução.

Principiou a Nebulose immensa
A revolver-se, vaga, sem cessar,
Obscura ainda, gélida, propensa
Ao movimento interno, singular
Que rapida a condensa.
Os átomos congregam-se infinitos,
Como os gigantes dos vetustos mythos
O Olympo tentam juntos escalar.

Cosmos aggrega-os para a lucta ingente;
A molécula é como a legião
Elementar, tenaz e resistente;
Contra a nova energia lucta em vão
Cahos quasi impotente!
No systema do intrepido equilibrio
Quebra-se a vaga etherea com ludibrio.
Começa a affinidade e a attracção.

Como as sedentas ménadas se atiram
N'uma corêa rapida e febril,
E n'essa oscillação em que deliram
Conservam á cadencia a mais gentil;
　　As moléculas giram
Á procura, na aberta immensidade,
Da previa orientação da affinidade
Com que tecem a fórma a mais subtil.

Tudo é trevas ainda! Mas redobra
Da central Nebulose a marcha já!
Tal como enrosca os élos uma cobra,
No imo seio, onde o calor está
　　A força se desdobra—
Em outra força—a luz diamantina,
Perenne, scintillante, que fulmina,
A luz, que a côr e graça ás cousas dá.

Cosmos começa a construcção insano,
A construcção do universo; e vae
Como architecto proseguindo um plano;
Tomou por base a densidade, e cae
　　Tudo a molde no arcano.
Os deslumbrantes, sideraes systemas
São os rythmos e estrophes dos poemas,
Tudo d'esse determinismo sae.

⁂

Cahos busca o triumpho em mil azares
Na repulsão da onda refulgente;
Cria Cosmos os nucleos solares
Que vem ligar a Nebulose ingente
    Que se alastra nos áres.
Cahos ataca a creação sublime,
A vibração electrica lhe imprime
E a thermica expansão, forças dispares.

Da Nebulose a convulsão fremente
O espaço alastra com milhões de estrellas,
D'esse pó sideral resplandecente;
Formando á via-lactea a curva, fel-as
    De um brilho albi-nitente.
Cosmos á lei da rotação submette
Os corpos fragmentados, e repete
Como centros as constellações bellas.

Encheu-se o espaço de um eterno dia,
E da harmonia ignota das espheras;
Mas Cahos já redobra de ousadia,
Accumulando as coleras mais féras,
    Na lucta proseguia;
Desprende d'esses sóes, tumultuarias
Incandescentes massas planetarias
Perdidas na amplidão obscura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,
E pela acção da gravidade, immensa,
As detém; de um reflexo as illumina
E pela rotação forte as condensa.
Mas Cahos imagina
Uma invencivel traça, uma das suas...
Que se quebrem em numerosas luas
Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continúa
Na construcção do esplendido universo;
Das incoërciveis forças uma a uma
Com que o combate aquelle irmão adverso
Não rejeita nenhuma!
Do electrico fluido se apodera,
Do calor e da luz, e n'elles gera
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,
Como fizera em sideraes systemas;
Combinações organicas se criam
Realisando outras fórmas, outros themas,
Que a vida presagiam.
Oh visão inaudita da Materia!
Como da extrema dissociação etherea
Consciencia e Vida são fórmas supremas!

Cahos um golpe certo comprehende,
E imprime-lhe a mortal caducidade;
Mas contra esse defeito que desprende
O equilibrio vital em curta edade,
Cosmos já se defende:
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;
Da menor resistencia o curso vario
O põe em busca pela immensidade!

Assim, deu-lhe um poder que o transforma,
Esse eterno Protheo, célula viva,
Que busca a indefinida, a ideal norma
Reagindo contra a morte que o priva
Da consciente fórma;
Vencendo a força que lhe trunca a vida,
Transmitte a perfeição adquirida
Na ascencional série successiva.

Ainda agora a eterna lucta dura,
No dualismo tremendo que se alterna;
Cahos vae de vencida, mas procura
O momento remoto em que governa
Dissociação escura,
Para desmoronar astros jucundos,
Precipitar os sóes, embater mundos
Conflagrando-se em repulsão interna.

Para isso recolhe as energias
Que perde a evolução pelos espaços;
Irradiações da luz, as ardentias
Das ondulações thermicas, e escassos
Eccos das harmonias
Do universal concerto das espheras.
Não é debalde, Cahos, que inda esperas
Supplantar Cosmos nos vindouros dias!

Homem! que assistes á infinda lucta,
Como o que observa o drama já em meio,
Hoje o sentido intimo perscruta,
Deixa o pavido, aério devaneio
Que a visão alta enluta!
Quem ergue o véo que empana a transparencia
Da solução que buscas? Eil-a, a Sciencia
Eleva-te a consciencia, é este o meio.

A força que transforma e a que conserva
São eguaes entre si, por isso oscillam,
Cad'uma o sempiterno rythmo observa,
Na mutua successão não se aniquillam,
Nenhuma d'outra é serva.
A repulsão e a força aggregativa,
Como em dualismo Vichnu e Siva
N'um infinito identico se azylam.

Vós que brilhaes na via-lactea, estrellas,
Sol que as energias nos alentas,
Terra, que assim opaca vás entre ellas,
E a Consciencia e a Vida em ti sustentas,
D'Arte as concepções bellas,
A noção racional e a Liberdade,
Tudo são fórmas d'essa dualidade
Mas transitorias, gradativas, lentas.

III

Então Kant, esse espirito que vira
Como as forças se alternam e equivalem,
E audaz construe sem Deus o universo,
Baixa á terra o olhar, attento observa.
Um singular phenomeno estupendo!
O cataclysmo social da França
Lhe absorve a attenção toda, desviando-a
Da visão sideral; no cahos novo
Vê da violencia dos pessoaes arbitrios
Leis naturaes, perpetuas, immutaveis
Determinarem contra a Auctoridade
As condições irrevogaveis de ordem!
Momento unico! assim n'aquella mente
Póde formar-se a synthese suprema
Unificando o Cosmos e a Consciencia.
E onde todos só viram anarchia,
Uma calamidade inexplicavel,

Um diluvio de sangue e paixões brutas,
Viu a trepidação de outro equilibrio!
Sente que assiste á formação de um mundo,
Procura ancioso a marcha evolutiva.
Comprovava-lhe a historia a marcha ignota
Deduzindo da acção lenta do tempo
Accumulando enormes injustiças,
A intensidade e a direcção da força:

A Fabula moderna

Ia o Rei-Sol caminho de Versalhes,
Do enfado do ocio e do prazer exhausto;
Ás turbas que o vêem passar dá-lhes
A vertigem das pompas e do fausto.
Vistosas damas, guapos cavalleiros,
Luxuriosos abbades, vãos marquezes,
Seguem-no altivos; vão passar os mezes
Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas são planetas
D'esse centro de uma atracção sublime,
Cantam-no em panegyrico os poetas,
Porque o arbitrio seu mata ou redime!
Elle illumina e dá calor á França,
A Justiça é a espada que elle vibra;
E da nação a vida se equilibra
No tedio immenso do poder que o cansa.

E emquanto passa em coche reluzente
Erguendo o pó de uma grandeza estulta,
Saudou mudo o monarcha omnipotente
Um bando de homens que o calor sepulta:
Um bando que trabalha abrindo a estrada
Inda não prompta, que a Versalhes leva;
A comitiva rompe a custo; e séva
Paira a vista do rei como indignada:

«Miseraveis! ainda a obra em meio!
«Não sabem que hoje de Paris me movo?
«Senhor de Lafontaine! (O poeta veiu)
«Conte-me agora a Fabula do Povo,
«Do sêr abjecto que a clemencia esgota.»
Um apologo antigo contou breve,
Como essa mão que a sentença escreve
A Balthazar, mostrou visão ignota:

—Debaixo de um sol de agosto,
Na fadiga
A que a precisão obriga,
Gira da aurora ao sol posto
A formiga;

Aqui sóbe, ora ali desce,
Quasi esbarra.
De manhã, té que anoitece

Canta ociosa d'entre a messe
A cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro:
«Minha amiga!
Fome e febre... este olhar rubro...
Que negra crise descubro...
Ai formiga!»

Com frio, faminta, inquieta
Seu mal narra;
Volveu-lhe a outra:—Pateta!
Cura a febre com dieta,
Mãe cigarra.

Chasqueavas-me em Agosto
Na fadiga
Com descuidada cantiga;
Hoje vae-te, e dansa a gosto
Da formiga.

E foi o seis de Outubro o grande dia,
Da tremenda justiça! Dia amargo,
Do embate de dois mundos!
Pelo caminho que a Versalhes guia
Irrompe a multidão, que abafa ao largo
Doéstos iracundos.

Como um baixel sossóbra, assim a côrte,
A guarda real, os nobres favoritos
Entre a plebe se sómem!
No secular festim libou-se a morte,
E dos oppressos os eternos gritos
São os *Direitos do Homem!*

Póde a Lyra de Orpheo, no mundo antigo,
Com a magia do sonoro carmen,
Que era a força da Lei, vencer as féras,
Asserenar os ventos e as borrascas,
Carrear as pedras que a cidade cingem;
Tal, no mundo moderno que desponta,
A Canção de Rouget de Lisle acorda
O povo a vindicar sua justiça,
A fundar a Egualdade no Direito,
Na liga fraternal para a defeza.
E os que eram mudos pelo soffrimento
De seculos herdado, com o canto
Cobram a voz, saudando a Liberdade.

IV

Renasce a Humanidade, a eterna phenix
Do grande cataclysmo da consciencia!
O coração humano absorto pulsa
Hoje por novo Amor! Deuses, oraculos,

Monumentos triumphaes, corôas, dogmas
Cedem o passo á seducção extranha;
A Galathêa, essa animada estatua
É a Vida, o problema irreductivel!
Bichat, Lavoiser, Lamarck, audazes
Procuram surprehendel-a; ella se esquiva,
A immortal Galathêa; Magendie
Baer e Bell, febris se apaixonaram
De Pygmalião pela animada estatua;
Todos, todos procuram o mysterio
D'aquelle seio tenue que palpita,
Como o calor e fogo intimo a move,
Como ao marmor adveiu o sentimento.
Goethe se inspira em nova estrophe ardente
Do universal amor, e o Fausto exprime
Esta ancia do saber que impelle o homem,
Que se contém no mytho inconsciente
Do Prometheu hellenico a Ashavéro.
A razão e a emoção conciliando,
O grande artista solta o Verbo novo:

«No principio era o Verbo... Se um sentido
Póde a razão achar na obscura phrase,
Eil-o aqui: Quando o homem das cavernas
Inda era mudo, bestial e alálo,
Destacou-se do bruto onde era immerso
Pela articulação da Linguagem.

No principio era o Verbo... E a palavra
Que nos trouxera á sociabilidade,
Foi fixada na fórma de hieroglyphos;
Encarnou-se nos traços do alphabeto
Que o saber adquirido perpetuaram.
O perstigio da immensa maravilha
Hallucinou essas cabeças simples,
E o espirito estaca adstricto á letra!

No principio era o Verbo... A éra nova
Mobilisou a letra, pela Imprensa,
Do espirito adquirindo a ubiquidade!
Eis os seculos em commum convivio;
Da universal concordia é base a Sciencia.»

Por isso o grande artista, na hora extrema,
Na esplendida visão da Humanidade,
Ao exhalar o alento que o movera,
Gritou: Mais luz! Mais luz! lema sublime
Que aponta as vias do porvir humano.

V

Era n'uma outra edade
O homem do homem escravo!
Rojando abjecto, ignavo
Na crassa obscuridade

Das ficções, com que o astuto sacerdocio
Explorando a boçal simplicidade
Vivia inerte no ocio.

E era, n'outra edade
O homem servo do homem!
Da sua actividade
A força lhe consommem
Privilegiadas castas da nobreza,
Que fruiam pela arbitrariedade
Opulencia e grandeza.

Ficções da theologia
Ao bom senso se esvaem;
Idiotas na apathia
As castas regias caem!
E esse ente abjecto, ignaro, ente maldito,
O escravo do irmão, que o irmão servia,
Á gleba fica adstrito.

A Terra é sempre mãe! dá força a quem a toca;
Quando Anteo succumbia exhausto na batalha,
Se elle a terra tocou, vigor novo o provoca
Para a lucta; assim fez ao que a terra trabalha.

Foste o moderno Anteo, oh servo adscrito á gleba;
A terra te insuflou esse vigor activo,
E a gargalhada alvar! quem ha que a não perceba?
Com ella afugentaste o terror oppressivo.

Fizeram Religiões do trabalho uma pena,
A maldição de Deus imposta á humanidade!
A nobreza reagiu ao dogma que condemna,
Dando á devastação marcial a actividade.

Os dogmas separaram entre si as raças,
O privilegio fez perpetuar o abuso;
Mas o Trabalho, então, moralisando as massas
Trouxe a concordia, a paz; o direito entra em uso.

Anteo, filho da terra, inda hoje a luz te véda
A theologia, e diz-te do éden o precito;
Mas Galileo tirou da observação da queda
A lei que os orbes lança ao espaço infinito.

Quando Colombo expira, ao cabo de ter dado
Posse plena da terra, um ignoto hemispherio,
Copernico apparece, e o céo é conquistado,
Submette o firmamento ao racional imperio!

Que busca o homem mais na via dolorosa,
Onde ao nascer se achou envolto na mortalha?
Fazer do templo escuro a Eschola luminosa,
Fazer da Officina o campo da batalha.

———

Já das montanhas da Suissa eccôa
Cantico matinal, vozes de infancia,
Saudando Pestalozzi, santo obreiro,
Que faz do ensino o sacerdocio puro,
Vendo na criança não do Mal o herdeiro,
Mas o germen sublime do futuro:

O cantico das crianças

«Se no bloco de mármor procura
O escôpro uma estatua que é bella,
Tal no homem, sua propria feitura,
Pelo estudo o alto sêr se revela.

A criança é vergontea tremente,
Flores mostra; de fructos se inunde!
Seja a luz do saber quem a alente,
E o calor da verdade a fecunde.

Pestalozzi! oh alma opulenta,
Déste a Eschola alegria na lida,
Foste o rio na calma sedenta,
Foi o ensino o teu dogma na vida.

Quando um dia te davam corôas
Tendo mortas, ai, tantas esperanças,
Tu sorriste! eram santas e bôas
E tornaste-as a dar ás crianças.

Vêde, eis Frœbel! o ensino intuitivo,
Como attrae e seduz o intellecto!
Como á férula arranca o cativo,
E a razão lhe avigora no affecto!

No ocio alegre da eschola, cantemos
Esses nomes em férvidos hymnos,
Pestalozzi e Frœbel amemos
Do futuro os obreiros divinos.»

N'esta laboriosa e activa convergencia
Um novo Sêr moral se eleva, o deus apeia;
Do espirito e materia acaba a dissidencia,
Faça-se o accordo emfim entre a acção e a ideia.

OS GRANDES GRITOS

PRELUDIO

Quando o homem vê sua a Ideia, a liberdade,
Quando julga alcançar a luz de outro horisonte,
Pela tremenda lei fatal do atavismo
Surge Napoleão:
Bestial propensão
De vêr correr o sangue—incita á humanidade;
Ao bruto baixa o homem outra vez a fronte;
A especie regressou ao seu canibalismo.

I

A sepultura do Heroe

Sempre o revés succede-se a victoria,
Fluxo e refluxo d'esta onda humana!
E quanto fôr a audacia mais notoria,
Vem a derrota sempre mais insana;
E quanto fôr mais deslumbrante a gloria,
Mais a catastrophe esse brilho empana.
Mas a Aguia que se libra lá na altura
Só póde ter o mar por sepultura.

«A sepultura! e qual será a minha?
Digna do heroe, austera e com grandeza?
Nenhum imperio o meu poder detinha,
Fiz meu quanto alcancei na redondeza;
Talhei purpuras; báculos sustinha,
A cada general dando a realeza;
E ao Deus dos Exercitos, proscripto
Pelu Rasão, mandei dar-lhe o infinito.

Filhas de reis entraram no meu leito,
E de reis me servi com apparato;
De jungir povos ao meu carro affeito
Era o meteoro atroz do desbarato.
De Carlos Magno e Cesar o preceito
Tentei na Europa convertel-o em facto,
Amalgamando tudo n'um Imperio
Para mim; mas formava um cemiterio...

Dos triumphos eu fui seguindo a róta;
Mas o curso das cousas quem o véda,
Oppondo-se ao refluxo, á força ignota
Que os tropeços da evolução arreda?
Ao cyclo triumphal vem a derrota,
Da grandeza ao fastigio segue a queda;
Caírei d'esta altura que hallucina,
Mas serei grande até na propria ruina.

Hei de affrontar impávido o destino;
Como o rei Carlos Quinto em Sam Justo
No proprio funeral cantava o hymno
Junto do catafalco, em pé, sem susto;
Se esta ambição prescruto e examino,
Excederei aquelle animo augusto,
Abrindo a sepultura, onde os meus ossos
Fiquem a salvo dos feraes destroços.

Arrebatavam-se os heroes antigos
Para junto dos deuses n'outras éras;
Outros, em ti oh fogo, os seus jazigos
Buscaram, com que os corpos incinéras.
Os reis hunicos tinham seus abrigos
Na morte, contra os homens, contra as féras,
No alvêo, onde não vão hyenas, ursos,
Dos rios desviados dos seus cursos.

Como eu, eram tambem devastadores;
E sobre os fluviaes leitos descobertos
Fazia-se a hecatombe dos senhores,
Das mulheres e servos os mais certos;
Findada a cerimonia dos horrores,
Os rios vinham aos alvêos abertos,
E assim ficava o rei em monumento
Dos ultrages dos seculos isemto.

No percurso do Lena, da Asia ao Rheno,
Attila a morte e o pavor espalha;
De Theodorico o barbaro, ao aceno
O colosso de Roma se escangalha;
Ambos querem o tumulo sereno
Ambos querem a humida mortalha,
No alvêo dos grandes rios desviados
Para accòlher os corpos derrubados.

Qual hade ser a minha sepultura?
Achei, achei! o cúmulo da gloria:
O curso que a Revolução procura
Desviarei! A obra é transitoria,
Mas na caudal da aspiração mais pura,
E sob a vasa de quanto ha na historia,
N'esse alvêo ficará minha cubiça:
Eu, em vez do Direito e da Justiça.

Eu levarei a guerra além aos povos,
Destruindo essa ideal *Fraternidade;*
Faço a hecatombe dos principios novos,
Meus generaes co's reis tem *Egualdade!*
Amparando os catholicos renovos
Contramino a futura *Liberdade,*
Aos monarchas boçaes forço á Alliança
Para matarem das nações a esperança.»

*

Audaz, Napaleão assim pensára,
E desviou o curso da corrente
Dos factos, por onde o homem affirmára
O Direito entre os povos do Occidente.
Milhões de vidas na hecatombe ignára
Trucida ao seu orgulho, e de repente
O curso volve ao leito natural
Onde sepulta o hediondo canibal.

II

Napoleão moribundo

Como o grande astro, pallido e já frio
Vae a afundar-se lento no horisonte!
Olhos vagos do extremo desvario
Dão um sinistro aspecto áquella fronte!
A fronte sombra gélida a cobriu,
Como os nimbos no vertice do monte;
Aguia que vae morrer saccode as ázas,
Tal se agitou e disse então:
—Las Casas?

«Estás aí? És sempre o egual amigo,
Mais vinculado a mim pela desgraça!
Attenta nas palavras que ora digo,
A custo sae a voz já surda e baça!
Um pezo enorme aqui, duro castigo,
Me opprime o peito; augmenta e ameaça;
Repara, arquejo de agonia e medo,
Tira de sobre o peito este penedo...

Sim, um penedo! Alguem o detem sobre
O peito exhausto para meu desdouro;
Serei eu como o sapo que se encobre
Sob a pedra? ou recondito thesouro?
Eis-me oppresso! sem ár, nem luz que sóbre,
Acovarda-me o pezo d'esse agouro...
A pedra o gelo seu me communica,
E como a pedra o corpo inerte fica!

Ouve! Acordei d'um somno longo e aziago,
Na vertigem da febre que devora;
Prostra-me o pezadello máo, persago
Que me levou além dos mundos fóra.
Por onde eu ia me seguia o estrago,
Pude então meu destino lêr; e agora
A mim voltei; ah sobre mim o bloco
Assim encontro!... e como o palpo e toco!

Fatalidade immensa; fim medonho!
Menos que Prometheu do mundo antigo!
Como Sysipho ao bloco não me opponho,
Nem faço como Ajax da rocha abrigo.
Succumbo; escuta o tenebroso sonho,
Attenta na visão que aqui te digo,
Verás d'onde caíu este penedo
De que fiz pedestal... guarda segredo:

Vi-me perdido, como outr'ora o Dante
Não na floresta escura, mas bem perto
De uma montanha que encontrei diante
Do passo temerario, vão, incerto;
No flanco da montanha a mais gigante
Achei um antro lôbrego e aberto;
Quiz conhecer o goso de ir perdido,
E entrei, com esperança, destemido.

Era um algar profundo, escuro, mudo,
Gotejando a humidade e a doença;
Frio como o terror! e mais que tudo
Ermo como o que nunca teve crença.
Com a audacia da edade o passo ajudo
Através da visagem feia e densa;
Quero ir lá dentro ouvir a pythonissa
Na solidão dos que só têm justiça.

Era a via subtérrea, má, sem tento,
De baixo da montanha aos céos erguida;
Interminavel como o soffrimento,
Desconhecida como o entrar da vida.
Foi impavido adiante o pensamento,
Quem romperia a tétrica avenida?
Oh não foram por certo as alimarias,
Sim, bem o sei, foi geração de párias.

Parecia que o pezo da montanha
Já o sentia no offegar cansado;
A crassa escuridão era tamanha
Que ultrapassava os dogmas do peccado.
A tristeza que o peito ali me banha
Similhava a do homem ultrajado;
Silencio egual ao seculo confuso
Que não deixou protesto contra o abuso.

E tacteando trépido, prosigo
Como o que deu por falta e em vão procura;
Mas, como a tradição d'um tempo antigo
Paralisa-me uma humidade escura;
Senti-me vérme dentro de um jazigo,
E vi que a vida quer a luz só pura;
E dentro, lá nos infimos cancéllos,
Ouvi ruidos como de martellos.

Pancadas longas, de quem rompe e excava,
Na compacta pedreira e a derruba;
O som pela caverna retumbava!
Fui avançando, quer eu desça ou suba
Mais se distingue a varia faina brava,
Como o leão quando sacode a juba;
Ais e vivas, lamentos e cantigas
Soam, como animando nas fadigas.

Cheguei mais perto! Vi-os; eram tantos...
Cataduras de cyclopes, de atlétas!
Rostos sulcados por calados prantos,
Peitos transidos por ignotas setas;
Na expressão moral brutos e santos;
Tão ingenuos como almas de poetas;
Rudos, leaes e rotos, mas contentes;
Chamam isto—trabalho, aquellas gentes.

Levantavam os malhos contra a rocha,
Responde ella com afiadas lascas;
E quando no trabalho a força afrôxa,
Um canto anima as vacilantes vascas;
O canto ou grito da agonia roxa,
Çà ira! voz das intimas borrascas,
Vinha ao bater do malho dar compasso,
Trazer alento no mortal cançasso.

Muitos caíam já sem força, em terra,
Mudos outros ficavam sepultados
Nas barreiras por culpa d'este que erra,
Indo minar em perigosos lados.
Mas que poder sublime o canto encerra!
Çà ira! levam eccos prolongados,
E ao trabalho de novo mettem hombros,
Na dor e na coragem sempre assombros.

Cheguei mais perto, ao perto dos mineiros:
—Oh raças condemnadas ao trabalho,
Criadas na fadiga, e os primeiros
Que procuraes romper tão longo atalho!
E para quem do Gólgotha o madeiro
Só produziu da forca o esteril galho;
Que sentença condemna a essa lucta
De vencerdes a natureza bruta?—

«Vamos minando o alteroso monte,
«E temol-o furado pela base!
«Procuramos a luz d'outro horisonte,
«Nós sentimol-a! é esta a nossa phrase.
«Sem um fanal que a via nos aponte,
«Vamos errantes, acertando quasi,
«Mergulhados no frio e escuridade,
«Dá-nos alento o ideal da Liberdade.

«Ha gerações, que aqui nasceram méstas;
«E que se nasce livre aquella ignora!
«Outra trabalha equiparada ás bestas,
«E pensa que só vive quando chora.
«Umas caem na vala; restam estas
«Na esperança de achar a nova aurora!
«Sobre nós a montanha pesa horrenda
«Na tradição de seculos tremenda.

«*Çà ira!* Pois Encélado palpita
«Sacudindo a montanha sobre o dorso;
«A montanha é a tradição maldita,
«Immovel como os dogmas do remorso,
«Impassivel como uma lei escripta...
«Nós proseguimos no baldado esforço,
«Para que os filhos de nossos filhos vejam
«A luz que os nossos olhos tanto almejam.

«Nós transmittimos o fatal legado
«Que herdámos sem saber como, nem quando...»
E quando olhava para aquelle lado
Aonde o *Çà ira!* ia eccoando,
De repente ficou tudo callado!
Vi transluzir clarão suave e brando...
Jorros de luz que as trevas longe sómem,
Eu conheci, era os *Direitos do Homem!*

Por ti que gerações foram á vala
Affirmando o que a tradição mais nega!
E emquanto o pranto em cada rosto fala,
E a vêr a claridade cada um chega,
Lembrou-me a mim dever eu gradual-a
A diaphana luz que os olhos cega:
— Oh! parae um instante; sabei que essa
Luz repentina é como a treva espessa.

Confiai hoje em mim; que eu vá adiante
A vêr se algum abysmo aí está aberto;
Quem sae da escuridão não vê distante,
Sustae o passo trépido e incerto. —
Como entra o mensageiro alegre, ovante
Na Promissão, saindo do deserto,
Emquanto choram n'uma effusão terna,
Cheguei então á bocca da caverna.

Que mundo extranho! que planicie infinda,
Que ár saudavel, tépido e fagueiro!
Que céo azul, que paizagem linda!
A harmonia embalava o mundo inteiro.
Bloco enorme de pedra estava ainda
Na bocca da caverna sobranceiro,
Cresceu-me esta ambição damnada minha,
E vi a fragil lasca que o sustinha.

Á posse d'esse mundo a mente eu alço;
Senti o egoismo de querer tal mundo
Só para mim; e eu, misero e falso,
Inda escutando o cantico jocundo,
De prompto o bloco intrepido descalso,
Rolou a pedra da caverna ao fundo;
E como o que entaipou no antro o urso
Pensei interromper do tempo o curso.

Sepultos outra vez deixei em trevas
Miseraveis que seculos luctaram;
Abafei-te, Hymno ardente que sublevas,
Puz um dique ás torrentes que vasaram.
Cubri o quadro das angustias sévas
Que a Tradição e a Ordem ameaçaram;
Sobre essa pedra eu lobriguei a gloria,
Fiz ali pedestal perante a Historia.

Ouves, Las Casas? Choras fiel amigo?
A custo sae-me a voz já surda e baça...
O meu destino foi, á força o digo,
Missão de um bloco em sua inerte massa.
Eu o sinto opprimir-me por castigo
O peito, e com seu pezo me ameaça;
No estertor de Job, ai se me ouvissem!
Melius erat si natus non fuissem.»

o

Como se afunda do alto do oceano
A mó do Apocalypse amaldiçoada,
Tal para sempre no desprezo humano
Se imerge esta existencia egoista, errada.
Vomitou destruição o ignobil cano,
Da morte e do que é morto fez parada!
E se a dor sente alivio no improperio,
Sirva-lhe de alvo a sua vida e imperio.

III

Os Semeadores da Peste

Populações miserrimas, transidas
Pelos campos e burgos com o medo,
Da Peste negra que lhes ceifa as vidas
Vêem alçar-se o braço aziago e tredo.
Por mortandade vasta surprehendidas,
Prostradas no terror gelido e quedo,
Em vão procuram d'onde vem o mal,
N'essa espantosa noite medieval.

Não tinha a Sciencia ainda illuminado
Das mil superstições o antro escuro,
E o seu verbo eloquente era abafado
Pelo alarido convulsivo e duro
Dos que choram em choro prolongado
Do Joven-Deus o transe prematuro;
E na hallucinação d'esse terror
Viam passar da Peste o Semeador.

Eis a Dansa da Morte que além passa;
Leva papas e reis pelos cabellos;
A semente da Peste horrivel grassa,
Entre os filhos e irmãos quebram-se os élos!
Não se resiste! a vida é fraca e lassa,
Seguem-se uns sobre os outros os flagellos;
Alfim da Sciencia espalha-se o clarão,
Dissolve os germens da destruição.

E como se dissipa a vã chimera
Oppressiva do espirito doente,
A razão, como a aurora da nova éra,
Extinguira a pestifera semente!
O terror medieval já não altera
Mais o labor dos povos do Occidente?
Tudo em vão! nasce um virus singular,
Peior que a peste — a lenda militar.

Qual do cadaver o miasma infecto
Vem atacar o vivo e o destróe,
Tal de Napoleão, grande e abjecto,
A lenda heroica para a Europa foi!
A lenda que degrada o animo recto,
Que a energia do espirito corróe,
Que faz com que d'um imbecil traidor
Se alevante mais um imperador.

Entre os povos cansados e indifferentes,
Rhetoricos, poetas e pintores,
Foram esses, com mãos inconscientes,
Da pestifera lenda semeadores;
Espalharam em traços surprehendentes
Das batalhas do Imperio altos rumores;
Da peste napoleónica o afan
Rompe em *Dous de Dezembro* e em *Sédan.*

Da pestifera lenda um Bonaparte
Saíu! o miseravel parricida!
O destino da patria foram dar-te
Para mantel-a, e foi por ti trahida!
Minaste a dignidade em toda a parte
Onde ella se accoutava foragida;
E a energia da nação viril,
Para mais dominar, tornaste-a vil.

O povo, o povo bem envilecido
Aos canhões allemães foste leval-o,
Como se purifica no brazido
Cancro que lavra, ou insensivel calo!
D'essa lenda pestifera saido
Tem as guerras que ao mundo dão abalo;
Mas dos selvagens pela arteira mão
Quebrou-se o élo á absurda tradição.

AS PEQUENAS NACIONALIDADES

Foram as santas mulheres
Em prantos e alaridos
Á visita do sepulchro
Onde está morto Jesus!
D'aquelle semblante pulchro,
Que a dôr converte em prazeres
E consola os desvalidos,
Buscavam a doce luz.

Lá pelo caminho alpestre
Ouviram clamar, dizendo:
— Foi o corpo arrebatado
Em nuvem de gloria aos céos! —
No estranho successo crendo,
De povoado em povoado
Proclamam divino o Mestre,
Despem os funebres véos.

•

Assim foram em visita
Ao tumulo onde jaz morta
Sua santa Liberdade
Tres desoladas Nações!
— A força bruta, que importa,
Se o protesto ressuscita? —
Clamavam com anciedade
Na via das oppressões.

— Ressuscita no martyrio! —
Apregôa exhausta a Irlanda.
— Ressurge para o combate! —
Brada a Polonia tambem!
Quebrada a algema execranda,
Sublime, em vago delirio,
Do sonho do seu resgate
Acorda a Grecia! eil-a vem.

Como a santa mulher, que anda
Espalhando a boa nova
Do Mestre que ressurgira,
Na sincera affirmação;
A Grecia, a Polonia, a Irlanda,
Cada uma á beira da cova
Da mortalha que despira
Talha o fraterno pendão.

NOTA

Com o presente volume fica realisado o pensamento de uma Epopéa cyclica da Humanidade, esboçado em 1864 na *Visão dos Tempos* e *Tempestades sonoras*, proseguido em 1865 na *Ondina do Lago*, e em 1869 nas *Torrentes*. Dois processos artisticos tinhamos a seguir na elaboração d'este plano; o primeiro consistia em tomar a Humanidade como uma entidade ideal e celebrar a continuidade da sua evolução encadeando em volta d'ella, como em uma biographia individual, todos os actos em que se tem conquistado e affirmado o progresso humano. Este processo exige uma immensa abstracção synthetica, e para corrigir esta incompatibilidade com os meios pittorescos da poesia, seria preciso recorrer ás personificações allegoricas, que aggravam a falsidade da concepção, destroem a emoção artistica e se tornam verdadeiramente inintelligiveis sem uma chave artificial, cuja interpretação critica é deploravel mesmo nas obras mais sublimes, como a *Divina Comedia* ou o *Fausto*.

O segundo processo consiste em tomar as grandes situações da Historia pelo que ellas têm de dramatico, dando-lhes relêvo de modo que o sentido racional seja evidente como ideal que universalisa o facto, e como verdade que o torna bello. A idealisação por esta fórma

é uma synthese em que a abstracção desapparece pela expressão concreta de um mytho consciente. Cada facto é completo em si, e por isso o poema em que é idealisado adquire a perfeição e o esmero que se não encontram nas largas composições; o agrupamento logico e historico de todos os poemetos dá-lhes um intuito superior, como as notas soltas que constituem a harmonia humana. Por este meio segue-se a mesma marcha do phenomeno natural das epopêas tradicionaes, que foram formadas pelo agrupamento cyclico de poemas isolados, que para o *Mahabbaratha* são os *ithyasas*, para o *Avesta* os *gathas*, para a *Illiada* e *Odyssêa* as *rhapsodias*, para as *Gestas* frankas as *cantilenas*. Reproduz-se assim a natureza sem que se possa apodar esta phase positiva da Arte com a boçal ironia dos que só vêem n'isto uma cousa a que chamam—*pôr a historia em verso*. Augusto Comte definindo a Arte o processo de uma representação ideal da realidade com o intuito de coadjuvar o nosso instincto de perfectibilidade, determina com lucidez o objecto da Poesia: «Ella cantará consecutivamente o poder material da Humanidade, o seu aperfeiçoamento physico, o seu progresso intellectual e sobretudo a sua perfeição moral. Antipathica a toda a analyse, a Arte nos explicará a natureza e a condição da Humanidade, representando-nos o seu verdadeiro destino, a sua lucta continua com uma dolorosa fatalidade, convertida em fonte de felicidade e de gloria, sua lenta evolução preliminar e suas altas esperanças vindouras.» N'estas palavras de Comte, na *Politica positiva*, encerram-se os contornos da epopêa da Humanidade deduzidos da historia: a dolorosa *fatalidade*, a *lucta* continua e tenaz do homem, a evolução conseguida fazendo-lhe presentir nas suas altas esperanças a *liberdade* vindoura. Esta ultima phase do cyclo épico está mais claramente definida por Comte na critica dos grandes poetas do

principio d'este seculo pertencentes ainda á corrente da dissolução metaphysica: «Já Goëthe e sobretudo Byron presentiram a grandeza moral do homem *libertado de toda a chimera oppressiva.* Comtudo elles não poderam conseguir senão typos insurreccionaes, conformes ao seu officio revolucionario. É preciso sair d'este estado negativo onde os seus genios estavam fechados pela sua situação, e elevar-se á contemplação positiva do conjuncto das leis reaes, sobretudo sociologicas, para cantar dignamente o novo homem...» A Historia tomada como o thema geral para a renovação da Arte, é-nos imposta pelos proprios progressos da Arte nas suas relações com a civilisação; a Arte moderna distingue-se da antiga por ter por principal objecto de idealisação a vida domestica. Uma vez levadas estas fórmas á perfeição no romance, no drama e no lyrismo subjectivo, é preciso que a Arte se complete inspirando-se tambem da vida publica, desde a aspiração nacional até á comprehensão philosophica da solidariedade humana. Comte viu bem esta dupla relação: «Ao mesmo tempo, o desenvolvimento geral da existencia domestica tornava-se eminentemente favoravel á Arte. A poesia podia tambem começar a apoderar-se do *dominio historico, que deve finalmente ai prevalecer:* a evolução occidental fornecia já o campo sufficiente, sobretudo depois do advento do monotheismo, e o futuro annunciava-o assás para que se podesse idealisal-o.» A corrente da civilisação européa determina esta transformação esthetica como subordinada a novos elementos da mentalidade, e é isto o que torna irrefutavel o ponto de vista de Comte, que abre a parte dynamica da Sociologia com estas palavras: «O seculo actual será principalmente caracterisado pela irrevogavel preponderancia da Historia em philosophia, em politica e mesmo na poesia.» O criterio historico trouxe descobertas enormes á sciencia, como um novo ideal á

poesia; por isso Comte insiste: «A Arte nova ver-se-ha chamada para fazer dignamente reviver todas as edades anteriores, das quaes algumas já estão bastante idealisadas, sobretudo por Homero e Corneille.» Modernamente Victor Hugo, pela intuição do genio, veiu da poesia insurreccional e romantica das *Odes*, das *Orientaes* e dos *Chatiments* para a synthese historica da *Legende des Siècles;* porém o seu vago espiritualismo christão, o fogoso radicalismo exacerbado pela rhetorica do estylo romantico e a incoerencia metaphysica de aspirações que se substituem ás ideias ou encobrem a sua deficiencia, não lhe deixaram seguir um plano fundamental, ficando assim fragmentarios na *Legende des Siècles* alguns elementos bem dignos de se encorporarem á epopêa definitiva.

A éra moderna da Arte resume-se no accordo entre o sentimento e a razão, como o presentiu Sophie Germain; é pela disciplina fecunda da Philosophia positiva, que se fortalece o espirito n'esse accordo entre o subjectivo e a realidade. Á Philosophia positiva, que systematisou este accordo, devemos o pensamento fundamental da obra que hoje completamos, e que em uma edição integral coordenaremos pela seguinte disposição, em que a unidade do plano e o seu fim se tornam evidentes:

I

CYCLO DA FATALIDADE

A TRADIÇÃO.

OS SECULOS MUDOS:

I Prima Deorum Tellus.
II Os Trogloditas.

III A Tetrápole.
IV A ira de Deus.
V Migração das Raças.

II

CYCLO DA LUCTA

A HISTORIA.

DILUCULO ORIENTAL:

I A Linguagem dos Mythos:

Quando as pedras fallavam.
O Masthodonte.
O pesadello dos tumulos.
Primus in orbe fecit Deus timor.
A muralha.
A Perola d'Ophir.
A Odalisca.

II Harpa de Israel:

Stella matutina.
Na torrente de Cédron.
A sombra do Propheta.
A estrella dos Magos.
Sémida.
Ave Stella!
Fim de Satan.
O Deserto de Deus.

A AURORA DO OCCIDENTE:

I Antiguidade homerica:

A Bacchante.
Velhice de Homero.

Infancia de Homero.
Fuga d'Eschylo.

II Orbe romano:

As Ceas de Nero.
O sepulcro de Virgilio.
O Gladiador.

III Rosa mystica:

A Vinha do Senhor.
Baptismo de Fogo.
Dilexit multum
Arabesco d'uma janella gothica.
Spásimo.
Savonarola.
Dythirambo dos mortos.

IV Os Paladins do Amor:

Ondina do Lago.
Bravo d'Uiraçaba.
Phrase de Miguel Angelo.
O Poema de Camões.
O riso de Cervantes.
A confissão de Calderon.
O Rosario.
A dor do leite.

III

CYCLO DA LIBERDADE

A PHILOSOPHIA.

O BANQUETE DOS LIVRES.

VERTIGEM DO INFINITO.

OS GRANDES GRITOS:

I A sepultura do Heroe.
II Napoleão moribundo.
III Os Semeadores da Peste.
IV O caminho do Sepulchro.

É esta a longa serie dos poemetos que virão a formar por um encadeamento dogmatico esse esboço da Epopêa cyclica da Humanidade, a que chamámos no nosso primeiro tentame *Visão dos Tempos,* titulo que ficará definitivo. O *cyclo da Liberdade,* agora representado na sua phase insurreccional pela idealisação do encyclopedismo do seculo XVIII, e pela deploravel regressão do militarismo napoleonico do começo do seculo XIX, só poderá tornar-se completo tomando pór thema a *actividade industrial,* que caracterisa a edade moderna. A Arte reflectiu sempre os carateres da evolução social; ao periodo sacerdotal e theocratico correspondem os mythos, que ainda hoje subsistem; ao periodo militar e guerreiro pertencem as lendas épicas e nacionaes; por ultimo, ao periodo industrial e democratico, devem competir fórmas de Arte que idealisem o trabalho pacifico e a confraternidade humana. Qual será, pois, a poesia da industria? O celebre economista Dunoyer, na sua obra importante da *Liberdade do Trabalho,* deduzindo da marcha historica o periodo industrial da civilisação humana, transcreve estas bellas palavras de Lamartine, inapreciaveis pela organisação que as formulou: «Ha poesia mais verdadeira n'este movimento febril do mundo industrial que torna o ferro, a agua, o fogo, todos os elementos, os escravos animados do homem, do que na inercia da ignorancia e da esterilidade, e no repouso contemplativo de uma natureza inactiva.» É preciso crear as fórmas estheticas correspondentes a uma situação moral e social tão claramente conhecidas. *Tentanda via est.*

INDICE